



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS  
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**DEBORA CRISTINA COSTA**

**CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA NO ESPAÇO ENTRE-LÍNGUAS:  
MARCAS DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE IMIGRANTES HAITIANOS**

**CHAPECÓ  
2016**

**DEBORA CRISTINA COSTA**

**CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA NO ESPAÇO ENTRE-LÍNGUAS:  
MARCAS DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE IMIGRANTES HAITIANOS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Angela Derlise Stübe.

CHAPECÓ  
2016

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

### DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Costa, Debora Cristina

Constituição identitária no espaço entre-línguas:  
marcas discursivas em narrativas de imigrantes  
haitianos/ Debora Cristina Costa. -- 2016.  
106 f.

Orientadora: Angela Derlise Stübe.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2016.

1. Língua. 2. Sujeito. 3. Constituição identitária.  
4. Imigrante. I. Stübe, Angela Derlise, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**DEBORA CRISTINA COSTA**


**CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA NO ESPAÇO ENTRE-LÍNGUAS:  
MARCAS DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE IMIGRANTES HAITIANOS**

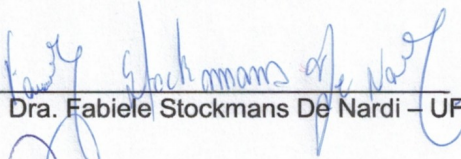
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendida em banca examinadora em 01/12/2016.

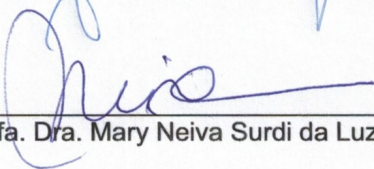
Orientador(a): Profa. Dra. Angela Derlise Stübe

Aprovado em: 01 / 12 / 2016

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Presidente/Orientadora: Profa. Dra. Angela Derlise Stübe - UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Fabiele Stockmans De Nardi – UFPE

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mary Neiva Surdi da Luz – UFFS

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira – UFFS

**Chapecó/SC, Dezembro de 2016.**

Dedico essa conquista aos meus pais,  
Antonio e Lourdes, com amor.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela constante presença em minha vida e pela força necessária para que eu chegasse até aqui.

À minha família, pelo incentivo, apoio e compreensão das minhas ausências.

À minha orientadora, profa. Angela, pelos conhecimentos partilhados, pela orientação dedicada e exigente, pela confiança e pelo incentivo.

Aos professores da banca, profa. Fabiele, profa. Mary Neiva e prof. Eric, por aceitarem o convite, pela disponibilidade e pela leitura cuidadosa do meu trabalho, com apontamentos e sugestões importantes.

Aos demais professores do Mestrado em Estudos Linguísticos, pelos ensinamentos e pelo conhecimento dividido.

Aos colegas da turma de mestrado, pela amizade, companheirismo, alegrias e por tudo que vivemos neste intenso período.

Às queridas colegas de estudo e trabalho, Lia e Stefani, obrigada pelas caronas, pelas conversas, pelas risadas.

À querida Eliana (*in memoriam*), pelo companheirismo, pela alegria de viver, pelos momentos que compartilhamos e pela amizade, que sempre guardarei comigo.

Ao Givaldo, pelo carinho, incentivo e compreensão nos momentos em que não pude me fazer presente.

Ao “grupo de estudos da profa. Angela”, pelos encontros, pelas leituras, pelas contribuições ao meu trabalho.

A todas(os) aquelas(es) que estiveram ao meu lado neste período e contribuíram, de uma maneira ou de outra, para que eu concluísse mais essa etapa.

Aos participantes da minha pesquisa, imigrantes haitianos, por aceitarem o convite e o desafio de falar de si.

À UFFS, pela oportunidade e pela concessão de horas.

### **Não sei quantas almas tenho**

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.  
De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é.

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem,  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: "Fui eu?"  
Deus sabe, porque o escreveu.

**Fernando Pessoa**

## RESUMO

Esta pesquisa busca investigar aspectos da constituição identitária de imigrantes haitianos que vivem em Chapecó/SC e que estudam na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que nos permitam compreender como a relação entre línguas e culturas produz efeitos de identificações do sujeito. Considerando que na perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD) o sujeito se constitui na/pela linguagem, buscamos identificar em suas narrativas - no discurso de si - marcas, cicatrizes discursivas produzidas pela relação entre línguas e culturas, entre as línguas materna e estrangeiras, e como essas marcas funcionam na constituição identitária desses imigrantes. A partir do pressuposto de que qualquer relação linguística é uma relação entre-línguas, formulamos a hipótese de que os imigrantes haitianos vivem o conflito e a tensão entre as línguas maternas e estrangeiras, provocando efeitos de resistência, interdição e silenciamento diante da língua do outro. Nossa pesquisa está embasada nos pressupostos teóricos da AD de linha francesa e nos ancoramos em trabalhos fundadores de Michel Pêcheux, Maria José Coracini, Eni Orlandi, Jacques Derrida, entre outros, que tratam da relação língua e sujeito. Trabalhamos com noções de língua, discurso, sujeito, constituição identitária e subjetividade. Destacamos que, pelo viés da AD, a língua é vista como não transparente, heterogênea, sujeita à falha e ao equívoco, e é através do discurso que ela se materializa. A metodologia adotada foi a realização de entrevistas semiestruturadas, possibilitando retomadas do dizer ao entrevistado, pois consideramos que é pela linguagem em uso que se produzem os sentidos, que os fatos se abrem às interpretações e que o sujeito se inscreve no mundo. Após a transcrição das entrevistas, por meio da materialidade da língua e pelo gesto de interpretação, foi possível observar aspectos da constituição identitária e discutir-os segundo os dispositivos teórico-analíticos da AD. Através de uma grande marca discursiva, a enunciação vacilante, caracterizada por modalizações presentes no discurso, conseguimos encontrar traços, marcas de resistência, interdição e silenciamento dos imigrantes haitianos diante da língua portuguesa, a língua do outro, sustentando, dessa forma, nossa hipótese.

**Palavras-chave: Língua. Sujeito. Constituição identitária. Enunciação vacilante. Imigrante.**



## ABSTRACT

This research seeks to investigate aspects of the identity's constitution of the Haitian immigrants living in Chapecó/SC that study in the Federal University of the Southern Frontier (UFFS), that allow us to understand how the relation between languages and cultures produces effects of identifications of the subject. Considering that in the theoretical perspective of Discourse Analysis (AD), adopted here, the subject is constituted in/by language, we seek to identify in their narratives - in the discourse of self - marks, discursive scars produced by the relation between languages and cultures, between mother tongue and foreign language, and how these marks work in the identity's constitution of these Immigrants. Based on the assumption that any linguistic relationship is an inter-language relationship, we hypothesize that Haitian immigrants live the conflict and tension between mother tongue and foreign languages, provoking effects of resistance, interdiction and silencing before the language of the other. Our research is based on the theoretical assumptions of the AD of French line and we anchor ourselves in founding works of Michel Pêcheux, Maria Jose Coracini, Eni Orlandi, Jacques Derrida, which deal with the relation between language and subject. We work with notions of language, problematizing maternal and foreign language(s), discourse, subject, identity's constitution and subjectivity. We emphasize that, due to AD bias, the language is seen as non-transparent, heterogeneous, subject to failure and misunderstanding, and it is through the discourse that it materializes itself. The methodology adopted was the realization of semi-structured interviews, making it possible to resume the speech of the interviewee, since we consider that it is through the language in use that the senses are produced, that the facts are open to interpretations and that the subject subscribes itself to the world. After the transcription of the interviews, through the materiality of the language and the gesture of interpretation, it was possible to observe aspects of the identity constitution and discuss them according to the theoretical-analytical devices of AD. Through a great discursive mark, the vacillating enunciation, characterized by present discourse in the discourse, it was possible to find traces, marks of resistance, interdiction and silencing of the Haitian immigrants in front of the Portuguese language, the language of the other, thus sustaining our hypothesis.

**Keywords: Language. Subject. Identity constitution. Hesitant enunciation. Immigrant.**

## **LISTA DE SIGLAS**

AD - Análise de Discurso

FD - Formação Discursiva

E1, E2... - Entrevistado 1, Entrevistado 2...

PROHAITI - Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para Estudantes  
Haitianos

SD - Sequência Discursiva

UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul

## LISTA DE SÍMBOLOS DAS TRANSCRIÇÕES

/ - pausa curta

/// - pausa longa

[inc.] - incompreensível

**[xxxxxx]** – comentário/interferência do pesquisador

[...] - supressão de determinado trecho da fala

XXXXXX – maiúsculas – entonação enfática

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I - INICIANDO O PERCURSO.....</b>	<b>19</b>
2.1	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	20
<b>2.1.1</b>	<b>Descrição do <i>corpus</i> e organização da análise.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.2</b>	<b>Condições de produção: outros rostos da imigração no Brasil.....</b>	<b>24</b>
2.2	O FIO CONDUTOR: A ENUNCIÇÃO VACILANTE.....	29
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II - O ENCONTRO COM A LÍNGUA.....</b>	<b>32</b>
3.1	CONCEPÇÃO DISCURSIVA DE LÍNGUA.....	32
3.2	ENTRE A LÍNGUA MATERNA E A LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	34
3.3	MARCAS DA RELAÇÃO ENTRE-LÍNGUAS.....	55
<b>3.3.1</b>	<b>Resistência diante da língua do outro.....</b>	<b>56</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Interdição e silenciamento.....</b>	<b>60</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III - A INCOMPLETUDE DO SUJEITO.....</b>	<b>68</b>
4.1	A RELAÇÃO SUJEITO, DISCURSO E IDEOLOGIA.....	68
4.2	EFEITO DE IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO.....	73
4.3	O SUJEITO IMIGRANTE.....	76
4.4	CULTURA: UMA QUESTÃO DE IDENTIFICAÇÃO.....	86
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O sujeito se constitui na e pela linguagem. Com base nesse pressuposto, buscamos nesta pesquisa investigar aspectos da constituição identitária de imigrantes no espaço entre línguas e culturas. Através da análise de traços discursivos presentes em narrativas de imigrantes haitianos que vivem em Chapecó/SC e que estudam na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), pretendemos compreender como a relação entre línguas e culturas produz efeitos de identificações do sujeito.

Ao longo da pesquisa, procuramos encontrar marcas - cicatrizes discursivas<sup>1</sup> - produzidas pela relação entre línguas e culturas, entre as língua(s) ditas materna(s) e estrangeira(s), e como essas marcas funcionam na constituição identitária desses imigrantes. Destacamos que o entre-línguas<sup>2</sup>, segundo Coracini (2007), é um espaço conflituoso, no qual as línguas e culturas se imbricam, se misturam, sem limites nem fronteiras, interferindo na constituição do sujeito.

Dessa forma, entendemos que é nesse espaço entre-línguas que se encontram os imigrantes haitianos, que começaram a chegar ao Brasil em 2010, após o terremoto que atingiu o Haiti, em janeiro daquele ano, vitimando milhares de pessoas e destruindo parte da estrutura física e econômica do país. Entretanto, o abalo sísmico não foi o único motivo que impulsionou esse processo migratório. Segundo Cotinguiba e Pimentel (2014), a emigração é uma prática da sociedade haitiana e o Brasil entrou na rota por vários motivos, entre eles a facilidade de acesso, tanto pelas fronteiras quanto pelo incentivo do Governo, como também pelo discurso de uma economia em desenvolvimento e melhores possibilidades de trabalho. Dados do Ministério da Justiça<sup>3</sup>, de 2015, estimavam em torno de setenta mil haitianos vivendo no Brasil, grande parte já com visto de residência permanente no país.

Realizamos nosso estudo buscando sustentação em outras pesquisas já

---

1 Noção desenvolvida pela Profa. Dra. Amanda Scherer (2006) e que será discutida no Capítulo 3.

2 Entre-línguas é uma noção adotada pela Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini, no projeto "O espaço híbrido da subjetividade: o ser (estar) entre línguas" (desenvolvido entre 2003 e 2007), inserido no Projeto Integrado "(Des)construindo identidades: formas de representação de si e do outro nos discursos sobre línguas (materna e estrangeira)", financiado pelo CNPq e sob sua coordenação. Essa noção também será discutida no Capítulo 3 desta dissertação.

3Fonte: <http://www.justica.gov.br/noticias/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos> (Acesso em 27 de novembro de 2015).

existentes sobre constituição identitária no contexto da imigração. Podemos destacar Stübe (2008), que em sua tese de doutorado intitulada “Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração”, analisa a constituição identitária de professores de língua portuguesa que não possuem exclusivamente essa língua em sua inscrição no campo da linguagem, pensando seu processo de formação como professor. Nós nos aproximamos dessa pesquisa pela temática (constituição identitária) e pela perspectiva teórica adotada, porém, nos diferenciamos na constituição do *corpus*: Stübe constitui seu *corpus* a partir de narrativas de professores descendentes de imigrantes europeus do século XIX residentes em Concórdia/SC, enquanto nosso *corpus* é formado por narrativas de imigrantes haitianos, estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Chapecó*.

Na mesma linha, temos a dissertação de Tibolla (2014), intitulada “*Me tocou virar tudo*: cicatrizes discursivas em narrativas de descendentes de imigrantes italianos”, que procura analisar, por meio de narrativas pessoais e pelos traços de memória, cicatrizes discursivas resultantes dos processos de identificação e interdição na constituição linguística de descendentes de imigrantes italianos, residentes em Concórdia/SC. Temos em comum com essa pesquisa a temática voltada para os processos identificatórios dos imigrantes entre-línguas, a noção de cicatriz discursiva, bem como o aporte teórico da Análise de Discurso (AD), de linha francesa, porém, nos distanciamos, também, na constituição do *corpus*, já que aquela se constitui de narrativas de descendentes de imigrantes italianos.

De modo semelhante, focando a questão da identidade de imigrantes, encontramos na dissertação de Peixoto (2013), intitulada “Identidades em trânsito: ser-estar entre línguas-culturas e pobreza”, um estudo sobre como a língua-cultura do outro, a língua dita estrangeira, incide na construção identitária de imigrantes albergados no Brasil. O *corpus* da pesquisa é formado por narrativas de imigrantes albergados em uma casa de passagem em São Paulo e o objetivo é compreender o que significa ser-estar entre línguas-culturas em contexto de pobreza. Nossa pesquisa se aproxima desta, em função do tema também estar voltado para a constituição identitária e por envolver entrevistas com imigrantes. Todavia, não

objetivamos aqui focar a questão da pobreza e da exclusão, embora isso apareça, em alguns momentos, nas entrevistas realizadas.

Ao tomarmos os trabalhos citados e outros já desenvolvidos, que evidenciam a questão da constituição identitária em contexto de imigração, pressupomos que a relação entre línguas e culturas produz marcas de interdição e silenciamento em narrativas, seja de imigrantes ou de descendentes, e buscamos aqui identificá-las, caso haja, no discurso desses sujeitos.

Através das narrativas, do falar de si, investigamos como se dá a relação dos imigrantes haitianos com as diversas línguas, que marcas discursivas são produzidas e como essas marcas produzem efeitos em sua constituição identitária. Procuramos compreender como o materno e o estrangeiro convivem e se misturam, pois, conforme afirma Coracini (2007, p. 119), “não há língua pura, homogênea e única [...] é na imbricação do estranho maternal e do familiarmente estranho ou estrangeiro, ou melhor, do estranho familiar [...] que se situam nosso discurso e a possibilidade de (nos) dizer”.

Além das entrevistas, fazem parte do arquivo de nossa pesquisa alguns documentos que contribuem para tecermos nossos gestos de interpretação, como a Resolução Nº 32/2013 – CONSUNI/UFFS, que institui o Programa Pró-Haiti na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS; a Constituição da República do Haiti, de 1987; dados e informações a respeito da imigração haitiana no Brasil, retirados de artigos e trabalhos dos pesquisadores Marília Pimentel (2012, 2014), Geraldo Cotinguiba (2012, 2014), Luiz Carlos Rodrigues (2008), Joseph Handerson (2015), Sandra F. A. Bordignon (2015) e Leonel Piovezana (2015).

Como já mencionado, na perspectiva teórica aqui adotada, é por meio da língua que o sujeito se constitui. A língua dita materna, considerada como fundante da subjetividade, que torna o indivíduo “sujeito de linguagem”, não se adquire, faz parte do sujeito e é a partir dela(s) que o enunciador estabelece relações com as outras línguas. De acordo com Casanova (1982), a língua materna não se aprende, “mas se é banhado nela; aquela que afeta o corpo, habita o indivíduo e faz dele um ser falante, de tal forma que ele desliza, tropeça e hesita nas palavras” (*apud* Ghiraldelo 2002, p. 63). Já a língua estrangeira, estranha, é a língua do outro, que precisamos aprender e que nos dá a ilusão de uma certa transparência, de que tudo

podemos dizer. Dessa forma, temos a impressão de que ambas (materna e estrangeira) se opõem, mas, segundo Coracini (2007), elas se complementam, na busca de uma língua ideal, total, sem interdições nem inibições.

A partir do exposto, entendemos que é na relação ser/estar entre línguas e culturas, vivenciada pelos imigrantes haitianos, sujeitos de nossa pesquisa, que se forma uma língua híbrida, mistura de várias línguas, de vários sentimentos de pertencimento (ou não), e que interfere na constituição identitária do sujeito, sempre incompleta, cambiante, em construção (Coracini, 2007).

Dessa forma, inserimos nossa pesquisa na linha “Práticas discursivas e subjetividades”<sup>4</sup>, cujo objetivo é investigar a produção de sentidos e de subjetividade, na perspectiva discursiva. Nosso propósito é identificar como a relação entre línguas e culturas deixa marcas na constituição identitária desses imigrantes, que falam mais de uma língua: oficialmente crioulo haitiano e francês - alguns vão além e conhecem também espanhol, inglês e português. Todas essas línguas constituem sua subjetividade, constituem o sujeito. Os imigrantes estrangeiros encontram-se no espaço entre-línguas, entre culturas diferentes, separando e, ao mesmo tempo, misturando todas elas, ainda que inconscientemente. E essa “con-fusão”, fusão de línguas (Coracini, 2007) não faz, necessariamente, com que elas percam sua singularidade.

Acreditamos que essa investigação contribui no sentido de observar como o sujeito se relaciona nesse espaço entre-línguas e em que isso afeta sua identificação. Tentamos compreender como a(s) língua(s) materna(s), consideradas por alguns autores como línguas do repouso e da segurança, se relaciona(m) com a língua do outro, estrangeira, mas, que agora, também faz parte de sua constituição identitária, pois é aqui que vivem, no Brasil, numa terra de misturas de raças, de línguas, de culturas.

Nosso interesse em investigar a temática e, principalmente, entrevistar haitianos, surgiu do contato com alguns deles na própria Universidade e da curiosidade acadêmica em saber um pouco mais sobre suas histórias de vida, sobre

---

4 O Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da UFFS, possui três linhas de pesquisa:

- Práticas Discursivas e Subjetividades;
- Diversidade e Mudança Linguística;
- Língua e Cognição: Representação e Processamento da Linguagem.



sua relação com as línguas a que estão envolvidos e, também, qual o sentimento que nutrem sobre essa mistura linguística e cultural.

Destacamos os benefícios deste estudo para os próprios participantes, pois, através de suas narrativas pessoais, contando suas histórias e suas relações com as línguas, é possível observarmos deslocamentos do sujeito na sua constituição identitária. Além disso, ao falar de si, estão, de certa forma, falando pelos outros também, uma possibilidade de ser ouvido e visto numa sociedade muitas vezes excludente e preconceituosa.

Acreditamos que a partir das entrevistas coletadas, das narrativas que consideramos como falar de si, os fatos se (res)significam e, mediante a linguagem em uso, podemos alcançar nosso objetivo geral: identificar marcas produzidas pela relação entre-línguas e como elas interferem na constituição identitária de imigrantes haitianos. Para atendê-lo, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar marcas que a relação ser/estar entre-línguas produz na constituição identitária de imigrantes haitianos.
- Discutir como se dá o processo de constituição identitária desses indivíduos, considerando o plurilinguismo.
- Descrever como traços da memória discursiva da relação ser/estar entre-línguas produzem marcas em narrativas de imigrantes haitianos.

Com base no pressuposto de que qualquer relação linguística é uma relação entre-línguas, formulamos a hipótese de que os imigrantes haitianos vivem o conflito e a tensão entre as línguas materna e estrangeira, provocando efeitos de resistência, interdição e silenciamento diante da língua do outro.

Nossa hipótese foi elaborada segundo trabalhos norteadores, como de Tibolla (2014), que buscou identificar em narrativas de descendentes de imigrantes italianos, residentes em Concórdia/SC, traços de memória e cicatrizes discursivas resultantes dos processos de identificação e interdição em sua constituição linguística. Sua hipótese de que os descendentes de imigrantes italianos apresentavam marcas de interdição e silenciamento da língua de imigração se sustentou, demonstrando que o ser/estar entre-línguas cria para o sujeito um espaço de conflito e de tensões, de identificação e de estranhamento.

Embasamos nossa hipótese, ainda, em Foucault (1996, p. 9), que considera a

interdição como um procedimento de exclusão, pois “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Entendemos, dessa forma, que ao interditar uma língua, alguns sentidos foram silenciados, processo esse resultante do conflito e da tensão do ser/estar entre-línguas, possivelmente vividos pelos nossos entrevistados.

Para realizar nossas análises, nos apoiamos em trabalhos fundadores da AD de orientação francesa, bem como em outras perspectivas e áreas do conhecimento que tratam da relação língua e sujeito, que atravessa nossa pesquisa. Trazemos à baila noções de língua, problematizando língua(s) materna(s) e estrangeira(s), discurso, sujeito e identificação, por tratarem-se da temática central deste estudo.

Destacamos que, ao longo de nosso trabalho de investigação e análise das entrevistas, identificamos uma marca discursiva importante: a enunciação vacilante. Essa expressão foi cunhada por Paulillo (2004), em sua tese de doutorado intitulada “A enunciação vacilante: formas do heterogêneo no discurso de si”, na qual define o discurso de si como “uma modalidade de discurso em que o sujeito enunciador fala de si mesmo, num desdobramento auto-reflexivo” (PAULILLO, 2004, p. 2). Assim, consideramos nossas entrevistas como discursos de si, espaço em que os participantes relatam experiências e memórias de sua relação com as línguas e culturas, criando-se, dessa forma, uma história, uma ficção. Nesse discurso de si, nessa ficção, há a possibilidade da enunciação vacilante, que marca a tensão vivida pelo sujeito entre-línguas. Desenvolvemos mais detalhadamente essa noção no próximo capítulo e a retomamos ao longo de nossa análise.

Sendo assim, dividimos nossa dissertação da seguinte forma: no **Capítulo I – Iniciando o percurso**, apresentamos nossa metodologia de pesquisa; a organização da análise e descrição do *corpus*; as condições de produção, tratando do contexto da imigração, da chegada dos haitianos ao Brasil e sua entrada na Universidade; e, por fim, explicamos a noção de enunciação vacilante, considerada como o fio condutor de nosso trabalho.

No **Capítulo II – O encontro com a língua**, discutimos a concepção discursiva de língua, bem como noções de língua materna e estrangeira, articulando aspectos teóricos e análise do *corpus*. Nesse capítulo, abordamos a relação entre-

línguas e as marcas decorrentes dela, identificadas no discurso de nossos entrevistados.

Já no **Capítulo III – A incompletude do sujeito**, tratamos da noção de sujeito na perspectiva discursiva, discutindo questões como identificação e subjetividade, no intuito de compreender como se constitui o sujeito imigrante, abordando também sua relação com a cultura.

Finalmente, para encerrar nosso percurso de investigação, apresentamos nossas considerações finais, levando em conta a análise realizada, o alcance dos objetivos propostos e a confirmação (ou não) de nossa hipótese.

Ditas essas palavras iniciais, convidamos os leitores a percorrerem conosco esse caminho, por vezes difícil e sinuoso, construído e reconstruído, no qual o(s) sentido(s) sempre pode(m) ser outro(s), possibilitando que vozes, muitas vezes caladas e oprimidas, sejam ouvidas e (res)significadas.

## 2 CAPÍTULO I - INICIANDO O PERCURSO

*Caminante, son tus huellas  
el camino y nada más;  
caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar  
(Antonio Machado)<sup>5</sup>*

Com essas palavras do poeta espanhol Antonio Machado, iniciamos nosso percurso de escrita, considerando que não existe um caminho pronto, determinado, e sim, que é construído com base nos objetivos de pesquisa e no *corpus* de análise. Como postulado por Pêcheux (1995), a Análise do Discurso (AD), perspectiva teórica que adotamos, não possui uma metodologia pré-determinada, ela vai sendo delineada ao se estabelecerem relações entre as teorias sobre o sujeito, o discurso, a língua e a ideologia.

Temos como propósito, neste trabalho, discutir e compreender de que maneira a relação entre línguas e culturas interfere na constituição identitária do sujeito migrante e, para orientar a leitura, iniciamos apresentando nossa metodologia de pesquisa, a constituição do *corpus*, a historicidade e as condições de produção do discurso que analisamos.

Segundo Pêcheux (1997), as condições de produção são as circunstâncias, o contexto sócio-histórico em que o discurso é realizado. Portanto, aqui discutimos, também, sobre o movimento de imigração do povo haitiano e fazemos um breve relato de sua chegada ao Brasil e sua entrada na Universidade, tomando como pressuposto que essa discursividade constitui condições de produção para discursos sobre e dos haitianos. Consideramos que, dessa forma, apresentando aspectos do contexto vivido pelos nossos participantes, e que ressoam no *corpus* da pesquisa, torna-se possível identificar e compreender algumas marcas da relação entre línguas, presentes em suas narrativas.

---

<sup>5</sup> Trecho da poesia *Caminante no hay camino*, de Antonio Machado, disponível em <http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>. Acesso em 23 de setembro de 2016.

## 2.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para o desenvolvimento de nosso trabalho e coleta do *corpus* de análise, optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas, com enunciadores que preenchessem os seguintes requisitos: imigrantes haitianos residentes em Chapecó/SC, estudantes com matrícula ativa<sup>6</sup> em curso de graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), maiores de 18 anos, que falassem e compreendessem a língua portuguesa sem necessitar de tradução. Considerávamos um mínimo de cinco entrevistados para servir de objeto de análise, mas, como tratava-se de adesão voluntária, não pretendíamos excluir aqueles que tivessem interesse em colaborar.

Através de mensagem eletrônica (*e-mail*), apresentamos a proposta e convidamos os estudantes a participar. Tomamos o cuidado de explicar, em linguagem compreensível, quais os objetivos da pesquisa, ou seja, ouvi-los sobre suas experiências com as línguas e culturas com as quais convivem, para compreender os processos de identificação que daí podem constituir-se. Nesse momento, sentimos um primeiro efeito de resistência: das trinta e quatro mensagens enviadas, recebemos apenas uma resposta. Isso nos deixou preocupados e desanimados, temendo a rejeição quanto à participação na pesquisa. Partimos, então, para outra estratégia: mediante o contato com uma servidora da Universidade, que conhece os estudantes haitianos, buscamos novamente apresentar nossa proposta e convidar participantes. Dessa vez, os resultados foram positivos e conseguimos seis interessados em fazer parte da nossa pesquisa.

Após o levantamento, agendamos as entrevistas e aplicamos um questionário sociocultural<sup>7</sup>, para conhecer um pouco do perfil dos participantes. Foram realizadas seis entrevistas, nas dependências da Universidade e dentro dos princípios éticos exigidos pela pesquisa científica, sendo-lhes assegurado total anonimato, tanto na discussão como na divulgação dos dados da pesquisa<sup>8</sup>.

Como se tratavam de entrevistas semiestruturadas, foi elaborado um roteiro de perguntas prévias, de acordo com os objetivos e tema da pesquisa, e que serviu

---

<sup>6</sup> Foram considerados dados referentes ao semestre letivo 2015.2.

<sup>7</sup> O modelo de questionário utilizado consta nos Apêndices desta dissertação.

<sup>8</sup> Projeto submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UFFS, sob o número CAAE: 51092315.0.0000.5564.

para promover maior interação entre pesquisadora e entrevistado. Ressaltamos que o roteiro de perguntas básicas foi complementado com questionamentos relativos às circunstâncias momentâneas da entrevista. Destacamos, ainda, que entendemos entrevista não como um texto ou um sistema de frases, mas sim, como discurso, como prática de linguagem. Dessa forma, é possível o sujeito dizer-se, (re)velando traços de sua constituição identitária, pois, como afirma Coracini (2007, p. 117) “[...] falar de si é, de algum modo, criar, construir uma história, uma narrativa, uma ficção que se torna, pela discursividade, uma verdade, melhor dizendo, uma realidade [...]”. Lemos o nosso *corpus* como uma narrativa, na qual o enunciador relembra e ressignifica sentidos.

Tomamos a narrativa como *discurso de si*. Essa modalidade de discurso, de acordo com Paulillo (2004), designa o discurso do enunciador que fala de si, enquanto instância subjetiva, tentando dar corpo aos seus sentimentos e pensamentos, experimentados no momento em que se produz o discurso, ou no passado. Os participantes de nossa pesquisa relatam sobre suas experiências com línguas e culturas e, ao produzir o discurso, são (re)tomados ou (re)vividos sentimentos, situações, marcando a tensão do entre-línguas. Ainda neste capítulo e ao longo de nossa dissertação, tratamos com mais detalhes dessa questão.

Assim, no intuito de coletar as narrativas, elaboramos o seguinte roteiro de perguntas:

1. Conte sobre sua trajetória de vida até chegar ao Brasil. Quais foram as dificuldades enfrentadas com relação à língua?<sup>9</sup>
2. Quantas e quais línguas você fala?
3. O que você entende por língua materna e língua estrangeira?
4. Qual língua você considera língua materna, onde a aprendeu e com quem a utiliza?
5. Como você vê sua relação com a língua portuguesa, como a aprendeu e em que situações a utiliza?

Após a gravação e a transcrição das entrevistas, que tiveram duração entre

---

9 A respeito das perguntas da entrevista, principalmente no se refere às dificuldades enfrentadas com relação à língua, destacamos que, ao longo do trabalho de análise e articulação teórica, observamos um certo “efeito de evidência”, ou seja, pressupomos que nossos entrevistados teriam dificuldades com as línguas, o que acabou conduzindo-nos para o gesto analítico presente neste trabalho. Reconhecemos nossa interferência, que só foi percebida com o amadurecimento de nosso trabalho como pesquisadora, da compreensão dos conceitos, da teoria e dos dispositivos de análise.

trinta minutos e uma hora, foram selecionadas sequências discursivas nas quais os enunciadores falam das línguas com as quais convivem e, nos dizeres realizados, é possível observarmos identificações que produzem efeitos na constituição identitária do sujeito. Para a interpretação dos recortes, buscamos embasamento nos conceitos teóricos da AD, de orientação francesa, abordando, principalmente, a relação língua-sujeito-identificação.

Por meio da descrição de algumas das condições de produção, que definem a participação do imigrante haitiano no contexto brasileiro, relacionando seus dizeres ao momento histórico e social, procuramos observar o deslocamento de uma língua para outra e que marcas esse processo produz no sujeito imigrante.

### **2.1.1 Descrição do *corpus* e organização da análise**

Neste tópico, apresentamos a estrutura de nosso trabalho, bem como a constituição do *corpus* de análise. Dividimos nosso dispositivo teórico-analítico em duas partes, sendo a primeira dedicada à discussão da noção de língua e a segunda parte, à noção de sujeito e de identificação, articulando pressupostos teóricos e análise das sequências discursivas, que sinalizam traços da constituição identitária de nossos participantes.

Como vimos, nosso arquivo é composto por documentos e entrevistas, sendo que as análises são elaboradas a partir de sequências discursivas das narrativas dos imigrantes haitianos. Conforme Pêcheux (1997, p. 57), arquivo é entendido como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. São esses documentos que nos possibilitam construir um dispositivo de interpretação, que coloca

[...] o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI, 1999, p. 59)

Assim, entre o dito e o silenciado, relacionando as narrativas coletadas com o nosso arquivo, com suas condições de produção e com sua historicidade, torna-se possível tecer interpretações, gestos de leitura do discurso de imigrantes haitianos. Ao tomarmos as transcrições das entrevistas, conseguimos compor o *corpus*

discursivo desta pesquisa. Segundo Courtine (2009, p. 54),

[...] definiremos um *corpus* discursivo como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP [condições de produção] do discurso. A constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa.

É na articulação do *corpus* com as condições de produção que conseguimos recortar as sequências discursivas (SDs), sequências superiores à frase (Courtine, 2009), que descrevem regularidades e que nos encaminham para os nossos objetivos propostos. Segundo Orlandi (1996), ao selecionar e descrever o *corpus* de pesquisa, o analista já está interpretando, fazendo uma leitura do discurso, relacionando-o com suas condições de produção e com sua historicidade.

Dessa forma, a partir da nossa leitura, constituímos o *corpus* com seis entrevistas orais semiestruturadas, realizadas em língua portuguesa, com imigrantes haitianos residentes em Chapecó/SC e estudantes com matrícula ativa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Apresentamos um breve perfil dos entrevistados<sup>10</sup>, classificados pela letra E – entrevistado (para preservar seu anonimato), seguida do número da ordem em que foram realizadas as entrevistas:

- E1 – 29 anos, vive no Brasil há quatro anos, estuda e trabalha.
- E2 – 39 anos, vive no Brasil há quatro anos, estuda.
- E3 – 28 anos, vive no Brasil há dois anos, estuda e trabalha.
- E4 – 22 anos, vive no Brasil há dois anos, estuda e trabalha.
- E5 – 24 anos, vive no Brasil há oito meses, estuda.
- E6 – 26 anos, vive no Brasil há dois anos, estuda e trabalha.

Após a realização e a transcrição das entrevistas, selecionamos uma série de sequências discursivas (SDs) que têm relação com nossos objetivos, com nossa hipótese e que buscamos analisar, associando o gesto interpretativo com o dispositivo teórico. Todavia, antes de partir para nossa interpretação, apresentamos aspectos da historicidade e das condições de produção do discurso, trazendo para discussão a questão da imigração haitiana, a chegada ao Brasil e a entrada na Universidade.

---

<sup>10</sup> Ressaltamos que esses dados referem-se à época da entrevista (fevereiro de 2016), podendo ter sofrido alterações nos dias atuais.



### 2.1.2 Condições de produção: outros rostos da imigração no Brasil

A imigração sempre fez parte da história do Brasil. A entrada de imigrantes em solo brasileiro teve início por volta de 1808, com a chegada da Coroa Portuguesa, quando foi assinado o Decreto 28, que autorizava a formação de colônias urbanas com imigrantes de países estrangeiros (ZAMBERLAN et al, 2014). Na Europa do século XIX, as populações viviam um período de instabilidades econômicas e políticas, geradas pelas lutas de formação das nacionalidades. Problemas como desemprego, desigualdade social, fome e insegurança alastravam-se pelos países. Nesse cenário de crise e empobrecimento, a alternativa que restava era partir para novas terras, novos caminhos para recomeçar e sobreviver.

O Brasil mostrava-se um país promissor, necessitava colonizar diversas áreas e precisava de mão de obra, para seu sustento e geração de crescimento. Foram diversas as nacionalidades que adentraram em terras brasileiras, destacando-se portugueses, alemães, italianos, japoneses, ucranianos, poloneses. Todos em busca da “terra prometida”. Aqui chegaram, distribuíram-se por diversas regiões do país, estabeleceram suas comunidades, criaram suas raízes e contribuíram para a formação de um país multicultural, com várias línguas, culturas e histórias.

No século XXI, outros rostos começaram a chegar: os latino-americanos. Vindos da Colômbia, Bolívia, Chile, Peru, entre outros países, os imigrantes eram (e muitos continuam sendo) movidos pela esperança, pela busca de um futuro melhor, de trabalho, de recomeço. A partir de 2010, os haitianos passaram a cruzar as fronteiras do Brasil e começaram a também reescrever sua história por aqui<sup>11</sup>.

Para tratar com mais propriedade sobre a imigração haitiana, nos apoiamos em trabalhos dos pesquisadores Marília Pimentel e Geraldo Cotinguiba, vinculados às áreas de linguística e antropologia, que desde 2011 realizam pesquisa de campo, acompanhando a imigração haitiana ao Brasil e seus desdobramentos. Também citamos trabalhos dos pesquisadores Luiz Carlos Rodrigues, Joseph Handerson, Sandra F. A. Bordignon e Leonel Piovezana, dedicados aos estudos da imigração haitiana, sendo os dois últimos focados especialmente no contexto regional no qual estamos inseridos. Embora não pertençam à perspectiva teórica da AD, aqui

---

<sup>11</sup> Ressaltamos que no Capítulo 3, tratamos especificamente da questão do imigrante, do estrangeiro, discutindo em que medida a imigração interfere na constituição identitária do sujeito.

adotada, esses autores trazem importantes contribuições para nossa pesquisa, com dados e apontamentos que nos ajudam a compreender esse movimento migratório recente em nosso país.

Destacamos que a República do Haiti é um país localizado no Mar do Caribe, com população estimada em mais de 10 milhões de habitantes<sup>12</sup>. Colonizado pela França, o país tornou-se livre em 1804, quando rebelou-se contra seus colonizadores e exploradores, libertou seus escravos e tornou-se “a primeira república negra do mundo” (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012, p. 99).

Considerada a nação mais pobre das Américas e Caribe, com baixo desenvolvimento humano, segundo dados da ONU<sup>13</sup>, a economia do país é baseada na agricultura e a língua falada pelos haitianos é o *créole* (crioulo haitiano). No Haiti, crioulo e francês são línguas oficiais, sendo que 95% dos haitianos falam crioulo e apenas uma parcela de 5% utiliza francês, “uma língua de elite, um *status*, um signo do poder econômico e social” (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012, p. 101). Embora seja usada por uma parcela pequena da população, a língua francesa é a língua da escola, a língua com a qual os haitianos são alfabetizados. Essa relação estabelecida com a(s) língua(s) oficial(ais) será um dos pontos-chave de nossa análise, justamente porque através dela podemos perceber marcas, traços da constituição identitária do sujeito entre-línguas.

Além das dificuldades econômicas e políticas, resultantes dos governos ditatoriais ao longo de sua história, o povo haitiano também sofre com os desafios ambientais e climáticos, que deixaram (e ainda deixam) rastros devastadores. Diante desse quadro, segundo Cotinguiba e Pimentel (2012, p. 100), a partir do século XX, especialmente a partir da segunda metade, “tem-se assistido à migração em massa de haitianos para outros países em busca de melhores condições de vida, seja por liberdade política e social, seja pela busca de oportunidades de trabalho ou estudos”. Os países escolhidos são, principalmente, Estados Unidos, Canadá, França, República Dominicana e atualmente, Brasil, que destacou-se como um dos principais destinos da emigração haitiana na contemporaneidade.

De acordo com os estudos de Cotinguiba e Pimentel (2014), os primeiros

---

12 Disponível em: <http://www.bancomundial.org/>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

13 Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/PR3-HDR10-HD1-PT.pdf>. Acesso em 19 de janeiro de 2016.

imigrantes haitianos adentraram no Brasil pelo estado do Mato Grosso do Sul, divisa com a Bolívia, ainda em 2010. O fluxo migratório intensificou-se a partir de 2011, também pelas pelas fronteiras com o Peru e, segundo dados do Ministério da Justiça<sup>14</sup>, em 2015, estimava-se cerca de setenta mil haitianos vivendo no Brasil.

As causas e motivações para essa imigração em massa são variadas. Conforme Zamberlam et al (2014), podemos destacar:

- a) Acordo Básico de Cooperação Técnica e Científica entre o Brasil e o Governo do Haiti, em 2004, desencadeando investimentos públicos naquele país;
- b) presença de militares brasileiros na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH);
- c) terremoto de 2010, que destruiu parte do centro econômico do país, deixando mais de duzentos mil mortos e mais de um milhão de desabrigados, ocasião em que o Brasil declarou apoio humanitário e disposição em acolher os que desejassem emigrar para cá;
- d) imagem positiva do Brasil como um país acolhedor, de oportunidades e de desenvolvimento.

Apesar do discurso da mídia de que o terremoto seria a principal causa dessa migração, Cotinguiba e Pimentel (2014, p. 80) discordam e afirmam que

[...] o terremoto dinamizou o que já era uma prática conhecida da sociedade haitiana, a emigração e o Brasil entrou na rota migratória por fatores diversos, como a rigidez para a entrada dessas pessoas em países como os Estados Unidos, Canadá, França, além do agravamento de questões étnicas com a vizinha República Dominicana. O discurso de uma economia em alta e a possibilidade de empregos com a Copa do Mundo de 2014, somadas à relativa facilidade de transpor a fronteira do Brasil são elementos que contribuíram para essa imigração.

Conforme os autores, o Brasil só passou a integrar a lista de países desejados para imigração quando, após o terremoto, a situação no Haiti ficou insustentável e era preciso encontrar um lugar para recomeçar e, principalmente, encontrar trabalho para prover a família. Ainda, segundo os autores, a imigração faz parte da cultura do povo haitiano, sendo como uma espécie de projeto de vida e, assim, milhares deles chegaram ao Brasil e distribuíram-se por vários Estados. Em Santa Catarina, mais especificamente em Chapecó/SC, local de nossa pesquisa, de

14 Fonte: <http://www.justica.gov.br/noticias/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos>. Acesso em 27 de novembro de 2015.

acordo com dados da Polícia Federal (Bordignon e Piovezana, 2015), estariam vivendo e trabalhando mais de quatro mil imigrantes haitianos.

Atraídos pela oferta de trabalho nas agroindústrias e frigoríficos, os haitianos representam uma parcela significativa da mão de obra local, ocupando as vagas que parte dos brasileiros já não quer mais, seja pela melhoria na escolaridade, pelos baixos salários ou pelas condições laborais oferecidas (Bordignon e Piovezana, 2015). Todavia, apesar de certa facilidade em conseguir trabalho, a língua é considerada por muitos como um entrave. Os haitianos comunicam-se basicamente através do crioulo e, também, do francês e do espanhol; já a língua portuguesa é conhecida por poucos. A fim de possibilitar a comunicação e a inserção na comunidade, empresas contratantes ofereceram, e ainda oferecem, cursos de língua portuguesa.

O nível de escolaridade dos imigrantes é variável, grande parte não completou o ensino fundamental, outros têm o ensino médio por concluir e alguns, com ensino superior completo. Cotinguiba e Pimentel (2014, p. 66) afirmam que “a questão educacional na vida de muitos haitianos significa uma oportunidade única de ascensão social e reconhecimento em seu país e entre seus familiares, além da oportunidade de ajudar aos que se vinculam”.

Dessa forma, movida pelo desejo de imigrantes haitianos residentes em Chapecó/SC e região em ingressar em um curso superior, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), situada na Mesorregião Grande Fronteira Mercosul (Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul) e com sede em Chapecó/SC, criou o Programa PROHAITI (Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para Estudantes Haitianos), através da Resolução nº 32/2013, do Conselho Universitário<sup>15</sup>. Conforme o documento, Art. 1º, o programa tem “o objetivo de contribuir para integrar os imigrantes haitianos à sociedade local e nacional, por meio do acesso aos cursos de graduação da UFFS, e qualificar profissionais que ao retornar possam contribuir com o desenvolvimento do Haiti”.

As vagas ofertadas são suplementares e o acesso se dá por meio de processo seletivo especial, regido por edital próprio. Conforme dados da Diretoria de Registro Acadêmico (DRA), da Pró-Reitoria de Graduação da UFFS, o primeiro

---

15 Documento disponível em [http://www.uffs.edu.br/images/sic/SECOC/032\\_-\\_Institui\\_o\\_PROHAITI.pdf](http://www.uffs.edu.br/images/sic/SECOC/032_-_Institui_o_PROHAITI.pdf). Acesso em 12 de maio de 2015.

processo seletivo ocorreu em fevereiro de 2014, sendo aprovados e matriculados 27 haitianos, nos mais diversos cursos. O segundo processo seletivo ocorreu em julho do mesmo ano, disponibilizando mais 16 vagas, para ingresso no segundo semestre de 2014, exclusivamente no *Campus* Chapecó. Em 2015, foram ofertadas 30 vagas, em dois processos seletivos, sendo que no segundo semestre letivo de 2015, eram 34 estudantes haitianos com matrícula ativa na Instituição. Ressaltamos que os processos seletivos continuam sendo realizados, porém, para fins de delimitação do nosso *corpus*, trabalhamos com dados até 2015.2.

Embora a UFFS tenha sido a pioneira na criação de um programa especial de ingresso de haitianos no ensino superior (Bordignon e Piovezana, 2015), já existia, em 2011, o Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti-Graduação, criado pelo Governo Federal

para auxiliar na reconstrução do Haiti, atuando no fortalecimento e na recomposição do Sistema de Educação Superior do país. O programa baseia-se na concessão de bolsas de estudos a estudantes das instituições de ensino superior de Porto Príncipe em instituições de ensino superior brasileiras (IES)<sup>16</sup>.

Os dois programas são muito semelhantes, inclusive no nome, e objetivam prestar auxílio aos imigrantes haitianos através da educação. Todavia, há uma diferença entre as ações, pois, o Programa Emergencial Pró-Haiti destina-se a haitianos que já estudam (ou estudavam) em universidades no Haiti, uma espécie de intercâmbio entre as instituições conveniadas, enquanto o PROHAITI (UFFS) busca atender a imigrantes que estejam vivendo e trabalhando no Brasil, independentemente de terem ou não cursado o ensino superior em seu país.

Podemos, ainda, observar que os documentos oficiais que criam os programas nos direcionam para um discurso de solidariedade, do Brasil como um país hospitaleiro e preocupado com os imigrantes, mas, principalmente, com o seu retorno ao país de origem. Isso pode ser verificado nas sequências “*qualificar profissionais que ao retornar possam contribuir com o desenvolvimento do Haiti*”<sup>17</sup> (Resolução nº 32/2013, do Conselho Universitário – UFFS) e “*para auxiliar na reconstrução do Haiti, atuando no fortalecimento e na recomposição do Sistema de*

16 Fonte: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/haiti/pro-haiti>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

17 Os recortes e sequências discursivas que apresentamos no corpo do texto estão destacados em itálico, para diferenciarem-se das citações.

*Educação Superior do país*” (Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti-Graduação - Governo Federal). Parece-nos que a preocupação maior é qualificar, preparar profissionalmente os imigrantes que aqui estão para que possam, sim, voltar e auxiliar na reconstrução do país. Essa questão será retomada ao longo de nossas análises.

Desse modo, com a implementação do Programa PROHAITI, os imigrantes passam a ingressar em cursos de graduação e também, a conviver com os estudantes brasileiros, conhecer sua língua, seus costumes, sua cultura. Nesse cenário, criam-se novas situações de comunicação, de interação, de identificação com o outro, de quebra de fronteiras. É nesse espaço entre-línguas que se encontram os participantes de nossa pesquisa e ao desenvolver a análise de suas narrativas, identificamos uma série de marcas linguísticas que apontam para uma grande marca discursiva: a enunciação vacilante. Essa marca atravessa todo nosso *corpus*, como um fio condutor e por isso, na próxima sessão, tratamos mais detalhadamente dessa noção.

## 2.2 O FIO CONDUTOR: A ENUNCIÇÃO VACILANTE

Ao longo de nosso trabalho de investigação e análise das entrevistas, identificamos uma marca discursiva importante: a enunciação vacilante. Essa expressão foi cunhada por Paulillo (2004), em sua tese de doutorado, na qual investiga o *discurso de si*, um tipo de discurso em que o sujeito enunciador fala de si mesmo, subjetivamente, tentando dar corpo simbólico a estados internos, aos seus pensamentos e sentimentos. O discurso de si emerge em meio a um relato de acontecimentos vivenciados pelo sujeito e, conforme Paulillo (2004, p. 2), “o que caracteriza o *discurso de si* não é o falar de si mesmo enquanto protagonista de acontecimentos que foram/são vivenciados, mas o falar de si enquanto instância subjetiva” (grifo da autora).

Entendemos que falar de si enquanto instância subjetiva significa reconhecer-se como sujeito na elaboração do discurso de si mesmo. Ao falar das línguas e de sua relação com elas, temática principal de nossas entrevistas, o enunciador toma uma posição sujeito, ou seja, ao falar de si ele se constitui sujeito.

Geralmente, o discurso de si manifesta-se em situações de conversação íntima ou de caráter terapêutico; pode ser uma modalidade oral ou escrita. Apesar de nossas narrativas não se enquadrarem nessas formas de manifestação apontadas pela autora, consideramo-las como discursos de si, pois, nas entrevistas realizadas os participantes relataram experiências e memórias de sua relação entre-línguas, criando uma história, uma ficção; falam de si enquanto instância subjetiva.

Nesse discurso de si emerge um “sujeito atravessado de zonas de silêncio e incompletude, que escancaram sua natureza de sujeito não-uno, dividido” (PAULILLO, 2004, p. 3). Essa noção de sujeito como incompleto, cindido, que não tem controle de si nem de seu dizer, a qual adotamos em nossa pesquisa, será desenvolvida no Capítulo 3 desta dissertação.

Dessa forma, a incompletude do sujeito se marca no discurso de si, pois, segundo Paulillo (2004, p. 5), “as coisas parecem escapar ao dizer”, se produz uma tensão entre o que se diz e o que se quer dizer, visto que nessa modalidade de discurso o sujeito busca dar corpo, em nível de linguagem, aos pensamentos e sentimentos experimentados. O processo enunciativo que determina o discurso de si é o que a autora denomina como enunciação vacilante, que

[...] se caracteriza por um dizer que é atravessado por modalizações; estas modalizações fazem aparecer um sujeito que se debate - e se desloca em diferentes lugares enunciativos - em busca da realização do sentido, da captura do sentido capaz de nomear um real. Mas as modalizações estancam o dizer, aí inscrevendo uma separação entre o que se diz e o que se tem **a dizer**, mostrando a incompletude do dizer - uma espécie de malogro do dizer - em relação à coisa (grifo da autora). (PAULILLO, 2004, p. 195)

Essas modalizações, identificadas no discurso por meio do discurso injuntivo, de pausas frequentes na enunciação, gaguejo, frases incompletas, repetições de palavras ou expressões, além de outros marcadores linguísticos, podem ser consideradas como tentativas de completar as lacunas, de preencher os silêncios, a falta, constitutivos do discurso e do sujeito.

Paulillo (2004, p. 4) entende a enunciação vacilante “como uma forma de irrupção da heterogeneidade constitutiva que afeta o sujeito sob a forma da não coincidência palavra/coisa”. A autora dialoga com trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz, tratando da teoria da heterogeneidade e, por isso, defende que no discurso

de si, “o sujeito parece experimentar o paradoxo da não coincidência entre o dizer e a coisa” (idem). A não coincidência entre o que ele diz e o que de fato quer dizer; é por meio da enunciação vacilante que podemos identificar o sujeito confrontado com essa impossibilidade de coincidir sentido e dizer.

Assim, considerando a teoria apresentada por Paulillo (2004) e as marcas linguísticas presentes nas narrativas que analisamos, entendemos que a enunciação vacilante é fruto de uma tensão entre-línguas, vivida pelos imigrantes haitianos e que evidencia um sujeito, que emerge no discurso de si, atravessado pelo silêncio e pela incompletude, dividido entre o que quer dizer e o que consegue dizer, ou, muitas vezes, sem saber o que dizer.

Essa marca discursiva será a condutora de nosso trabalho e consideramos que ela se manifesta linguisticamente de diferentes modos. A interpretação dessa enunciação vacilante aponta para efeitos de resistência, interdição e silenciamento no discurso de nossos participantes e isso pode ser identificado por meio de algumas marcas linguísticas regulares. Destacamos o discurso injuntivo (“*tem que*”), muito presente nas narrativas de nossos participantes e que expressa que algo precisa ser feito, uma obrigação, uma necessidade, utilizado principalmente quando os enunciadores falam das línguas.

Podemos, ainda, identificar a enunciação vacilante por meio da hesitação e da oscilação entre os sujeitos do discurso (alternância de *eu*, para *tu*, para *ele*), também quando estão referindo-se às línguas, mas, no momento em que falam de si, acabam deslizando para o outro, vacilando, numa tentativa de ocultar o que não conseguem ou não podem dizer. Ao longo das análises, identificamos marcas linguísticas da enunciação vacilante e procuramos compreender seu funcionamento no discurso de nossos participantes.

Isto posto, finalizamos esse capítulo introdutório, de apresentação do *corpus*, da metodologia de pesquisa adotada, da marca discursiva que será nosso fio condutor (a enunciação vacilante) e passamos ao próximo capítulo, no qual discutimos algumas noções de língua, incluindo língua materna e língua estrangeira, articulando dispositivos teóricos e analíticos que nos permitam compreender como se dá o processo de constituição identitária de imigrantes haitianos.



### 3 CAPÍTULO II - O ENCONTRO COM A LÍNGUA

[...] não se pode conceber a língua como um simples “instrumento de comunicação”. É justamente porque a língua não é em princípio, e nunca, só um “instrumento”, que o encontro com uma outra língua é tão problemático, e que ela suscita razões tão vivas, diversificadas e enigmáticas. (REVUZ, 2006, p. 217)

O caminho que percorremos para a construção desta dissertação passa pelo encontro com a língua. Na perspectiva discursiva, a língua é tomada como heterogênea, incompleta e constitutiva do sujeito; não se trata apenas de um instrumento de comunicação. Com base nessa proposição, discutimos neste capítulo noções de língua, trazendo à tona a questão da dicotomia (ou não) língua materna e língua estrangeira. Desse modo, por meio de conceitos teóricos, conectados com a análise, acreditamos ser possível compreendermos como se dá a relação entre-línguas de imigrantes haitianos e identificar se esse encontro de fato é “problemático”, como nos escreve Revuz (2006), e se ele produz marcas em sua constituição identitária.

#### 3.1 CONCEPÇÃO DISCURSIVA DE LÍNGUA

A definição de língua como um instrumento de comunicação, um sistema completo, fechado e sem relação com a exterioridade passou a ser objeto de questionamento no início dos anos 1960. Como resultado dessa reflexão sobre a linguagem e o que é deixado fora dela no campo da linguística, o sujeito e seu exterior, surgiu na França a Análise do Discurso (AD), no campo dos estudos da linguagem. Seu principal articulador, Michel Pêcheux, defendia que a língua é a base dos processos discursivos, o lugar onde os efeitos de sentido se realizam. Segundo ele, os sentidos não estão colados nas palavras, mas, são estabelecidos pela relação dos sujeitos entre si e com a língua. É por meio da língua, afetada pela ideologia, que se produz o discurso. Por isso, a língua não pode ser concebida somente como um sistema fechado e homogêneo.

Nessa perspectiva, as palavras não têm um significado único e literal, pelo fato de a língua não ser transparente e completa. Conforme Pêcheux (1995), o sentido não existe “em si mesmo”, mas “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Para produzir sentidos é preciso relacionar a língua com a exterioridade, com a história e com as condições em que esse discurso foi produzido. A respeito do discurso e sua relação com a ideologia e com o sujeito, tratamos com mais propriedade no capítulo seguinte.

Sendo assim, por não ter um sentido único e literal, a língua é considerada um sistema heterogêneo, sujeito a falhas, a deslizos e, nas palavras de Pêcheux (1997, p. 62), “o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua”. O equívoco não é visto como defeito, mas sim, como constituição dos sentidos e dos sujeitos e, levando em conta a incompletude da língua, dizer tudo não é possível, sempre há algo não dito. É isso que, segundo Pêcheux e Gadet (2004, p. 52), caracteriza o real da língua, “o impossível que lhe é próprio”. Esse impossível relaciona-se ao termo real da língua, trazido da psicanálise por Milner (1987), para expressar a falta que a constitui; nem tudo é representável, nem tudo podemos dizer. No real da língua há espaço para o impossível, para o lapso, para o equívoco, para a mobilidade de sentidos, o que caracteriza, portanto, a incompletude da língua.

Ao conceberem a língua dessa forma, Pêcheux e Gadet (2004, p. 64) destacam que “o equívoco aparece como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica), o ponto em que a língua atinge a história”. Propõem que, como há o real da língua, há o real da história; da mesma maneira que não é possível apreender o real da língua, também não é possível apreender a história. Esta é uma sucessão de desvios, deslizos, de mudanças de olhares sobre os fatos, que afetam a língua, produzindo deslocamentos e (res)significações. É pela história que o discurso significa, é pela história que podemos compreender as práticas linguísticas do sujeito falante, por isso, não é possível desvincular língua e história.

Em vista disso, tomando a língua como porosa, heterogênea, incompleta,

sujeita à falha, à falta e ao equívoco, sempre em movimento, entendemos que ela é constitutiva do sujeito e dos sentidos. O indivíduo se torna sujeito por meio da língua e será nosso objetivo, na próxima sessão, tratar sobre o papel das línguas materna e estrangeira nesse processo.

### 3.2 ENTRE A LÍNGUA MATERNA E A LÍNGUA ESTRANGEIRA

Nosso objeto de estudo, nesta pesquisa, é o sujeito entre-línguas, entre a(s) língua(s) que considera materna(s) e a(s) língua(s) ditas estrangeira(s). Por isso, neste subcapítulo, apresentamos algumas noções de língua materna e estrangeira, discutindo se há dicotomia entre elas, se de fato são diferentes, ou, se complementam uma à outra.

No senso comum, como também para alguns linguistas, língua materna é descrita como a primeira língua que aprendemos ao longo da infância ou a língua do país em que nascemos. Falar de língua materna nos reporta à língua da mãe, ensinada pela mãe, a língua do berço. Segundo Ghiraldelo (2002, p. 51), língua materna é “a língua que faz com que um indivíduo, enquanto ser biológico, torne-se um sujeito de linguagem, ou seja, que o introduz no mundo simbólico”. Isso significa dizer que nos tornamos sujeito por meio da língua materna; desde antes de nascer somos falados por essa língua, esperados nela, o que nos daria a sensação de que já nascemos com ela.

Essa língua fundadora, definida como língua materna, é questionada por alguns autores, entre eles Derrida (2001). Segundo ele, não existe a língua materna, uma dada, determinada língua materna; existe, sim, uma eterna “promessa” da língua materna, inalcançável, resultante da experiência pessoal com a língua de cada falante. Nesse sentido, “não falamos nunca apenas uma língua” (Derrida, 2001, p.19), falamos na mesma língua outras línguas, falamos de valores que adquirimos nesta singular relação que mantemos com a(s) língua(s). No entendimento do autor, o monolinguismo é uma ilusão, pois, uma língua nunca é pura, é constituída de outras línguas; sempre se origina no outro e sempre retorna a ele, por isso, é impossível apropriar-se dela.

Pelo viés da psicanálise, a língua materna é considerada como fundante da

identidade e da subjetividade, língua que identifica o sujeito e pela qual ele se identifica; língua em que as palavras não faltam, língua da segurança. Porém, segundo Coracini (2007), a “língua do prazer e do repouso” também pode ser “a língua da censura, dos recalques, das frustrações, língua dos interditos, da falta, dos mal-entendidos” (CORACINI, 2007, p. 152). É a língua com a qual nos sentimos à vontade, que consideramos como nossa, mas que, às vezes, nos limita, nos deixa sem palavras, sem conseguir expressar o que queremos. Desse modo, a autora defende, assim como Derrida (2001), que não há língua pura e homogênea, que é na mistura de línguas, na mistura do estranho com o conhecido, do materno com o estrangeiro, “que se situam nosso discurso e a possibilidade de nos dizer” (CORACINI, 2007, p. 120).

Articulando as concepções dos autores acima e a fim de aproximar essa discussão com o nosso trabalho, trazemos, ainda, noções de língua nacional e oficial, que muitas vezes são confundidas (ou consideradas) como língua materna. Ghiraldelo (2002) define língua oficial como aquela estabelecida e reconhecida pelo Governo, que deve predominar nas comunicações institucionais e públicas, em todo o território nacional. Já a língua nacional mistura estruturas semânticas, fonológicas e lexicais das línguas maternas dos falantes com a língua oficial, tornando-se uma língua comum entre todos os indivíduos, sejam escolarizados ou não. Com base nessa definição e relacionando-a com nosso *corpus*, é possível depreender que nem sempre a língua oficial de um país é considerada como língua materna por seus habitantes.

Diante do exposto, percebemos que a língua materna pode ser entendida, para uns, como a primeira e única língua do sujeito; para outros, como uma língua híbrida, mistura de várias línguas, de várias culturas. De todo modo, predomina a compreensão de língua materna como constitutiva do sujeito; língua com a qual ele se identifica e que o identifica; que pode ser uma língua apenas, ou duas ou mais. É assim que entendemos a língua materna, língua fundante, que nos torna sujeitos, que nos identifica, que nos constitui e, a partir dessa discussão teórica, passamos a interpretar as narrativas de nossos entrevistados sobre essa questão.

Constatamos que a característica constitutiva de língua materna predomina em nosso *corpus*, mostrando-se como um conceito fundador, algo que perpassa os

sujeitos e que se torna como uma verdade, conforme podemos verificar nas sequências discursivas abaixo:

SD 1: (E1) *Língua materna é a língua que a gente cresce escutando / ouvindo né/ da sua mãe do seu pai da sua família / na mesma casa / é a língua que junta todo mundo sem distinção alguma*

SD 2: (E5) *Ahh / língua materna é tipo crioulo pra mim / nem precisa aprender o crioulo que / eu / quando minha mãe me criou / tipo / todo mundo na minha casa tão falando crioulo / imediatamente / eu sei / eu sei que eu devo falar o crioulo também / porque / porque / porque todos os haitianos eles falam crioulo / isso é uma língua materna pra mim / a minha mãe / a minha mãe a minha vó todo mundo*

Língua materna, língua ensinada pela mãe, mas, não só por ela, também pelo pai, pela avó, falada por todos da família. Aqui, os enunciadores já apontam para a ressignificação da noção de língua materna como língua da mãe, ensinada pela mãe. Independentemente de quem a ensina, a língua materna é a língua de casa, do aconchego do lar, da morada, compartilhada por todos. Essa concepção pode ser entendida como um efeito de evidência, de um discurso já existente, como destaca Revuz (2006, p. 215), “esse estar-já-aí da primeira língua é um dado ineludível, mas essa língua é tão onipresente na vida do sujeito que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido”.

Esse efeito de sentido se marca no intradiscurso<sup>18</sup>, no fio do discurso, quando na SD 1 o enunciador diz “*língua materna é a língua que a gente cresce escutando*”, ou na SD 2, “*nem precisa aprender o crioulo*”. Ambos os enunciadores definem a língua materna como a língua que constitui o sujeito, língua do acolhimento, com a qual se identificam, que cresceram ouvindo e, por isso, têm a sensação de que já nasceram com ela, que não precisaram aprendê-la. Esse conforto proporcionado pela língua materna pode ser observado na SD 2, pela marca linguística “*Ahh*”, que indica que trata-se de algo natural, um alívio para o sujeito.

Também no uso da marca linguística “*a gente*”, na SD 1, a onipresença de que cita Revuz (2006) se mostra, abarcando o próprio enunciador, o interlocutor, enfim, todos; a língua materna está presente na vida de todos. Essa onipresença

---

18 As noções de intradiscurso e interdiscurso serão desenvolvidas no Capítulo 3 desta dissertação.

igualmente fica evidente na SD 2, quando o participante diz que *“todos os haitianos eles falam crioulo”*, o que significaria dizer que para ser haitiano, precisa falar crioulo, quase como uma marca, ou uma cicatriz (Scherer, 2006), e que faz com que o enunciador sintá-se parte, inserido em uma comunidade. Sendo assim, a língua materna jamais perderá essa relação de afetividade, de identificação, de conforto e de aconchego estabelecida com o sujeito. Há, ainda, a ideia de totalidade, de inteireza, o desejo de sentir-se pleno, com a repetição do adjetivo *“todo”*, na SD 2. Isso reforça o vínculo entre os dizeres sobre a língua e a constituição identitária do sujeito, já que se produz uma identificação muito forte com a língua. Essa identificação pode ser percebida quando nossos entrevistados nomeiam língua materna como crioulo, uma regularidade importante e que nos direciona para um efeito de identidade, pois os haitianos se reconhecem como haitianos porque falam crioulo.

Ainda na SD 1, quando o entrevistado considera língua materna como *“a língua que junta todo mundo sem distinção alguma”*, nos questionamos se haveria, então, língua que distingue, difere e separa as pessoas. Aqui, podemos relacionar ao fato de que no Haiti, crioulo e francês são línguas oficiais, sendo que 95% dos haitianos falam crioulo e apenas 5% utiliza francês, uma língua considerada de elite, de *status* social e econômico (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012)<sup>19</sup>. Portanto, a declaração do participante, provavelmente, refere-se ao crioulo, língua materna para a maioria dos haitianos, já que francês seria uma língua elitizada e, por isso, separa e distingue as pessoas. Pode estar, ainda, aludindo à língua portuguesa, língua estrangeira, do outro, e que também difere as pessoas, no caso, os haitianos dos brasileiros. Além disso, ao dizer que a língua materna une, junta a todos, remetemos, novamente, ao que diz Casanova (1982), que a língua materna não se aprende, *“mas se é banhado nela; aquela que afeta o corpo, habita o indivíduo e faz dele um ser falante”* (*apud* Ghiraldelo 2002, p. 63). É a língua que estabelece uma ligação, um elo, que atinge o corpo e as relações do sujeito, pois ele *“cresce escutando”* a língua materna, é criado por meio dela, faz parte de sua vida.

Na SD 2, identificamos que a enunciação vacilante se mostra por meio do discurso injuntivo, quando o enunciador diz *“imediatamente / eu sei / eu sei que eu*

---

19 A respeito da relação conflituosa do entre-línguas no Haiti, trataremos mais adiante neste capítulo.

*devo falar o crioulo também*”. Como explicar essa obrigação? Consideramos essa afirmativa, essa certeza, como um efeito de evidência; entretanto, como a língua é sujeita ao equívoco, o que o enunciador não consegue dizer ou explicar, é da ordem do impossível, um efeito da *lalangue*. Esse termo, com tradução próxima para o português *alíngua*, segundo Pêcheux e Gadet (2004), trata-se do impossível de dizer, de ser simbolizado. Termo forjado por Lacan e desenvolvido por Milner (1987, p. 15), “*alíngua* é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco”. É a relação da língua com o desejo inconsciente do sujeito, o irrepresentável, o real da língua. O que o enunciador não consegue explicar, o saber que não se sabe, pode ser tamponado por meio do discurso injuntivo, da afirmação, na tentativa de controlar a hesitação do sujeito, na tentativa de esconder o que ele não pode dizer: que a sua língua materna também dói, machuca, pois não é uma língua aceita e reconhecida por todos. Essa questão será discutida ao longo das análises.

Acreditamos, ainda, que esse dever se justifica pela necessidade do participante fazer parte de um grupo, de uma comunidade, pois, se “*todos os haitianos falam crioulo*”, ele também deveria falar. Segundo Bauman (2003, p. 9), o sentimento de pertencer, de fazer parte, de sentir-se inserido numa comunidade, ainda que imaginada<sup>20</sup>, produz no sujeito uma “sensação de aconchego”, de segurança, e o isso o afeta identitariamente.

Sobre a língua materna, vimos que ela também pode ser considerada (ou confundida) com a língua oficial de um país. Segundo Ghiraldelo (2002), língua oficial é aquela estabelecida pelo Governo e que deve predominar nas comunicações institucionais e públicas, em todo o território nacional, situação que, segundo nossos participantes, ocorre no Haiti com relação ao francês. Trata-se de uma língua imposta pelo colonizador, devendo ser respeitada pelo povo. Todavia, além dessa imposição do francês, nos parece que há também uma imposição do crioulo. Há um duplo dever que sustenta o discurso injuntivo: o dever de falar francês, pelo Governo, e o dever de falar crioulo, pelo grupo, para garantir um sentimento de pertença, de identificação, como discorremos acima. Nas palavras do enunciador, para ser haitiano, precisa falar crioulo, e essa obrigação e necessidade estão presentes na SD 2.

---

20 O conceito de nação, de comunidade imaginada, via Benedict Anderson e Zigmund Bauman, será retomado ao longo deste capítulo.

Essa imposição pode ser observada, também, quando questionamos nossos entrevistados sobre qual língua eles consideram materna e todos responderam crioulo, porém, alguns disseram também francês. Não apenas uma língua materna, conforme podemos ver abaixo:

SD 3: (E3) **[Você considera as duas como língua materna, o francês e o crioulo?]** Não é eu que considera mas nosso governo **[ah, o governo]** e os parentes também assim / na escola também

SD 4: (E4) É o crioulo e o francês **[as duas?]** sim / na verdade / usava mais / eu escutava mais o crioulo escutava mais o crioulo / qualquer / todo mundo fala / no / não é todo mundo no meu bairro que falava francês assim / falava francês / porque na minha família falam as duas / minha mãe meu pai

Nessas sequências, identificamos por meio das marcas linguísticas de denegação (*não*), de hesitação expressa pela contradição (*na verdade*), que a enunciação vacilante se manifesta no intradiscurso. Ao enunciarem que francês e crioulo são as línguas oficiais do Haiti, confirmam a imposição política, embora apenas esses dois participantes reconheçam as duas como línguas maternas. Essa obrigação pode ser identificada, na SD 3, pelo uso do verbo “*considera*” em vez de “*considero*” (“*Não é eu que considera*”), que indica um lapso, o participante quer falar na primeira pessoa, mas acaba deslizando para a terceira, do eu para ele, o Governo. A adversativa “*mas*” também aponta para um conflito, uma contradição no discurso, pois, embora o participante reconheça as duas línguas (crioulo e francês) como maternas, acaba admitindo essa imposição do Governo e, inclusive, da família e da escola.

Sobre esse lugar institucionalizado do francês, entendemos que ele se dá via aparelhos ideológicos como Governo, família e escola. Segundo o filósofo marxista Althusser (1970), o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e por meio dela se produz o efeito de evidência, o efeito de unidade do sentido. A ideologia, conforme o autor, se materializa através dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que compreendem o próprio Governo, a escola, a família, a religião, entre outros. É por intermédio do discurso disseminado nesses espaços que o Governo exerce seu poder de dominação e, em nosso caso específico, de imposição do



francês como língua que deve ser usada pelo povo haitiano. Há delimitação de espaços para uso do francês, onde o crioulo nem sempre é bem-vindo, e isso fica marcado nas narrativas de nossos enunciadore, como veremos ao longo das análises.

As hesitações presentes na SD 4 também nos apontam para um enunciador que vacila, em conflito, quando responde que considera as duas línguas como maternas. Essa tensão se mostra com a marca linguística “*na verdade*”, quando ele tenta justificar-se, dizendo que “*escutava mais o crioulo*”, por ser a língua usada por “*todo mundo*”. Aqui também aparece o papel da família, como um aparelho ideológico de estado, de imposição, pois, seus pais “*falam as duas*”, devendo ele fazer o mesmo. Parece-nos, da mesma forma, que há uma necessidade de pertença, de ser igual às pessoas próximas, o que atribui um lugar ao sujeito, possibilita identificar-se, fazer parte de um grupo (Coracini, 2007). Nessa necessidade de fazer parte de um grupo, no caso a família ou os amigos, o enunciador aparenta sentir-se dividido entre o crioulo e o francês, entre mobilizar esta ou aquela língua em determinados momentos e lugares sociais. Também nessa SD, o enunciador inscreve-se em redes de memória, que apontam para a repetição do discurso do francês como língua materna, conforme injunção do Estado.

A respeito da memória, para a AD não se trata da memória cognitiva, da faculdade de conservar e lembrar fatos, mas sim, como estruturação da materialidade discursiva, isto é, os efeitos do já dito que retornam ao discurso do enunciador. Segundo Payer (2006), há *memória na língua*, pois através dos sentidos produzidos e sustentados pela repetição, é possível

[...] compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a “sua língua”, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história. (PAYER, 2006, p. 39)

É essa memória que está presente na SD 4, na qual o enunciador retoma o discurso historicamente repetido de que francês e crioulo são línguas maternas para os haitianos, já que oficiais, reforçando o papel da memória no estabelecimento dos sentidos, de que é assim mesmo, embora reconheça que “*na verdade / usava mais / eu escutava mais o crioulo escutava mais o crioulo*”.

A memória, o já-dito que retorna no fio do discurso, nos possibilita identificar que existe tensão nas narrativas de nossos entrevistados ao falar de sua língua, e isso nos instigou a pesquisar a respeito da constituição linguística do Haiti. Oficialmente, é o Estado, o Governo, quem estabelece qual será a língua oficial da nação, o que caracteriza uma política linguística. Segundo Oliveira (2016, p. 382), a política linguística é uma área das políticas públicas concebidas e executadas não somente pelo Estado, mas, também, pelas igrejas, empresas e até famílias. Conforme o autor, a maioria das políticas linguísticas está diluída em outras políticas, em outras ações, e acabam passando despercebidas. Mas, o propósito permanece: determinar essa ou aquela língua como oficial, em detrimento de outras línguas faladas pelos habitantes de um país.

Com relação à política linguística do Haiti, encontramos no estudo de Rodrigues (2008) informações importantes, pois, em sua tese de doutorado, o pesquisador aborda a relação entre língua e religião naquele país. Aqui, nos interessa, especificamente, o resgate histórico da constituição linguística haitiana, especialmente da imposição do francês pelo colonizador e do surgimento e afirmação do crioulo, pela total relação com nosso *corpus* de análise.

Para o pesquisador, o Haiti é um país diglótico<sup>21</sup>, pois “ao lado da língua vernácula (crioulo), existe uma outra língua aparentada a esta, mas cujo *status* social é mais elevado (o francês)” (RODRIGUES, 2008, p. 4). Ele explica que durante muito tempo, sustentou-se que o crioulo seria apenas um dialeto do francês, desprovido de uma estrutura gramatical e, por isso, “indigno de reconhecimento”, ficando reservado apenas às conversas informais e piadas. A língua oficial, reconhecida e determinada pela primeira vez na Constituição do Haiti de 1918, é o francês, sendo que essa situação só sofreu alteração em 1987, quando uma nova Constituição determinou que crioulo e francês se tornassem as línguas oficiais, considerando, dessa forma, o país bilíngue.

Porém, segundo Rodrigues (2008), esse bilinguismo é apenas simbólico, pois, embora a Constituição de 1987 determine que as duas línguas sejam empregadas em todos os órgãos do Estado, os documentos oficiais e, inclusive, a própria

---

21 O termo “diglossia” foi cunhado por Charles Ferguson, em 1959, definido como “a relação estável entre duas variantes linguísticas, uma dita ‘alta’ e a outra ‘baixa’, e que situam numa distribuição funcional de usos” (Rodrigues, 2008, p. 4). Relacionando com a situação do Haiti, a língua “alta” seria o francês e a língua “baixa”, o crioulo.

Constituição, são redigidos em francês. Observamos que isso se confirma na sequência discursiva abaixo:

SD 5: (E2) **[Então francês seria a língua oficial do país?]** *Sí é oficial / agora o crioulo também tá oficial mas antes / até hoje / porque algumas palavras / se você precisar fazer um pedido para preencher pra fazer tipo um documento currículo tem que fazê em francês / apesar que a gente dizer que o crioulo tá oficial mas, pra dar certo, tem que fazer em francês*

Identificamos nessa sequência uma enunciação vacilante marcada pela hesitação no dizer, que por meio dos marcadores discursivos “*agora*”, “*mas*”, “*antes*”, “*tem que*” e “*pra dar certo*”, indicam o desconforto do enunciador em confirmar que o crioulo também é língua oficial. Por esses indícios, podemos interpretar que o crioulo, embora reconhecido como língua oficial junto ao francês, ainda não é legitimado no país. Esse reconhecimento é apenas simbólico, no papel, pois, na prática do dia a dia, nos órgãos públicos, na escola, em algumas relações sociais, o francês é predominante, mantendo-se como uma língua de prestígio. O crioulo, embora seja a língua utilizada pela imensa maioria da população, ainda é desprestigiada, considerada a língua do povo. De acordo com Rodrigues (2008, p. 98), “expressão da alma haitiana, o crioulo é reconhecido como a língua materna verdadeira, mas é só através do francês que se pode realizar a promoção social do indivíduo no estado atual das coisas”.

Isso fica presente quando consultamos a Constituição da República do Haiti, de 1987, e no Art. 5º encontramos o seguinte: “*Todos os haitianos estão unidos por uma língua comum: crioulo. Crioulo e francês são as línguas oficiais da República*”<sup>22</sup>. Tomando esse recorte, podemos interpretar que, mesmo “reconhecendo” a importância do crioulo para a população haitiana, a Constituição confere ao francês uma posição de *status* e de privilégio, pois não o caracteriza como uma língua comum e à disposição de todos. Esse discurso institucionalizado pelo Governo e replicado pelos aparelhos ideológicos, como escola, família, o próprio Governo, constitui o sujeito, marcando-se no intradiscorso, nas narrativas de nossos

<sup>22</sup> Texto original: “Tous les Haïtiens sont unis par une Langue commune: le Créole. Le Créole et le Français sont les langues officielles de la République”. Extraído da Constituição da República do Haiti (disponível em [http://www.oas.org/Juridico/mla/fr/hti/fr\\_hti-int-txt-const.html](http://www.oas.org/Juridico/mla/fr/hti/fr_hti-int-txt-const.html)). Acesso em 26 de setembro de 2016.

entrevistados.

Como vimos, um dos mecanismos para reforçar a política linguística é a escola, onde, no caso do Haiti, o ensino é ministrado em francês, embora atualmente, segundo os participantes, algumas escolas trabalhem com as duas línguas. A Constituição de 1987, no seu Art. 211, prevê “a obrigação de ensinar na língua oficial do país”<sup>23</sup>, mas não deixa denomina qual língua é essa. De acordo com Marques (2012), as bases do ensino haitiano foram importadas da França, sendo o francês a língua oficial nas escolas e universidades. Mesmo nos dias atuais, após ser institucionalizado o crioulo, também, como língua oficial, o ensino ainda se concentra, grande parte, em francês. A escola reconhece o francês como língua legítima e, ao ministrar as aulas nessa língua, deixando de lado a língua nativa, torna-se um instrumento de dominação e imposição do Governo. Vejamos as próximas sequências:

SD 6: (E1) *Então / a língua materna é crioulo / a língua oficial é francês / quem vai pra escola tem que falar francês / tem algumas escolas lá no Haiti que eles exigem que você fala só francês / eu tive a chance de estar num desses colégios e desde o ensino fundamental até o ensino médio a gente só falava francês*

SD 7: (E5) *O francês / acho que é a língua que / os haitianos precisam / pra mim / porque / se tu for lá no Haiti se tu sabe falar francês tu pode chegar lá e / e tu não conseguir falar com uma pessoa / porque se a pessoa nunca foi pra escola ele não sabe falar / francês / ele só sabe falar crioulo / mas quando tu vai lá no instituto numa escola no hospital lugar qualquer / tu tem que saber falar francês também / porque na secretaria eles vão falar com você / em francês ou crioulo / mas a primeira língua que uma secretária vai falar contigo é francês [...] o crioulo é tipo o português e o espanhol / o crioulo é uma deformação / da língua francesa / é assim mesmo / se tu sabe falar francês com certeza tu vai saber falar crioulo bem fácil [ah é?] porque é uma deformação*

Percebemos nessas sequências, que a principal marca que nos aponta para a enunciação vacilante é o discurso injuntivo, que tenta convencer o interlocutor de

---

23 Texto original: “L'autorisation de fonctionner des Universités et des Ecoles Supérieures Privées est subordonnée à l'approbation technique du Conseil de l'Université d'Etat, à une participation majoritaire haïtienne au niveau du Capital et du Corps Professoral ainsi qu'à l'obligation d'enseigner notamment en langue officielle du pays”. Extraído da Constituição da República do Haiti (disponível em [http://www.oas.org/Juridico/mla/fr/hti/fr\\_hti-int-txt-const.html](http://www.oas.org/Juridico/mla/fr/hti/fr_hti-int-txt-const.html)). Acesso em 26 de setembro de 2016.

uma necessidade, de uma obrigação, no caso aqui, relacionada a saber crioulo e francês. Identificamos que a representação (imposição) do francês como língua ideal ecoa no discurso dos enunciadores, como na SD 6, na qual ele explica que em algumas escolas do Haiti a comunicação só se dá em francês e reconhece “*Eu tive a chance de estar num desses colégios e desde o ensino fundamental até o ensino médio a gente só falava francês*”. Estar num desses colégios é um privilégio, uma chance dada a poucos, por isso, entendemos que francês, para ele, é uma língua que segrega, que diferencia, que “*não junta todo mundo sem distinção alguma*”, como a língua que considera materna, crioulo, que o constitui como sujeito e com a qual se identifica.

Além disso, o discurso injuntivo, evidenciado pelas marcas linguísticas “*tem que*”, “*exigem*”, e o deslizamento de “*você*”, para “*a gente*” e para “*tu*”, tanto na SD 6 quanto na SD 7, apontam para um enunciador que vacila, que tenta mostrar uma segurança, uma verdade, na tentativa de esconder ou camuflar uma insegurança. Essas marcas nos mostram sua tensão, seu conflito nesse espaço entre-línguas, nesse espaço de imposição e de obrigação, que o fazem migrar de uma língua a outra, do crioulo para o francês, conforme o lugar e a circunstância.

Destacamos, ainda, que a marca linguística “*tem que*”, característica do discurso injuntivo, presente na maioria das sequências discursivas, indica obrigatoriedade, uma exigência que precisa ser cumprida e que, por isso, é justificada pelos interlocutores. Segundo Eckert-Hoff (2008), a expressão sugere uma relação de necessidade de dever e de obrigatoriedade, ou seja, “uma maneira do enunciador expressar o desejo (inconsciente) de evitar uma contestação, uma vez que ele se posiciona, mostrando *que é preciso, que é necessário*, isto é, *que tem que*” (2008, p. 73, grifos da autora).

Apesar dessa tensão entre o materno e o oficial, percebemos que o crioulo, além de proporcionar a comunicação entre os haitianos, independentemente de terem frequentado a escola, é a língua falada pela maioria, língua que os identifica, que os une como povo, como nação. Compreendemos nação como um vínculo, como um elo existente entre os indivíduos, um sentimento de partilha, de comunhão, e que, na perspectiva de Anderson (1993), é imaginária. Para o autor, a nação é uma comunidade imaginada, “pois mesmo os membros da nação mais pequena não

conhecerão jamais a maioria de seus compatriotas, não os verão nem ouvirão sequer falar deles, mas na mente de cada um vive a imagem da sua comunhão” (1993, p. 23). Essa comunhão, essa união, ainda que imaginada, é possível para os haitianos, principalmente, pela língua materna, pelo crioulo. Dessa forma, cria-se um sentimento de pertença, uma sensação de acolhimento e de identificação.

Observamos, também, que predomina nas sequências apresentadas a declaração de que língua materna é aquela que se cresce ouvindo, ensinada pela mãe e pelo pai, língua do lar, do aconchego da família. Língua que acreditam possuir, que a tem como sua, que lhes pertence e, por conta desse sentimento, se sentem em casa quando a usam. Entretanto, retomando Derrida (2001), não existe a língua materna, uma única língua materna; existe, sim, uma língua híbrida, formada por outras línguas, resultado das experiências, das relações de cada falante com as línguas. Além disso, conforme o autor, o sujeito se identifica com a língua com a qual ele pode sentir-se em casa, seja ela materna ou não. Acreditamos que nossos participantes se sintam em casa com o crioulo, seja lá no Haiti, seja aqui no Brasil, por se identificarem com essa língua, pelo sentimento de propriedade e pela relação de afetividade e conforto estabelecidos com ela.

Essa noção de língua materna como a primeira língua, aquela que se aprende em casa, no aconchego do lar e que, além de possibilitar a comunicação do povo haitiano, sem distinção, os une e os identifica como nação, predomina entre nossos entrevistados. É uma definição diferente daquela dada à língua estrangeira, língua do outro, que não “nascemos sabendo” e que precisamos aprender, também chamada de segunda língua quando sua aprendizagem ocorre no contexto de imersão, como o caso dos imigrantes que saem de seu país e vão viver em outro(s).

Coracini (2007) enfatiza que a língua estrangeira proporciona um certo estranhamento, afinal, trata-se da língua do outro, do desconhecido, do estranho:

Uma língua estrangeira constitui um conjunto de fragmentos “estranhos”, língua do estrangeiro, do estranho, do medo; outra cultura, outro modo de ver o mundo e de se relacionar com os outros, que vem perturbar, confundir[...]. (CORACINI, 2007, p. 153)

Esse estranhamento pode provocar medo, repulsa ou uma forte atração, já que, por ser considerada a língua do outro, nos daria uma ilusão de transparência. A

autora reforça que, para alguns, a língua estrangeira proporciona uma libertação, onde tudo se pode dizer, sem censura, sem o julgamento do outro, como muitas vezes ocorre com a língua materna. Porém, embora transmita a impressão de segurança e liberdade, de que na língua estrangeira podemos falar sem temer o julgamento do outro, há momentos em que ela não dá conta de externar o que está contido, os sentimentos reprimidos, a tensão, os conflitos internos do sujeito. Aí, segundo Coracini (2007), essa função, geralmente, é melhor desempenhada pela língua materna, constitutiva do sujeito.

Revuz (2006), por sua vez, considera a língua estrangeira como uma segunda língua aprendida tendo como referência uma primeira (aquela da primeira infância), isto é, podemos aprender uma nova língua porque já tivemos acesso à linguagem por uma outra língua. “Essa língua chamada 'materna' pode não ser a da mãe, a língua 'estrangeira' pode ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem” (REVUZ, 2006, p. 215).

A língua estrangeira seria, então, o objeto de uma aprendizagem raciocinada, controlada e que vem perturbar, contestar nossa relação com a linguagem, com a nossa língua materna. Por isso, nos diz Revuz (2006, p. 220) “[...] a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua. Essa relação é complexa e estruturante da relação que o sujeito mantém com ele mesmo, com os outros, com o saber”.

Com base nas noções teóricas apresentadas e a fim de entender como se dá essa relação entre nossos participantes, trazemos algumas sequências discursivas nas quais eles enunciam o que entendem por língua estrangeira:

*SD 8: (E1) As línguas estrangeiras pra mim são aquelas que você vai aprendendo ou por interesse ou por necessidade / ahhnn / depende do lugar onde você estava / ou pra se defender também*

*SD 9: (E5) Ahh / língua de um país estrangeiro tipo (risos) a língua portuguesa / é uma língua que que você tem que aprender / tu tem que aprender essa língua / tu não nasce com essa língua / pra saber falar tu tem que aprender*

Nas sequências acima, identificamos que a enunciação vacilante se mostra pela hesitação, na repetição “que que” (SD 9) e também pelo discurso injuntivo. A

definição de língua estrangeira, presente nas SDs 8 e 9, como uma língua que vem de fora e que precisa ser aprendida foi compartilhada por todos os participantes. A memória discursiva, o que se diz sobre a língua, o discurso científico de língua estrangeira como uma segunda língua, produto de uma aprendizagem raciocinada e controlada, se faz presente no discurso de nossos entrevistados. Ao contrário da língua materna, do lar, eles entendem que a língua estrangeira é externa ao sujeito, é do estrangeiro, estranha, e precisa ser aprendida.

Para o enunciador da SD 8, é fundamental ter um motivo para aprender uma língua estrangeira, e, em alguns casos, necessidade. Ao dizer “*depende do lugar onde você estava*”, nos parece que está referindo-se à sua condição de imigrante, num país estranho, com uma língua estranha e, por isso, sentindo precisão em aprender a língua estrangeira, a língua do outro. Relacionamos essa passagem aos que nos diz Derrida (2011), a respeito da hospitalidade, da acolhida aos imigrantes, aos que chegam, e essa acolhida começa pela língua: “Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, imposta pelo dono da casa, o hospedeiro [...]” (DERRIDA, 2011, p. 15). Interpretamos, tanto na SD 8 quanto na SD 9, por meio do discurso injuntivo, marcado pelo “*tem que*”, pelo “*que você vai aprendendo*”, que é a isso que o enunciador se refere, a essa obrigação: *precisa* pedir a acolhida no país que chega e, portanto, *precisa* aprender sua língua. Além disso, o uso dos pronomes “*você*” e “*tu*”, nas duas SDs, indica uma tentativa dos enunciadores em atribuir ao coletivo (no caso, aos brasileiros), a obrigação de aprender língua estrangeira, a língua do imigrante, para melhor acolhê-lo.

Ainda na SD 8, quando o enunciador justifica a aprendizagem de língua estrangeira “*pra se defender também*”, nos questionamos: defender de quê? De quem? O estrangeiro, o outro, o hospedeiro, representaria uma ameaça ao imigrante? Essa justificativa também apareceu na narrativa de outro participante e isso nos possibilita interpretá-la como um sinal de resistência do imigrante, pois, quem precisa se defender, é porque está sofrendo algum perigo ou ameaça. Essa questão específica é desenvolvida no próximo capítulo, quando discutimos a constituição identitária do sujeito imigrante no espaço entre-línguas.

Voltando para nosso *corpus*, ao serem indagados sobre quais línguas estrangeiras sabiam/conheciam, nossos participantes responderam inglês e



espanhol, sendo que esta última mostrou-se muito presente nas narrativas, identificada por meio de marcas fonéticas, lapsos, equívocos. Acreditamos que isso se deve ao fato de que grande parte de nossos entrevistados, antes chegar ao Brasil, viveu na República Dominicana e Equador, países vizinhos do Haiti, nos quais se fala espanhol. Além disso, essa língua, assim como as demais, os constitui como sujeitos, como sujeitos entre-línguas. Sobre a língua portuguesa, foram unânimes em declarar que não a conheciam e que a aprenderam quando aqui chegaram. Consideramos importante destacar que, em nossa pesquisa, estamos analisando apenas sua relação com a língua portuguesa como língua estrangeira, a língua do outro.

Desse modo, num olhar sobre si mesmos, os participantes definem o haitiano como aquele que tem preocupação e interesse em aprender línguas, em fazer um curso superior. O fato de saber outras línguas torna-se uma necessidade e garantia de trabalho, de sucesso na vida, conforme relatado abaixo:

*SD 10: (E2) Lá no meu país a gente sempre aprende a falar / você pode chegar lá no Haiti você pode / achar um haitiano que fala / bastante línguas [...] quando tem um haitiano que fala um língua estrangeiro ele já tá trabalhando / é por isso que sempre a gente tá / aprende a fala outra língua*

Aqui, o enunciador hesita, não completa algumas frases, e consideramos essas marcas como sinais da enunciação vacilante, que nos direcionam para um sujeito que, além de estar entre-línguas, está entre-lugares também, entre fronteiras. Isso pode ser evidenciado pelos marcadores linguísticos “*lá no meu país*” e “*lá no Haiti*”, que mostram um sujeito dividido; está aqui, mas, ao mesmo tempo, ligado com o “*lá*”, se identifica com o “*lá*”, com o “*seu*” país que deixou para trás. Esse sentimento de posse, de pertença, acompanha o sujeito imigrante; ele sai do Haiti, mas o Haiti não sai dele. O “*lá*”, como marcador de espaço, delimita a distância e a proximidade com o enunciador; o “*lá*” o pertence, está longe, mas é seu. Existe uma relação de estranho-familiar, pois, embora não esteja no Haiti, é o “*seu*” país, há um sentimento de posse, de inclusão, diferentemente do que acontece “*aqui*”, no país do outro, que não lhe cabe, com o qual não se identifica.

Há, ainda, o deslizamento dos marcadores linguísticos “*a gente*” para “*você*” e

para “*ele*”, que, igualmente, apontam para uma vacilação do sujeito. Podemos interpretar que o “*a gente*” se refere a ele, aos seus conterrâneos, mas, também, pode referenciar a todos, aos brasileiros e, inclusive, a pesquisadora, já que está falando da importância da aprendizagem de línguas estrangeiras. Outra possibilidade de interpretação seria que o enunciador utiliza o “*a gente*” para referir-se a quem está “*lá*”, no Haiti, e “*você*” para o outro, que está aqui, o estrangeiro. Em seguida, o marcador “*a gente*” se transforma em “*ele*”, quando se instala um estranhamento, pois o participante já não se identifica mais com o lá, está entre-lugares, está dividido.

Essa diferenciação entre “*nós*” e “*eles*”, “*lá*” e “*aqui*”, é uma forma de demarcar fronteiras, de diferenciar e delimitar a identidade do enunciador. Segundo Silva (2000, p. 82), “a identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘*nós*’ e ‘*eles*’” e isso acontece quando o enunciador define quem está incluído e quem está excluído, quem está dentro e quem está fora do Haiti, os haitianos e os brasileiros, respectivamente. Ao demarcar fronteiras, ao dizer que “*lá*” os haitianos aprendem muitas línguas, nos parece, também, que o participante está direcionando-se para o outro, o estrangeiro, o brasileiro, no sentido de anunciar que deveria fazer o mesmo, pois, dessa forma, sabendo diversas línguas, facilitaria a comunicação com ele.

Também nessa SD emerge um discurso utilitarista da língua, pois, se o haitiano fala outra língua, “*ele já tá trabalhando*”, o que justifica sua aprendizagem, como forma de ascensão pessoal e profissional. Isso é sinalizado pelo discurso injuntivo “*a gente sempre aprende*”, repetido na sequência, e que se mostra como uma evidência, uma certeza do enunciador, algo indiscutível, reforçado ainda mais pelo advérbio “*sempre*”. Além disso, o contexto histórico vivido pelos haitianos reforça que eles precisam aprender línguas porque o crioulo apenas não basta, não “*serve*” para viver como cidadão no seu próprio país; é necessário mais, é necessário saber francês e outras línguas.

Sobre essa relação língua e trabalho, nos remete ao discurso capitalista, do trabalho como necessidade para a existência do sujeito. Segundo Orlandi (2012, p. 217), no Estado capitalista, considera-se “o trabalho como modo de individu(aliz)ação do sujeito. O que lhe confere condições de identificação no

conjunto da sociedade, ou da formação social”. Assim, o sujeito se identifica por meio do trabalho, e a importância de “já estar trabalhando” se faz presente na enunciação. Esse sujeito subordinado ao Estado, ao capitalismo, é o sujeito-de-direito, que conforme Orlandi (1996, p. 51), “é um efeito da sociedade capitalista”, é um sujeito de direitos e deveres, diante do próprio Estado e dos outros homens. Ele obedece à ordem social determinada que, no caso do enunciador, se refere ao fato de trabalhar e da necessidade de saber outras línguas, para que isso aconteça. Nessa visão utilitária, a língua é tida como um instrumento de comunicação, e aqueles que sabem mais línguas, têm mais chances no cenário competitivo do mercado de trabalho.

A respeito da necessidade de aprender línguas, apontada pelo enunciador, podemos, ainda, interpretá-la como um desejo de ser o outro, de ocupar o lugar do outro, de completar a falta que lhe constitui como sujeito, pois, retomando Coracini (2003, p. 150), a língua estrangeira proporciona um certo estranhamento, que pode causar atração ou aversão no sujeito e, “tanto no caso do medo como no caso da atração, é o mesmo desejo do outro, desejo da plenitude que move o amor ou o ódio, a aprendizagem ou a resistência a uma nova língua”. É como se esse desejo, essa vontade de aprender línguas possibilitasse preencher a falta, a incompletude do sujeito. Trata-se de uma busca infundável, pois o sujeito não se completa, está sempre em construção.

Essa ânsia de plenitude, aqui tomada pela vontade de aprender línguas estrangeiras, pode ser observada, também, na sequência abaixo, na qual o participante diz que ficou aprendendo a língua portuguesa por alguns meses, para, então, considerar-se “pronto na língua”:

SD 11: (E4) *Aí / na verdade eu fiquei oito meses na empresa / porque eu fiquei oito meses é que / depois de seis meses é que eu me avalei que eu tava pronto na língua / eu achei que eu tava pronto pra enfrentar a universidade pra fazer universidade / eu pedi pra sair da empresa depois de oito meses / seis meses eu achei que eu tava pronto / depois de oito meses eu saí da empresa / pedi pra sair da empresa pra conseguir me livrar no país*

Nessa SD, identificamos a enunciação vacilante pela hesitação, que se mostra, principalmente, pelas repetições dos marcadores de tempo “seis meses” e

“oito meses”. Segundo Ghiraldelo (2002, p. 79), “as repetições funcionam como tentativas do enunciador em fixar um sentido para seu dizer, o que na sua ilusão, o levaria a atingir o Um, um dizer uno, homogêneo e com sentidos controlados”. Assim, interpretamos essa repetição dos marcadores temporais como uma maneira encontrada pelo participante para reforçar, frisar e, ao mesmo tempo, justificar, para si mesmo e para a interlocutora, para o outro, porque ficou esse tempo trabalhando e, conseqüentemente, se preparando até considerar-se “pronto na língua”.

Mas, o que seria estar “pronto na língua”? Aqui, ressoa o discurso da noção de língua como completa, homogênea, fechada, diferente do que consideramos neste trabalho, língua incompleta, passível a falhas, opaca. O enunciador expressa que estar “pronto na língua” significa sabê-la ao ponto de conseguir estabelecer a comunicação com os brasileiros, dominar essa língua e controlar os efeitos de sentido por ela produzidos. Por ainda não estar “pronto”, sentia-se preso, impedido de fazer o que queria (estudar) e somente após aprender a língua portuguesa ele conseguiu se “livrar no país”. Essa seqüência denuncia seu desejo de completude, buscando através da língua do outro, alcançá-la. Além disso, a ilusão de controlar a língua, controlar o dizer e os efeitos de sentido que ele produz são constitutivos do sujeito (Pêcheux, 1995); é uma ilusão necessária para que o indivíduo se torne sujeito do discurso.

Podemos, ainda, interpretar que o participante sentia-se preso ao trabalho, e isso fica evidenciado pela repetição de “pedi pra sair da empresa”, que, como dito acima, aponta para uma tentativa de fixar um sentido, de controlar o dizer. Esse sentimento de aprisionamento pode ser um efeito do discurso capitalista, já mencionado, no qual o sujeito tem deveres e obedece a uma ordem social determinada, no caso aqui, o compromisso com a empresa. Foi somente quando saiu da empresa que conseguiu sentir-se livre, e esse sentimento de liberdade foi possível por meio da língua, a partir do momento em que aprendeu a língua portuguesa.

Nessa seqüência, destacamos, ainda, a expressão “eu achei que eu tava pronto pra enfrentar a universidade” e nos questionamos: enfrentar a universidade como um inimigo ou como um desafio? Alguns dos possíveis sentidos para o verbo “enfrentar” são encarar frente a frente, atacar de frente e, relacionando à fala de

nosso entrevistado, que se sentia “*preso no país*” por não saber a língua portuguesa, parece que, para ele, a universidade seria um desafio e para enfrentá-lo, ele precisava saber a língua portuguesa. Como seu desejo, ao vir para o Brasil, era de estudar, precisou preparar-se, ficar “*pronto na língua*”, para “*enfrentar*” a universidade.

Para discutir melhor a questão de estar “*pronto na língua*”, trazemos Kristeva (1994, p. 22), que destaca que o estrangeiro tem o “sentimento de que a nova língua é a sua ressurreição: nova pele, novo sexo”. Assim, estar pronto é transformar-se em outro eu, um novo ser, igual ao outro, com a mesma língua do outro, buscando, dessa forma, atender ao desejo do outro. É por meio do outro e dessa identificação com que nos constituímos como sujeitos, pois,

[...] a imagem que construímos de nós mesmos provém do(s) outro(s), cujo discurso nos perpassa e nos constitui em sujeitos, construindo, no nosso imaginário, a verdade sobre nós mesmos, verdade com a qual nos identificamos e que assumimos como se não fosse transitória. (CORACINI, 2007, p. 17)

Por isso, a necessidade de ser outro e de estar “*pronto na língua*”, na língua do outro e no país do outro. Todavia, no nosso entendimento, isso se configura como uma ilusão, pois não conseguimos alcançar a completude, seja na língua materna, seja na língua estrangeira. Entretanto, é uma ilusão necessária, pois é acreditando nessa completude que nosso interlocutor consegue estabelecer sua relação de identificação com a língua e com o outro.

No que diz respeito ao vínculo estabelecido entre língua materna e língua estrangeira, para nossos entrevistados, trazemos a sequência abaixo para ilustrar:

SD 12: (E6) *Materna é a mãe que ensina é o meu pai que ensina pra mim / eu não preciso ir na escola pra aprender uma língua materna porque é com esta língua que eu / que eu comecei minha infância minha vida / minha vida começou com o crioulo / eu não preciso / mas quando que eu preciso ir na escola pra aprender uma língua eu acho que é esta aprendizagem que faz a diferença entre a língua materna e a língua estrangeira / a língua estrangeira tem que aprender na escola / aprender os verbos aprender todo o alfabeto pra falar [e a materna é em casa?] materna é em casa / desde o nascimento / é isso pra mim*

As marcas linguísticas que indiciam a enunciação vacilante nessa SD são,

principalmente, a denegação e o discurso injuntivo, mediante os marcadores linguísticos “*tem que*” e “*preciso*”. Ao enunciar “*minha vida começou com o crioulo*”, o participante reconhece o papel da língua materna como fundante de sua subjetividade, de sua constituição identitária. Essa metáfora nos remete ao nascimento do sujeito, pois a língua materna não se aprende, ela o habita e o faz um ser falante; dá vida ao sujeito. Mesmo declarando que a língua materna é ensinada pela mãe e pelo pai, no aconchego do lar, o enunciador tem a sensação de jamais tê-la aprendido, ao contrário da língua estrangeira, produto de uma aprendizagem raciocinada e controlada, dentro da sala de aula. Aqui, há um atravessamento do discurso didático-pedagógico, que considera que “*a língua estrangeira tem que aprender na escola / aprender os verbos, aprender todo o alfabeto, pra falar*”. A aprendizagem da língua estrangeira no contexto migratório, no contato e na relação com o outro, não é apontada (ou se é, com pouca relevância) pelo entrevistado. Isso se replica aos demais participantes de nossa pesquisa, que entendem que a aprendizagem da língua estrangeira só se dá em contextos formais, isto é, em sala de aula.

Essa concepção de língua estrangeira aproxima-se do que diz Revuz (2006), para quem a língua estrangeira é uma segunda língua que aprendemos e que vem perturbar, contestar nossa relação com a linguagem, com nossa língua materna, provocando conflitos e rupturas. Já na concepção de Coracini (2007), não existe divisão entre língua materna e língua estrangeira, pois, toda língua é híbrida, constituída de várias línguas, culturas, ideologias, “*toda língua é materna e estrangeira ao mesmo tempo*” (p. 48). O imigrante, sujeito entre-línguas, vive a mistura e a clivagem dessas línguas, uma complementando a outra. Vejamos a sequência abaixo, na qual o enunciador relata com qual(uais) língua(s) se sente mais à vontade:

SD 13: (E6) *Ehh / é fran / é português francês e crioulo / mas crioulo é com os haitianos / francês também com os haitianos / mas as vezes quando eu falo francês eu / tenho algumas palavras que vem junto palavras portuguesas / quem vem junto né pra misturar [ah é?] é porque eu / falo mais português / mas eu me sinto mais tranquilo quando eu tô falando português e francês [aqui no Brasil?] aqui no Brasil [e lá no Haiti?] no Haiti é crioulo porque eu não posso chegar pra falar português senão as pessoas não vão entender [ninguém fala português lá?] não ninguém*

*fala português então é / não faz sentido pra chegar e falar português*

Nessa SD, a enunciação vacilante novamente é marcada pela hesitação, pelo vacilo, quando o entrevistado diz “*é fran / é português francês e crioulo*” e pela contradição, por meio do marcador linguístico “*mas*”, que indica que outros sentidos se instauram na formulação. Enuncia que utiliza francês e crioulo com os haitianos, mas, reconhece a influência da língua portuguesa, o que causa uma mistura de línguas, não sabendo ao certo onde começa uma e termina outra. Há uma confusão, fusão de línguas (Coracini, 2007), que caracteriza o sujeito entre-línguas. Também percebemos que o enunciador transita, migra de uma língua para outra e esse movimento, mesmo sem sair do lugar, possibilita ao sujeito múltiplas identificações.

O fato do enunciador dizer “*mas eu me sinto mais tranquilo quando eu tô falando português e francês [...] aqui no Brasil*” indica duas possibilidades de interpretação: ele se identifica com a língua com a qual pode sentir-se em casa, mesmo que seja estrangeira (Derrida, 2001); ou, essa tranquilidade, precedida da adversativa “*mas*”, aponta para uma tensão, para uma relação conflituosa com o outro e a língua do outro; só fica tranquilo porque sabe falar português, caso contrário, essa tranquilidade não existiria.

Assim, considerando as diversas possibilidades de identificação, seja com a língua materna, seja com a língua estrangeira, finalizamos este subcapítulo no entendimento de que conseguimos alcançar nossos objetivos propostos: discutir noções de língua materna, estrangeira e como se dá a relação dos nossos entrevistados nesse espaço entre-línguas. A partir das análises, de nosso gesto de leitura, pudemos identificar algumas representações de língua materna como constitutiva do sujeito, língua do berço, compartilhada por todos na família, língua que une e identifica o povo haitiano, o crioulo. Já o francês, embora também considerado (ou imposto) como língua materna, é visto como uma língua que separa, que segrega, que não une e nem identifica os haitianos, é a língua do dever, a língua que “*os haitianos precisam*”.

Por outro lado, a língua estrangeira é concebida como a língua do outro, estrangeira, que não nascemos sabendo e que precisamos aprender, seja por interesse ou necessidade. No caso dos haitianos aqui no Brasil, é a língua portuguesa, língua estranha, também considerada como um dever, uma obrigação,

pois, estão em outro país e precisam comunicar-se com por meio dela. Língua do desejo e, ao mesmo tempo, língua que perturba, que questiona.

Diante do exposto, seja considerada materna ou estrangeira, compreendemos que a língua nos constitui, é “o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (Revuz, 2006, p. 217), e as outras línguas que aprendemos se relacionam como essa matéria fundadora, perturbando-a e demonstrando que nenhuma língua é vivenciada somente como um instrumento de comunicação. São, sim, relações profundas e estruturantes, às vezes problemáticas, que deixam marcas, e será nosso propósito, a seguir, identificar no fio do discurso, nas narrativas de nossos entrevistados, possíveis cicatrizes daí provenientes.

### 3.3 MARCAS DA RELAÇÃO ENTRE-LÍNGUAS

Com base tanto no estudo prévio do *corpus* quanto das teorias, percebemos duas noções importantes: *cicatriz discursiva*, de Amanda Scherer, e *entre-línguas*, de Maria José Coracini. Embora essas noções sejam mobilizadas na articulação do dispositivo teórico com o analítico, consideramos importante apresentá-las mais detalhadamente aqui, a fim de facilitar a compreensão de nosso leitor.

Conforme Scherer (2006), somos identificados, marcados pela região, estado (fronteira, espaço geográfico) em que nascemos, o que produz em nós uma marca, uma cicatriz, da qual dificilmente conseguimos libertar-nos: “por mais que nos desloquemos, essa cicatriz carrega consigo como uma espécie de origem, aquilo que constituiria o sujeito que somos” (SCHERER, 2006, p. 13). Essa marca, ou cicatriz, nos acompanha, faz parte de nós e, mesmo que, às vezes, possamos esquecer dela, ela está ali, visível e sempre pronta para fazer-nos (re)viver e (re)lembrar aquilo que nos marcou. É daí que vem o termo *cicatriz discursiva*, do qual fazemos uso neste trabalho, e que consideramos como marcas, produzidas pela relação entre-línguas, que afetam a constituição identitária do sujeito.

A expressão *entre-línguas*, por sua vez, é desenvolvida por Coracini (2007) para designar o espaço conflituoso em que se encontra o sujeito, entre línguas e culturas, entre o familiar e o estranho, entre o materno e o estrangeiro. Segundo ela, não há língua única, homogênea e pura; a língua, seja ela considerada materna ou



estrangeira, é sempre uma mistura de outras línguas, de outras culturas e, por isso, estamos todos entre-línguas, mesmo aqueles que acreditam falar apenas uma língua. Assim, para Coracini (2008, p. 10), “ser/estar entre-línguas-culturas significa ser impregnado por elas; não estar nunca apenas num dos lados da ponte ou do rio, mas na travessia, onde as margens se con-fundem, co-existem e se interpenetram”.

Dessa forma, consideramos que os imigrantes haitianos, sujeitos de nossa pesquisa, estão “na travessia”, nem aqui nem lá, entre línguas e culturas, impregnados e afetados por elas. Entendemos que é nesse espaço entre-línguas que se produzem cicatrizes discursivas e nosso objetivo, ao longo deste capítulo, será identificá-las, caso existam, nas narrativas de nossos entrevistados, bem como discutir seus efeitos em sua constituição identitária. Relembramos que nossa hipótese é a de que os imigrantes haitianos vivem o conflito e a tensão entre as línguas materna e estrangeira, provocando efeitos de resistência, interdição e silenciamento diante da língua do outro, considerada aqui, como a língua portuguesa.

Como já apresentado anteriormente, identificamos a enunciação vacilante como uma marca discursiva que atravessa, de modo regular, nosso *corpus*, por meio do discurso injuntivo, de hesitações na enunciação, frequentes pausas (marcadas nas SDs por /), gaguejo, frases incompletas, entre outros indícios. Podemos caracterizá-las como modalizações do dizer (Paulillo, 2004) e que nos conduzem para os três grandes efeitos formulados em nossa hipótese. Tratamos de cada um deles a partir de agora.

### **3.3.1 Resistência diante da língua do outro**

A resistência, no senso comum, é definida como o ato ou efeito de resistir, de suportar as adversidades, de não se submeter à vontade do outro, de reagir. Pelo viés da AD, “a noção de resistência indica um trabalho que se situa na margem entre a dominação que se faz da linguagem e o que ela estabelece” (FERREIRA, 1994, p. 9). Nessa perspectiva, a falha, a ambiguidade, o equívoco, que são constituintes da língua, são lugar de resistência, indicando o real da língua, o impossível de dizer, a multiplicidade de sentidos para as palavras. Como nos diz Pêcheux (1995, p. 93), a

língua não visa sempre a estabelecer uma comunicação, ela serve também para não comunicar; e o que não é dito, a falta, o equívoco, podem, portanto, ser considerados como formas de resistência.

Nessa mesma linha, Orlandi (2012, p. 213) explica que os furos, as falhas nos processos discursivos são como “indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência”. O indivíduo, afetado pela língua, é interpelado em sujeito pela ideologia (Pêcheux, 1995), resultando daí uma forma-sujeito histórica, que, segundo Orlandi (2006, p. 50), corresponde ao sujeito moderno, ao mesmo tempo livre e submisso, que acredita (ilusoriamente) que tem controle de si e de seu dizer<sup>24</sup>. Esse sujeito sofre os processos de individu(aliz)ação do Estado, estabelecidos pelas instituições e discursividades, “que resultam, assim, em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade, com direitos e deveres” (ORLANDI, 2012, p. 228) e que, por sua vez, vai identificar-se com esta ou aquela formação discursiva. Dessa forma, se produz o discurso e nesse discurso, a possibilidade de resistência.

Ao aproximarmos os pressupostos teóricos com nosso *corpus* de análise, tratamos da resistência da língua e na língua. Resistência do imigrante em assujeitar-se à língua do outro e, até mesmo, em assujeitar-se ao outro. Apresentamos abaixo algumas sequências discursivas nas quais identificamos que a enunciação vacilante aponta para efeitos de resistência:

SD 14: (E6) [...] eu fiquei um pouco bem estressado porque não esperei que eu / que nessa cidade mesmo que eu ia trabalhar / mas quando eu cheguei era / tudo tava contrário [é?] eu / nada / nada foi interessante pra mim quando eu cheguei lá [...] daí eu não gostei do trabalho não gostei da cidade não gostei do tratamento que eu tava recebendo lá / pedi as contas eu saí de lá [...] eu saí pra aproveitar não somente o trabalho mas também pra aproveitar a possibilidade de de estudar / que a Universidade Federal está oferecendo pra nós haitianos

SD 15: (E6) Na verdade eu / quando eu cheguei lá no Paraná eu não sabia (a língua portuguesa) / daí eu não tinha interesse pra aprender também porque eu tava com uma pressão / eu tava um pouco / pânico / com muito pânico porque eu não gostei do trabalho / não gostei da cidade / não tinha interesse pra aprender a língua portuguesa / mas eu comecei a aprender a língua portuguesa quando eu cheguei aqui em Chapecó

---

24 A noção de sujeito será desenvolvida no Capítulo 3 desta dissertação.

Nas SDs 14 e 15, ambas do mesmo enunciador, encontramos a enunciação vacilante marcada pela gradação, com os seguintes marcadores linguísticos “*eu fiquei um pouco bem estressado*” e “*eu tava um pouco / pânico / com muito pânico*”. Por que a gradação? O que ela aponta de deslizamento de sentidos? Seria mesmo *um pouco* ou *bem estressado*, *um pouco* ou *muito pânico*? Esses indícios nos encaminham para a resistência do enunciador ao outro e à língua do outro, pois, na SD 14, ao relatar que não gostou do lugar em que estava e do tratamento que recebia, mostra seu sentimento de desconforto, evidenciado pela recusa em aprender a língua portuguesa. Marca a resistência do imigrante à suposta hospitalidade do hospedeiro que, em suas palavras, não foi tão hospitaleiro assim.

Da mesma forma, na SD 15, a *pressão* que ele disse viver pode ser relacionada a essa necessidade, essa suposta imposição do brasileiro para que ele aprendesse a língua portuguesa, provocando *muito pânico*, a ponto de bloquear a aprendizagem ou o desejo de aprendê-la. Consideramos que o enunciador só passou a identificar-se com a língua portuguesa quando veio para Chapecó, quando se sentiu acolhido por um novo trabalho e pela possibilidade de estudar, sendo esse um de seus grandes objetivos ao sair do Haiti.

A pressão vivida pelo enunciador em aprender a língua do país que o acolheu, mesmo não sentindo essa acolhida, provocou-lhe pânico (ou muito pânico!), um sentimento que ele nem mesmo consegue dimensionar. Além disso, esse deslizamento também pode ter relação com o fato de estar diante de uma pesquisadora brasileira, falando em língua portuguesa sobre sua dificuldade com essa língua, o que causaria incômodo e dúvida no momento de se expressar.

Outra marca linguística apontada pela enunciação vacilante é a denegação, evidenciada pelo advérbio “*não*” (repetido cinco vezes em cada sequência) e pela expressão “*nada foi interessante pra mim*”, na SD 14. O advérbio “*não*”, segundo Stübe (2008, p. 178), “significa a presença, a voz de outro, dissimulação do discurso outro. Mascara outras vozes que, inconscientemente, atravessam o dizer do enunciador”. Nesse caso, ao negar, o participante está afirmando o que é dito pela voz do outro: que deveria gostar do trabalho, da cidade, do tratamento que estava recebendo. Mas, resiste, não aceita, marcando dessa forma “um movimento contraditório de identificação entre o ser e o não ser, entre o fazer e o não fazer”

(Eckert-Hoff, 2003, p. 294).

Essa denegação pode, ainda, ser considerada como uma tentativa do enunciador justificar ao interlocutor, à pesquisadora, porque não aprendeu a língua portuguesa (porque não gostou da cidade, não gostou do trabalho, não gostou das pessoas). Remete-nos ao que disse outro participante, que para aprender uma língua estrangeira, é preciso ter motivo e agora, segundo este enunciador, para não aprender também. Há uma tentativa de resistir a essa língua do outro, na ilusão de que ele, como sujeito, tem controle de si e de seu dizer. Mas, como nos diz Pêcheux (1995), o sujeito não tem esse controle, ele é assujeitado à língua e à ideologia, enunciando aquilo que pode e deve ser dito.

A resistência do enunciador em aprender a língua portuguesa nos direciona para a necessidade (ou seria obrigação?) do imigrante, do estrangeiro, em entrar na ordem da língua do outro, do hospedeiro. Conforme Derrida (2003), o estrangeiro precisa pedir licença ao dono da casa para entrar, e deve fazê-lo numa língua que não é a sua, a língua do outro. Uma suposta hospitalidade que se reverte em hostilidade, vista pelo imigrante como uma imposição da qual ele não consegue escapar, e isso é marcado na sua enunciação vacilante, através das marcas analisadas acima e, também, pelo gaguejo, hesitações e pausas, sinais de sua resistência. O sujeito não controla seu dizer e os efeitos de sentido que ele causa, “pois há sempre um espaço (equívoco) entre o que é dito e a intenção do dizer” (ECKERT-HOFF, 2008, p. 45).

Dessa forma, encerramos a análise dessa regularidade, mesmo sabendo que não podemos colocar um ponto final; outras possibilidades de interpretação existem e podem ser identificadas por outros olhares. A produção do discurso não é controlável, linear; ele é incompleto, sujeito à falta, à falhas, com variados sentidos e as hesitações, as modalizações no dizer, marcas que analisamos aqui, irrompem no fio do discurso, trazendo à tona a subjetividade do enunciador.

Na próxima sessão, apresentamos e discutimos outros efeitos importantes apontados pela enunciação vacilante: a interdição e o silenciamento, seja diante da língua do outro, seja diante de sua própria língua.

### 3.3.2 Interdição e silenciamento

Pelo viés discursivo, retomando as palavras de Foucault (1996), a interdição é um dos procedimentos de exclusão na ordem do discurso, pois “sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Como prática discursiva, resultado das relações de poder, o discurso obedece a uma ordem, com regras de funcionamento comuns, que estabelecem o que pode e o que não pode ser dito. O discurso, longe de ser neutro e transparente, é afetado pela interdição e constituído por ela.

Ao considerar que existe interdição na ordem do discurso, como postulado por Foucault (1996), encontramos em Derrida (2001) outro tipo de interdição, aquela relacionada à língua, seja ela materna ou estrangeira. Segundo o autor, quando nos é interdito, negado, o acesso a uma língua, o que se interdita é o acesso ao dizer, não sendo possível, dessa forma, dizer e dizer-se ao outro. Ao interditar uma língua, sentidos foram silenciados, apagados, deixando marcas, cicatrizes no sujeito. Dessa forma, ao articularmos as concepções dos dois autores, podemos constatar que só se interdita o acesso ao dizer porque há a interdição na ordem do discurso.

Entendemos que essa interdição, a que se refere Derrida (2001), é aquela imposta pelo colonizador, que encontra na língua uma forma de dominação:

Na terra dos homens, hoje, alguns estão obrigados a ceder à homogeneidade das línguas dominantes, estão obrigados a aprender a língua dos senhores, do capital e das máquinas, estão obrigados a perder seu idioma para sobreviverem ou para viverem melhor. (DERRIDA, 2001, p. 45)

A partir da citação acima e considerando as entrevistas que realizamos, bem como as análises desenvolvidas até o momento, entendemos que essa interdição é vivida pelos haitianos. Há uma imposição, uma obrigação em aprender o francês, a língua dominante; porém, não acreditamos que o crioulo será perdido, pelo contrário, ficou presente nas narrativas de nossos entrevistados a sua importância como língua materna, como a língua que une o povo haitiano e ao longo de nosso trabalho, desenvolvemos essa questão.

Verificamos que interditar aproxima-se muito de silenciar; quando algo é proibido de ser dito, o sujeito silencia. E esse silêncio significa, tem sentidos; nos

remete à incompletude da linguagem, pois, para dizer também é preciso não dizer. Segundo Orlandi (2013), o silêncio tem caráter fundador:

Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido sempre pode ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante”. (ORLANDI, 2013, p. 14)

O silêncio significa, permite a mobilidade de sentidos do discurso e, para compreender os sentidos do silêncio, segundo Orlandi (2013), é preciso considerar a historicidade e as condições de produção do discurso. Todavia, como podemos identificar e interpretar o silêncio? Conforme a autora, é por meio de pistas, traços, como rupturas, falhas, furos no discurso, que ele se manifesta, que ele se mostra e aponta para alguns sentidos, e são esses possíveis sentidos que buscamos encontrar nas narrativas dos participantes de nossa pesquisa.

Orlandi (2013) categoriza o silêncio em dois tipos: silêncio fundador, que existe nas palavras e que possibilita os múltiplos sentidos; e política do silêncio, que se divide em silêncio constitutivo (para dizer é preciso não dizer) e silêncio local (o que é proibido, a censura). A respeito da política do silêncio, ou silenciamento, “se define pelo fato de que ao dizer algo, apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI (2013, p. 73). Algumas palavras são proibidas, censuradas, produzindo-se dessa forma, a interdição do dizer.

Nessa interdição do discurso, resgatando Foucault (1998), o silêncio pode resultar das relações de poder, pois, o sujeito reconhece um saber que não tem e por isso, submete-se ao outro, ao seu poder. É a relação poder-saber que ocorre nas relações sociais e carrega consigo a possibilidade de resistência. Articulamos essa noção aos estudos de Paulon e Tfouni (2016, p. 62), que entendem que “o silêncio, como não dito, denota o posicionamento subjetivo do sujeito; no entanto, não denuncia a incompletude da linguagem; antes, corrobora com a ilusão de certo controle do sentido e da busca por coesão e coerência como índices identitários”.

Sabemos que não podemos dizer tudo (Milner, 1987), sempre há algo não dito, por dizer; ao pronunciarmos algo, é preciso que silenciemos outras falas. O silêncio é, então, parte do discurso pois “se há silêncio, é porque há mais a dizer, e

enquanto houver silêncio, há ainda o que dizer” (TFOUNI, 2016, p. 103). Para o autor, o interdito age como um operador que possibilita, simultaneamente, a existência da linguagem e do silêncio, em sua inter-relação. “O dizer é meio dito, dito no meio, dito pela metade: interdito” (TFOUNI, 2016, p. 111). Assim, o que produz em nós o silêncio também nos incita a falar; silenciam-se alguns dizeres e pronunciam-se outros, num contínuo processo de produção dos discursos.

Considerando as noções teóricas apresentadas e relacionando-as como nossa pesquisa, como nosso *corpus* de análise, concordamos que o silêncio é constitutivo dos sujeitos e dos sentidos; que o silêncio significa e que sua presença pode indicar traços da constituição identitária de nossos participantes. Acreditamos que é entre interditos e silenciamentos que se encontra o imigrante, barrado pela língua do outro, acuado, sem saber ao certo o que dizer e como dizer. O silêncio torna-se uma maneira de continuar, de dizer-se ao outro, de dizer-se a si mesmo.

Com base no exposto até aqui, apresentamos algumas sequências discursivas, capturadas nas entrevistas que realizamos, nas quais identificamos que a enunciação vacilante, fio condutor de nosso trabalho, indica possíveis efeitos de interdição e silenciamento:

SD 16: (E2) *A língua portuguesa pra mim no / no tem problema porque ele / eu posso dizer / é a mesma / quando a gente diz a mesma é tipo / na constituição nas regras tem a mesma como o francês [...] até agora o problema é pra falar que eu tenho / eu tenho problema pra falar / mas / quando pra escrever no tenho bastante problema / porque eu vou com calma / as palavras chegam / é maior / mas quando pra falar / sabe que a gente tem que fala mesmo / as palavras não cai / não vem direito pra dizer / pra falar certo*

SD 17: (E5) *Eu entendi quase tudo quase tudo mas / não consegui falar / falar bem [não?] porque a pronúncia tava muito difícil pra mim [...] sim melhorou bastante pra mim porque / quando eu / cheguei aqui tava me perguntando “será que um dia eu vou conseguir falar o português?” (risos) porque / porque / quando / quando uma pessoa fala na minha frente eu fiquei olhando só / mas eu não ouvi nada nenhuma palavra/ imagina / tava tudo / tudo grudado pra mim / todas as palavras grudadas (risos) / eu não sabia nada e / e agora eu consigo entender / tudo não / quase tudo quase tudo **[e foi no contato com as pessoas que você foi aprendendo, ouvindo, como é que foi?]** ouvindo porque tava com muita vergonha de falar / porque não queria falar errado (risos) / eu eu não falei muito / só escuto*

SD 18: (E1) *É um idioma bem difícil / daí eu percebo também que algumas vezes mesmo o brasileiro falando ele não tá achando as palavras certas (risos) / eu acho que / que o português é complicado cada estado fala um português bem diferente o sotaque diferente / eu tive a sorte de presenciar isso [...] acontece quando eu tô brava chateada/ eu posso estar falando com você eu solto uma palavra em crioulo / e as vezes também eu posso estar bem concentrada fazendo alguma coisa / daí eu esqueço que você é brasileira e eu falo uma palavra em crioulo pra você me responder e só depois que eu vou dar conta que não é...*

Nas sequências apresentadas acima, é possível identificarmos pausas frequentes na enunciação, algumas frases incompletas e repetições, indícios da hesitação e que nos remetem à enunciação vacilante. Esse dizer atravessado por modalizações indica prováveis marcas de interdição e silenciamento diante da língua portuguesa, que discutimos a partir de agora.

Começamos pela SD 16, fortemente marcada pela hesitação, na qual enunciador desliza entre não ter “*problema*” com a língua portuguesa e o seu “*problema*” ser a fala, a pronúncia. Entendemos que sua dificuldade maior não é aprender a língua, as regras, como ele mesmo diz, mas, sim, dar voz a essa língua, pois “*as palavras não cai*”. Vimos no início deste capítulo que, conforme Casanova (1982), a língua materna afeta nosso corpo; é por meio da língua materna que nos tornamos sujeito, ser de linguagem. Mas, aqui, é a língua estrangeira que afeta o corpo do enunciador, produz uma espécie de bloqueio, que não deixa as palavras “caírem”, saírem, que não possibilita ao enunciador poder dizer e ser compreendido. Embora, para ele, a língua portuguesa seja parecida (em sua estrutura) com o francês, “*o problema é pra falar*” e a repetição da palavra “*problema*” indica um obstáculo, uma situação difícil que ele enfrenta, o desconforto com essa situação, com o fato de sentir-se interditado, de não conseguir “*falar certo*”. Além disso, percebemos que nessa SD há uma diferenciação entre a escrita e a fala, ou seja, que na escrita ele consegue controlar a língua, consegue dominá-la, as “*palavras chegam*”, mas, na fala não, não há esse controle e, por isso, o sentimento de interdição.

Essa mesma dificuldade, que atinge o corpo e impede o enunciador de dar voz à língua estrangeira, aparece na SD 17, na qual a enunciação vacilante também



se mostra pelas diversas pausas, frases incompletas e repetições de palavras. Ao repetir os marcadores linguísticos “*quase tudo*” e “*tudo*”, o enunciador evidencia sua concepção de língua como completa, um sistema fechado e homogêneo, transparente de sentidos, no qual se é capaz de entender tudo, estabelecendo-se, assim, a comunicação plena. Todavia, a concepção que trabalhamos aqui é de língua como heterogênea, sujeita a falhas, a furos e com multiplicidade de sentidos (Pêcheux, 1995).

Ainda nessa sequência, ao participante declarar que aprendeu a língua portuguesa “*ouvindo porque tava com muita vergonha de falar / porque não queria falar errado*”, observamos que o estranhamento diante da língua do outro também se manifesta através do silenciamento. Aqui, ele estava referindo-se ao ambiente universitário, durante as aulas, quando se sentia envergonhado em falar diante dos colegas brasileiros. Acreditamos que ainda se sente interdito, pois, alterna os verbos nos tempos passado e presente do indicativo - “*eu não falei muito / só escuto*”, mostrando algo que persiste, que está vivo dentro dele; algo que vai e volta. O silêncio é uma constante, mas há o desejo de falar. Esse passado que se faz presente nos encaminha para a interdição vivida pelo enunciador no corpo e em seu próprio país, quando se sente obrigado a falar francês e não crioulo, a língua que o constitui.

Podemos, ainda, compreender esse silenciamento, com base em Foucault (1998), como efeito das relações de poder, pois, o imigrante reconhece que não sabe bem a língua portuguesa e, por isso, submete-se ao outro, ao hospedeiro, ao seu poder, ficando em silêncio. Além do mais, segundo Foucault (1998), essa relação poder-saber, que ocorre nas relações sociais, traz consigo a possibilidade de resistência, manifestada nesse caso, diante da língua do outro.

Na SD 18, a enunciação vacilante se mostra pela gradação, por meio dos marcadores linguísticos “*bem difícil*”, “*bem diferente*” e “*bem concentrada*”. Nos dois primeiros casos, o participante se refere à língua portuguesa, e o advérbio *bem* intensifica os adjetivos *difícil* e *diferente*, que nos remetem à língua portuguesa como estranha para ele. Esse estranhamento, segundo o participante, não acontece apenas com ele, já que percebe que “*algumas vezes, mesmo o brasileiro falando, ele não tá achando as palavras certas*”. Levando em conta esse olhar do haitiano

sobre o brasileiro, nos questionamos: como explicar que em sua própria língua, o brasileiro não consiga achar as palavras certas? Retomando o que discutimos no início desse capítulo, trata-se do real da língua, o impossível de se dizer. Por ser heterogênea, sujeita à falha e ao equívoco, a língua é incompleta e no real da língua há espaço para o impossível, para o lapso, para o equívoco, para a mobilidade de sentidos (Milner, 1987). Não podemos dizer tudo, sempre há algo não dito, algo por dizer, determinando, assim, a incompletude da língua e do sujeito.

Podemos, também, abordar essa questão apoiados em Coracini (2007), que considera a língua materna como “língua do prazer e do repouso, mas também [...] língua da censura, dos recalques, das frustrações, língua dos interditos, da falta, dos mal-entendidos” (CORACINI, 2007, p. 152). É a língua com a qual nos sentimos à vontade, que consideramos como nossa, mas que, às vezes, nos limita, nos deixa sem palavras, sem conseguir expressar o que queremos. Essa interdição, provocada pela língua materna, pode ser comparada à interdição motivada pela língua estrangeira, possivelmente vivida pelos nossos participantes, quando relatam suas dificuldades com a língua, o que já discutimos acima.

Ainda nessa sequência, o enunciador reconhece que, por vezes, acaba misturando as línguas (materna e estrangeira), inconscientemente. É nos momentos de tensão (estar nervoso, ou chateado, ou concentrado), que a língua que o constitui como sujeito emerge, irrompe, resiste à língua do outro, para poder dizer mais e melhor. O imigrante encontra-se no espaço entre-línguas, um espaço conflituoso, no qual as línguas e culturas se imbricam, se misturam, interferindo na formação do sujeito (Coracini, 2007). Assim, ao dizer “*eu posso estar falando com você eu solto uma palavra em crioulo*”, nos dá a entender que sua língua materna, o crioulo, está presa, silenciada dentro dele, e é nos momentos de tensão que essa língua é solta, é liberta, resiste à dominação/imposição da língua do hospedeiro (Derrida, 2011).

Esse hibridismo emerge nas SDs 16 e 18, nas quais percebemos que os enunciadores já incorporaram traços da língua portuguesa, com marcadores linguísticos como “*tipo*” e “*daí*”. Isso vai ao encontro do que diz Derrida (2001): “não falamos nunca apenas uma língua”, falamos na mesma língua outras línguas, falamos de valores que adquirimos nessa relação ímpar que mantemos com a(s) língua(s). Ao incorporar essas expressões, os enunciadores constituem a sua língua,

na tentativa de buscar por uma complementação e que aponta para o desejo de uma língua ideal, que possibilitaria uma comunicação plena, sem tanta inibição, sem tantos tropeços.

Resgatamos as palavras de Coracini (2007, p. 145), para quem não há língua pura, original, primeira, “qualquer língua é fragmentária, híbrida, constituída de outras – línguas, culturas, ideologias – tão fragmentárias e fraturadas quanto o sujeito”. A língua, assim como o sujeito, é atravessada pelo outro, vem do outro e segundo Derrida (1996), essa língua idealizada, inventada, é a “monolíngua do outro”, uma promessa de unidade, de transparência e de propriedade, pois a língua não nos pertence, embora tenhamos a ilusão, o sentimento de nos apropriarmos dela. É a língua “vinda do outro, permanecendo do outro, ao outro reconduzida” (Derrida, 1996, p. 57).

Dessa forma, na tentativa de finalizar a discussão desse tópico, considerando a análise até aqui realizada, bem como os pressupostos teóricos apresentados, entendemos que resistência, interdição e silenciamento andam juntos, pois estiveram presentes em todas as nossas entrevistas, o que demonstra que são marcas, cicatrizes visíveis e que ressoam no discurso dos nossos entrevistados, imigrantes, estrangeiros, no país do outro.

Essas cicatrizes, resultantes da relação entre-línguas vivida pelos participantes de nossa pesquisa, interferem em sua constituição identitária, em sua formação como sujeito. Destacamos que a resistência do imigrante ficou marcada diante da língua do outro e também, diante do outro, do hospedeiro, da necessidade de entrar na ordem da língua, de pedir permissão para entrar, e que deveria ser feito na língua portuguesa e não na sua língua.

Vimos, ainda, que a dificuldade maior, para o imigrante, nem sempre é aprender a nova língua (suas regras, normas, gramática), mas sim, dar voz a essa língua. Ela afeta o corpo e por vezes, por mais que conheça, por mais que saiba a língua do outro, as palavras não “caem”, estão presas e, por isso, o sujeito cala, silencia, não consegue dizer.

Por fim, nesse espaço entre-línguas se constitui o sujeito e a partir das análises realizadas, percebemos que falar de língua é falar de si, e esse falar de si produz sujeito e aponta para identificações. Por isso, no próximo capítulo, iniciamos

apresentando alguns conceitos teóricos, como sujeito, discurso e identificação, para, na sequência, articulá-los com a análise das sequências discursivas. Desse modo, acreditamos ser possível compreendermos como se dá o processo de constituição identitária dos nossos entrevistados.

## 4 CAPÍTULO III - A INCOMPLETUDE DO SUJEITO

Assim, em vez de falar de identidade como algo acabado deveríamos vê-la como um processo em andamento e preferir o termo identificação, pois só é possível capturar momentos de identificação do sujeito com outros sujeitos, fatos e objetos. (CORACINI, 2000, p. 150)

Ao longo do percurso que trilhamos para a construção desta dissertação, encontramos o sujeito. Pelo viés da AD, o sujeito é considerado como uma posição discursiva, e não como o indivíduo, empírico; é visto como descentrado, cindido, heterogêneo; não tem controle de si nem do seu dizer. Dessa forma, a identidade também não é concebida como completa e fechada, e sim, como algo inacabado, que vai sendo moldado, (re)construído por meio da relação do sujeito com a língua, com o outro e com a língua do outro.

Com base nessa pressuposição, apresentamos neste capítulo a concepção discursiva do sujeito, articulada com o prisma psicanalítico, trazendo à baila noções de discurso, ideologia, formação discursiva, interdiscurso e intradiscurso, questões importantes para o nosso trabalho e conectadas entre si. Apresentamos, também, o que entendemos por constituição identitária e identificação, bem como o papel da cultura, relacionada à questão do sujeito imigrante. Tentamos unir conceitos teóricos com o dispositivo analítico e por esse caminho, acreditamos ser possível chegar ao nosso destino: compreender como se dá a constituição identitária de imigrantes haitianos, no espaço entre-línguas e culturas.

### 4.1 A RELAÇÃO SUJEITO, DISCURSO E IDEOLOGIA

A noção de sujeito que adotamos neste trabalho vem da perspectiva discursiva, que dialoga com a psicanálise, e que o concebe como atravessado pelo inconsciente, dividido, complexo, que se constitui na e pela linguagem. É por meio da língua, incompleta e heterogênea, sujeita à falha e ao equívoco, que se constituem o sujeito e os sentidos.

No viés da AD de linha francesa, segundo Pêcheux (1995), o indivíduo é

interpelado em sujeito pela ideologia. Isso significa dizer que para o indivíduo tornar-se sujeito (concebido como uma posição no discurso), é preciso que ele assujeite-se à língua, submeta-se a ela, para poder assim significar e significar-se. Sem esse assujeitamento à língua, ao simbólico, não é possível subjetivar-se, e é por meio da subjetividade que podemos “compreender como a língua acontece no homem” (ORLANDI, 2001, p. 99).

Desse modo, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e, como nos diz Pêcheux (1995), não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. De acordo com o autor, a ideologia não é um processo consciente, o sujeito não se dá conta de que ela existe; ela é resultado da relação do sujeito com a língua e com a história. A ideologia não é um conjunto de representações ou uma ocultação da realidade, ao contrário, é uma prática significativa, já que pela orientação da AD ela é necessária para que a relação do sujeito com a língua e a história tenham e produzam sentidos.

O trabalho ideológico, na perspectiva discursiva, é tornar evidente os sentidos do discurso, do já-dito, produzindo assim, no sujeito, a sensação de literalidade e transparência dos significados. De acordo com Pêcheux (1995), o sujeito nada mais é do que um efeito da ideologia e do inconsciente, pois sofre de uma “ilusão necessária”: acredita ser a origem de seu dizer e que pode controlar tudo o que diz, inclusive o sentido.

Essa realidade discursiva ilusória, na teoria pechêutiana, é criada pelo sujeito ao ser afetado por dois *esquecimentos*. O esquecimento nº 1, ideológico e inconsciente, provoca no sujeito a ilusão de ser a origem do seu dizer, o criador do seu discurso e por essa razão, é constitutivo da subjetividade. Já o esquecimento nº 2 é pré-consciente, da ordem da enunciação, no qual o sujeito seleciona alguns dizeres e não outros, produzindo a ilusão da literalidade e transparência dos sentidos do dizer, do controle dos efeitos do discurso. São esses esquecimentos que produzem a ideia de unidade, de origem do dizer e que se estabelecem como uma ilusão necessária para sua constituição. Pêcheux (1995) formulou esses esquecimentos baseado nos postulados de Freud e na concepção psicanalítica do sujeito, atravessado pelo inconsciente, cindido, que não tem controle de si e nem dos efeitos de sentidos do que diz.

Do ponto de vista de Althusser (1970), são as formas de assujeitamento ideológico do sujeito que controlam suas ações, seus modos de pensar e também, os mecanismos enunciativos, o que pode ou não pode ser dito. É a ideologia que faz com que o sujeito, de forma inconsciente, mas, acreditando ter controle de si, ocupe determinado lugar nos grupos sociais vigentes e a partir deles, enuncie.

O discurso, por sua vez, é definido por Pêcheux (1987, p. 82) como “efeito de sentido entre locutores”. Em outras palavras, já que o sujeito é uma posição no discurso, que a língua não é transparente e linear, o discurso não pode ser considerado como uma simples transmissão de informações e sim, como produção de efeitos de sentidos entre locutores, efeitos esses criados dentro das circunstâncias dadas e afetados pela ideologia.

Assim, o sujeito não controla os sentidos das palavras que enuncia, pois, como a língua não é fechada, o discurso também não é, e não remete a apenas um significado. Os efeitos de sentido sempre podem ser outros, pois se constituem a partir da posição que o sujeito toma no momento da enunciação e que o faz optar por essas e não aquelas palavras. Todo discurso nasce de outro discurso e, por consequência, vai apontar a outro, formando-se, assim, um processo discursivo, sempre em movimento.

Como vimos, a ideologia é considerada condição fundamental para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e essa interpelação se realiza através da inscrição-identificação com as diferentes formações discursivas que o constituem ao produzir o discurso. Essas formações discursivas (FDs), segundo Pêcheux (1995, p. 160) são “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito”. Desse modo, o sentido não está colado às palavras, mas, é determinado pelas formações discursivas nas quais o sujeito se insere, afetadas pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que são produzidas. As palavras e expressões alteram seu sentido conforme as posições sustentadas por aqueles que as utilizam e, por isso, não há um significado único, universal para as palavras e, conseqüentemente, para o discurso, não sendo possível para o sujeito controlá-lo.

Segundo Orlandi (2001, p. 103), a FD é o lugar “de constituição do sentido e

de identificação do sujeito”. Há um processo de interpelação, o sujeito se identifica com esta ou aquela FD e, a partir daí, (re)produz o discurso. O que determina a FD é o interdiscurso, também entendido como a memória do dizer, o já-dito, aquilo que fala antes, em outro lugar. O interdiscurso liga-se ao pré-construído, termo introduzido por Paul Henry, que, segundo Pêcheux (1995, p. 99), serve para designar “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado”. O pré-construído indica ao sujeito os efeitos de evidência e constitui os sentidos do que está sendo dito; trata-se daquilo que “todo mundo já sabe”, a memória do dizer, e que é retomada pelo sujeito enunciativo.

Como efeito do interdiscurso, temos o intradiscurso, definido como o “funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto dos fenômenos de 'co-referência' que garantem aquilo que se pode chamar o 'fio do discurso')” (PÊCHEUX, 1995, p. 166). É no intradiscurso que o interdiscurso se materializa; o que já foi dito antes é retomado pelo interlocutor e aí se produz uma transparência, efeito de literalidade do(s) sentido(s), que é resultado da relação do interdiscurso com a FD a que se vincula.

O interdiscurso também pode ser chamado de memória discursiva, mas, não a memória cognitiva, a faculdade de conservar e lembrar fatos, e sim, como estruturação da materialidade discursiva. Segundo Pêcheux (1999, p. 52),

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva (ou interdiscurso) causa efeito no que está sendo dito; através dos pré-construídos, dos discursos-transversos, dos já-ditos, nossas palavras fazem sentido e possibilitam nosso dizer. Segundo Coracini (2007, p. 16), memória é sempre esquecimento, “é sempre interpretação de algo que passou; passado que se faz presente; presente que, a todo momento, já é futuro”. O que foi dito no passado é esquecido e ao retornar, abre-se para novas interpretações e novos significados. É por meio da memória discursiva, que diz respeito à existência



histórica do enunciado, que podemos unir o “fio do discurso” (intradiscurso) à sua exterioridade (interdiscurso), possibilitando, nessa relação, que o sujeito do discurso se identifique com a FD que o constitui, (re)produzindo discursos e sentidos (Eckert-Hoff, 2008).

Tendo em vista o que foi apresentado até aqui, concebemos o discurso como atravessado, constituído por fragmentos, pedaços de outros discursos (o interdiscurso, o que foi dito antes), que nos precedem e, dessa forma, nos constituem como sujeitos. Como defende Eckert-Hoff (2008, p. 45), a produção do discurso se dá pela exterioridade, pelo interdiscurso e “embora o sujeito acredite, ilusoriamente, ser fonte de seu discurso, ele nada mais é do que o suporte e o efeito do discurso”. Ambos, sujeito e sentido constituem-se juntos, ao mesmo tempo, por meio da linguagem.

Dessa forma, o sujeito é atravessado pelo inconsciente “e, por isso mesmo, impossibilitado de se reconhecer e de reconhecer o outro, já que é fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (CORACINI, 1999, p. 11). Assim, é multifacetado, constituído pela falta, pelo desejo de completude, de ser inteiro. É fruto de múltiplas identificações, sejam elas imaginárias ou simbólicas, que se dão pelo e no olhar do outro, pois, é dessa forma que se torna possível constituir uma imagem de si mesmo. Portanto, o sujeito se vê como é visto pelos demais indivíduos.

A respeito das identificações, segundo Násio (1995), a identificação imaginária relaciona a “imagem e o eu”; consiste na representação imaginária, na qual o eu se identifica com as imagens em que se reconhece, buscando de alguma forma, a figura do outro. Já a identificação simbólica compreende o sujeito do inconsciente, um sujeito efeito da linguagem, “que mergulha num processo de identificações incessantes, na busca de uma completude inalcançável” (Stübe, 2008, p. 98). Por meio das identificações, sejam elas simbólicas ou imaginárias, que se constroem na e pela linguagem, é que se constitui o sujeito e suas múltiplas possibilidades de identidade.

Diante disso, após esse percurso teórico, concebemos o sujeito como cindido, complexo, heterogêneo, que se constitui na e pela linguagem, que não tem controle de si nem de seu dizer. É por meio da língua, incompleta e sujeita a falhas, que ele

(re)produz o discurso, afetado pela ideologia e pelas formações discursivas as quais está vinculado, que determinam o que pode e deve ser dito. O sujeito é fruto de múltiplas identificações, resultantes da sua relação com a língua, com o outro e com a língua do outro.

Com base nessa noção e no intuito de compreendermos como se dá o processo de constituição identitária do sujeito no espaço entre-línguas, na próxima sessão apresentamos algumas noções de identidade e subjetividade, buscando discutir a incompletude do sujeito, relacionando-a com nosso *corpus* de análise.

#### 4.2 EFEITO DE IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

No senso comum predomina a concepção de identidade como algo completo, único, determinante, constitutivo do sujeito, pertencente a ele, imutável. Ao tomarmos o significado da palavra identidade<sup>25</sup>, é um termo de origem latina, formado a partir do adjetivo “idem” (o mesmo) e do sufixo “-dade” (indicador de um estado ou qualidade). Significa aquilo que é idêntico ou o mesmo, caracterizando algo que permanece, algo estável.

Todavia, segundo Coracini (2007, p. 9), a identidade una e completa é uma ilusão: “[...] cada um de nós tem a ilusão de que faz um, de que é um, de que tem uma identidade, inventada pelo outro e assumida como sua; ficção que se faz verdade para si e para os outros”. Essa ficção é formada por representações imaginárias, expressas no e pelo olhar do outro, ou seja, a construção da identidade se dá a partir do discurso de si e do outro.

O imaginário é constitutivo do sujeito do discurso. Como discorremos no tópico anterior, é por meio das representações imaginárias, construídas pelas nossas próprias experiências e pelas experiências do outro, pelo olhar do outro, que criamos um sentimento de identidade, a ilusão de unidade, de ser completo, inteiro. Esse pressuposto, que vem da psicanálise lacaniana e das teorias do discurso, diz que nos vemos inevitavelmente pelo olhar do outro; somos constituídos pelo outro. Desse modo, nos tornamos sujeito e produzimos o nosso discurso que, pelo que tratamos até aqui, na concepção da AD, também não é nosso, é atravessado por

---

<sup>25</sup> Consulta efetuada no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, em 19 de agosto de 2016.

discursos diversos, é herdado, é (re)significado a todo momento.

Nessa ilusão necessária, constituído na e pela falta, o sujeito constrói uma identidade (que ele acredita ser transparente, imutável), que ele busca identificar-se a si mesmo e ao outro. Ao considerarmos o sujeito como clivado, dividido, inconsciente, habitado pelo outro, não é possível conceber a identidade como única e acabada, e sim, como momentos de identificações, que estão em constante movimento, e que produzem um efeito de constituição identitária. “Tomamos identidade no sentido de processo identitário [...], processo complexo e heterogêneo, do qual só é possível capturar momentos de identificação” (CORACINI, 2003, p. 198).

Essa noção é desenvolvida por Hall (2006), que considera a identidade plenamente unificada como uma fantasia, e diz que somos confrontados por uma infinidade de identificações possíveis e variáveis, com as quais podemos nos identificar, mesmo que temporariamente. O autor acrescenta que

[...] a identidade é realmente, algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006, p. 38)

Portanto, segundo Hall, nossa identidade se constrói no decorrer do tempo, não nascemos com ela definida, determinada. Estamos sempre mudando, a partir das relações com a língua, das relações sociais e culturais, (des)identificando-nos; por isso, nossa identidade está em processo constante de (re)construção.

Nesse mesmo viés, encontramos nas reflexões de Derrida (2001) a desconstrução dessa ideia de unidade, pois, para ele, uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada, e sim, que sofremos um processo interminável e fantasmático de identificação. Para o autor, o sujeito está em permanente busca pela sua identidade, pela sua completude; uma espécie de promessa sempre adiada, uma ilusão, pois esse processo nunca termina.

Desse modo, em vez de falar de identidade como algo definido, acabado, devemos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento, um processo de constituição identitária. Segundo Hall (1992, p. 39), “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas

de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

É através da identificação, da relação com o outro e da diferença que nos constituímos, ao longo dos discursos, práticas e posições que tomamos enquanto sujeitos, afetados pelas formações discursivas a que estamos submetidos. E esse processo não cessa, não finda, está em constante formação.

A subjetividade, por sua vez, também não é fixa e definida; é construída sempre em relação com o outro e sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. Segundo Coracini (2000, p.147), “a subjetividade se constrói no e pelo outro e é flagrada por identificações de vários tipos”. As identificações do sujeito não existem em si mesmas, elas são (re)construídas por meio da diferença, do contato com o outro e pela porosidade da linguagem:

O sujeito é, assim, fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro que, como fios que se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente e, portanto, da subjetividade. Rede essa que resulta da falta constitutiva do sujeito que, em vão, deseja preenchê-la, supri-la ao longo da vida, supri-la com o outro, objeto do seu desejo. (CORACINI, 2007, p.61)

Como ser incompleto, esse desejo do sujeito de preencher a falta, de tornar-se inteiro é em vão, uma busca infundável, trilhada no caminho da identificação com o outro, com o desejo do outro. Conforme apresentamos no tópico anterior, na identificação imaginária o eu se identifica com as imagens em que se reconhece, buscando a figura do outro. Já a identificação simbólica consiste no sujeito do inconsciente, um sujeito-efeito da linguagem, que busca nas identificações a sua completude.

A subjetividade também é concebida como dispersa e clivada, fragmentada. É construída pela língua e está em constante transformação, nunca é completa e acabada, é uma “ilusão”. De acordo com Agustini (1999, p. 47),

[...] a ilusão da subjetividade é um componente inalienável do funcionamento do discurso e da construção enunciativa dos sentidos, posto que a constituição do sujeito e dos sentidos encontra na subjetividade uma condição necessária para o estabelecimento de um sujeito coerente, com certa permanência (duração), certa especificidade e certo domínio, o que garante ao dizer a consistência necessária para que o sujeito signifique e produza sentidos.

Essa ilusão de subjetividade é a mesma de uma identidade única, imóvel, completa. É também necessária ao sujeito e constitutiva de seu discurso, pois, garante a sua unidade e do seu dizer. É por meio da ilusão da subjetividade que o sujeito significa e consegue produzir sentidos por meio do discurso. Na teoria pechêutiana, a subjetividade se estabelece na interpelação ideológica e na inscrição do sujeito às formações discursivas que o constituem.

Retomando o que apresentamos no início deste capítulo, segundo a AD, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Essa interpelação se dá pela identificação do sujeito com a FD que o domina, ou seja, na qual ele está inscrito e que o possibilita produzir o discurso. Dessa forma, pelo assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, ele é conduzido, inconscientemente, mas, acreditando que está exercendo sua vontade, a ocupar seu lugar, sua posição nos grupos sociais vigentes e a partir deles, produzir o discurso.

Por esse viés, a subjetividade pode ser entendida como “um estranho país de fronteiras e de alteridades incessantemente construídas e desconstruídas” (KRISTEVA, 1994, p. 200). Isso nos remete ao sujeito como complexo, fundamentalmente constituído pela falta, pela ânsia de ser completo, inteiro e é justamente por essa falta que se dão os deslizos e as rupturas, fazendo-se e desfazendo-se os sentidos.

Essa busca pela completude é marcada fortemente quando tratamos do sujeito imigrante, que anseia preencher a falta que o constitui através da identificação com o outro, com a língua do outro, no país do outro. No intuito de problematizar e discutir essa questão, na próxima seção abordamos o movimento migratório, especialmente o haitiano, e o sentimento de estrangeiridade, que, para muitos deles, começa em sua própria casa, em seu próprio país.

#### 4.3 O SUJEITO IMIGRANTE

Neste subcapítulo, tratamos do sujeito imigrante e do movimento migratório, a partir de uma visão mais ampla da imigração e, na sequência, trazendo essa questão mais próxima de nosso *corpus* de pesquisa. Discutimos o que é ser

imigrante e em que medida esse deslocamento interfere na constituição identitária do sujeito, voltando nossos olhos, especialmente, para a migração haitiana. Destacamos, ainda, a questão da diáspora, particularmente a diáspora haitiana, por suas especificidades e por fazer parte da cultura daquele povo.

Começamos tratando da migração, que caracteriza a movimentação de saída de um país (emigração) e entrada em outro (imigração), por parte de um indivíduo ou de um grupo<sup>26</sup>. Ao atravessar fronteiras, o emigrante torna-se um imigrante. Assim, migrante é todo aquele que se movimenta, de um lugar para outro, seja por um período curto ou longo; temporariamente ou definitivamente (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2014).

Já o termo diáspora caracteriza o deslocamento de um povo, que pode se dar em consequência de preconceitos e perseguições, sejam elas políticas, religiosas ou étnicas (como a dispersão dos judeus pelo mundo), ou ainda, corresponder à mobilidade internacional de uma pessoa ou um grupo de pessoas. Atualmente, segundo Cotinguiba e Pimentel (2014), diáspora caracteriza, também, o movimento de emigração haitiana para diversos países, sendo que a palavra *dyaspora* (em francês ou *diaspora* em crioulo) serve, igualmente, para designar a pessoa que emigra. Todavia, de acordo com os autores, para alguns haitianos, *dyaspora* só é considerado aquele que emigra para países ricos, como Estados Unidos, Canadá ou França, onde consegue “ganhar um bom salário para ajudar a família” (idem). Assim, existem haitianos que estão no Brasil e que, segundo seus conterrâneos, não se enquadram nessa categoria; porém, outros, sim, pois conseguem manter-se aqui e ainda, enviar remessas de dinheiro aos familiares.

Sobre os motivos que impulsionam uma pessoa a migrar para outro país, podemos citar a busca por oportunidades de trabalho, interesse em outras línguas e culturas, aperfeiçoamento nos estudos, desenvolvimento profissional; porém, há também razões de ordem econômica e social, desastres naturais, perseguições políticas e religiosas. No caso do Haiti, segundo Handerson (2015), antropólogo haitiano radicado no Brasil, que em sua tese de doutorado analisa as experiências de mobilidade dos haitianos, os motivos dessa migração são, basicamente, econômicos e sociais, decorrentes, em especial, da instabilidade política vivida pelo

---

<sup>26</sup> Consulta efetuada no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, em 21 de setembro de 2016.

Haiti. Para nossos entrevistados, o que impulsionou a saída do país de origem foi a busca por melhores condições de vida, por oportunidades de trabalho e, principalmente, de estudos.

De acordo com Hall (2003), apesar do espalhamento, das andanças, há sempre a eterna promessa do “retorno redentor”. Ainda que deixem sua casa, suas famílias, suas raízes, aqueles que partem não abandonam suas origens, seus costumes, sua cultura, sua(s) língua(s). Isso também foi observado com nossos entrevistados, ao relatarem que continuam mantendo suas tradições e, principalmente, a língua de comunicação entre si: o crioulo. Todavia, nesse movimento de ir e vir, muitas mudanças ocorrem, línguas e culturas se misturam, se mesclam; há o contato com o outro, com o novo e tudo isso interfere, deixa marcas na constituição identitária do sujeito.

Hall (2003, p. 27) destaca que “nas situações de diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Segundo o autor, na maioria das diásporas, as tradições variam e são frequentemente transformadas, alteradas e moldadas conforme as experiências de migração. O imigrante é aquele que pertence a outro lugar e que constantemente é questionado “quando você voltará para sua casa?”. Nas situações de diáspora, ninguém fica isento das mudanças, tanto aqueles que saem do país quanto aqueles que ficam. Para o autor, conhecer os lugares, mas, não pertencer completamente a nenhum deles caracteriza a experiência diaspórica: “longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada” (HALL, 2003, p. 415).

Com relação à diáspora haitiana, segundo Handerson (2015), o termo *diaspora* faz referência ao sujeito (pessoa) mas também pode ser um adjetivo, qualificando pessoas, objetos, casas, dinheiro. Os haitianos utilizam *diaspora* para referir-se aos compatriotas residentes em outros países, mas, que voltam temporariamente ao Haiti e posteriormente, retornam ao exterior. Conforme o autor, o *diaspora* (aqui usado como adjetivo da pessoa que emigra), além de residir em outro país, geralmente envia remessas de dinheiro para os familiares que ficaram no Haiti, sendo que “a volta deve mostrar o sucesso pessoal e coletivo da *diaspora*. Não há *diaspora* sem a volta temporária. Do ponto de vista etnográfico, não é um retorno, é uma *nova chegada*” (HANDERSON, 2015, p. 353, grifos do autor). Essa

concepção se liga ao pensamento de Hall (2003), que considera a diáspora como uma “chegada sempre adiada”, um retorno sem data marcada.

Ao relacionarmos as concepções apresentadas com o nosso *corpus*, com os imigrantes que entrevistamos, entendemos que a diáspora faz parte da cultura do povo haitiano. A mobilidade caracteriza-se como uma “perspectiva do horizonte de boa parte da população” (HANDERSON, 2015, p. 37) e foi possível perceber isso com nossos entrevistados, ao relatarem seu desejo de sair do Haiti para estudar, para melhorar de vida, assim como afirma o pesquisador. Alguns participantes declararam que não pretendem ficar em terras brasileiras, querem continuar transitando, em mobilidade. Todavia, foram unânimes em manifestar que pretendem, um dia, voltar ao Haiti, demonstrando seu desejo do “retorno redentor”, conforme podemos observar nas sequências discursivas abaixo:

SD 19: (E5) [...] *Eu quero / eu quero fazer / eu quero terminar minha graduação / depois fazer um mestrado e voltar lá no meu país / pra ajudar na reconstrução do país mesmo / eu quero voltar*

SD 20: (E6) *Depois que eu acabei de me formar / eu posso voltar [...] eu posso ser útil para o Haiti / pra trabalhar lá / seja na área pública seja na área privada / eu posso contribuir de um certo jeito pra ajudar meu país*

Esse retorno ao Haiti, já como profissionais formados e qualificados, é uma maneira de demonstrar o sucesso da diáspora, bem como de contribuir na reconstrução do país. Podemos associar esse discurso ao que está posto nos documentos oficiais que compõem o nosso arquivo: a Resolução nº 32/2013, do Conselho Universitário, que cria o Programa PROHAITI, da UFFS e que, no seu Art. 1º, estabelece como um dos objetivos “[...] *qualificar profissionais que ao retornar possam contribuir com o desenvolvimento do Haiti*”, e no Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti-Graduação (Governo Federal), no qual consta em seus objetivos “*auxiliar na reconstrução*” do país. Como discutimos em capítulo anterior, nos parece que, nesses documentos, além da preocupação em ajudar o país vizinho, existe, também, a preocupação de que os haitianos, um dia, possam retornar ao Haiti, e isso se mostrou presente nas narrativas de nossos entrevistados.

Ainda segundo Handerson (2015, p. 353), o retorno do *diaspora* é entendido



pelos que ficam como “um ato ou demonstração de fidelidade ao Haiti e aos familiares”. Por isso, acreditamos que nossos entrevistados demonstrem esse desejo de voltar, como uma forma de expressar que não romperam os laços com seu país, com sua terra, com sua gente.

Ao mesmo tempo em que há o desejo de voltar, há o desejo de continuar em trânsito, pois, como nos diz Handerson (2015, p. 364), “*diaspora* não migra, ele está em mobilidade nos territórios circulatorios. Ele parte para melhor ficar, seja no Haiti ou nos lugares pelos quais transita”. Essa transitoriedade, esse constante encontro com o outro, com o estrangeiro, acaba provocando conflitos identitários, estranhamentos, identificações e desidentificações, que podem ser observadas, principalmente, na relação com o outro, com a língua do outro e com sua própria língua.

Sobre um possível estranhamento vivido pelos haitianos com sua língua materna, resgatamos a SD 7, já discutida anteriormente, mas, agora, com olhos direcionados para a questão do sentir-se “estrangeiro” na própria língua: “*O crioulo é tipo o português e o espanhol / o crioulo é uma deformação da língua francesa / é assim mesmo / se tu sabe falar francês com certeza tu vai saber falar crioulo bem fácil [ah é?] porque é uma deformação*”.

Nessa sequência discursiva, a enunciação vacilante, que atravessa nosso *corpus*, se mostra no intradiscurso por meio de um discurso injuntivo, com marcas linguísticas como “*é assim mesmo*”, “*com certeza*”, que apontam para um enunciador seguro de suas afirmações. Todavia, nos pareceu uma tentativa de forçar uma segurança, buscando esconder ou apagar uma insegurança, uma tensão vivida pelo enunciador com relação à sua língua materna.

O fato do participante considerar o crioulo, a língua que disse materna, como uma “*deformação*” impacta no movimento de diáspora, apresenta-se como um conflito, pois é uma língua que une e espalha ao mesmo tempo. Por outro lado, o crioulo como uma “*deformação*” (marca linguística repetida na sequência) nos mostra seu caráter fundador (de-formação), ou seja, forma o sujeito, faz parte de sua constituição. Embora seja considerada pelo enunciador como uma alteração da língua francesa, ainda assim, permanece sua característica de origem, de constituinte do sujeito haitiano.

Nessa sequência, verificamos a comparação que o enunciador faz do crioulo com outras línguas (português e espanhol), dando a entender que essas línguas também são deformações (do português de Portugal e do espanhol da Espanha) e isso caracteriza um discurso já existente, que perpassa o sujeito. Podemos inferir que o enunciador, que já viveu na República Dominicana, Equador e agora, Brasil, identificou que o português e o espanhol falados não são os mesmos de seus países colonizadores, assim como o crioulo, sendo portanto, uma deformação. Também, ao dizer “*é assim mesmo*”, o enunciador parece convocar a pesquisadora, o coletivo, a concordar com ele, sinal de um discurso pré-construído, que retorna nas palavras do entrevistado. Algo que já foi dito, provavelmente o discurso do colonizador, reforçando a importância do francês em detrimento do crioulo, e que parece ficar registrado como uma verdade incontestável.

A marca mais forte que encontramos nessa sequência, apontada pela enunciação vacilante, foi o conflito vivido pelo sujeito: mesmo denominando sua língua materna como uma deformação do francês, ele se identifica com essa deformação, a toma como sua; lhe é estranha e ao mesmo tempo, familiar. No artigo intitulado “Das Unheimlich”, de Freud, publicado originalmente em 1919, e traduzido para o português como “O Estranho”<sup>27</sup>, o psicanalista trata do sentimento de estranheza que atinge o conhecido e o familiar. Originalmente, a palavra alemã *heimlich* se traduz por “familiar”, e unida ao vocábulo *un*, que indica negação, estranhamento, forma a palavra *unheimlich*, cujo significado envolve o sentimento de estranheza que atinge o conhecido. Segundo Freud (1969), o termo estranho relaciona-se com o que é assustador e coincide com “aquilo que desperta o medo em geral” (p. 237). Apesar disso, embora seja estranho, é também familiar, “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1969, p. 238).

Trazendo essa questão para nossa análise, podemos considerar que a relação estabelecida entre o enunciador e sua língua materna, o crioulo, seja de estranho-familiar. Para que haja estranhamento, é preciso haver pontos de identificação, e há sempre algo de desconhecido na língua, mesmo que seja na língua materna. O enunciador a reconhece como familiar, a conhece, mas, ao

---

27 Versão consultada de 1969.

mesmo tempo, a estranha, a considera outra, uma deformação do francês, e isso acaba provocando um sentimento de estrangeiridade com sua própria língua, em seu próprio país. Supomos que seja uma espécie de conflito de origem e que o acompanha, o impulsiona em busca de novos caminhos, de novas terras, de novas línguas.

Nessa busca, ao atravessar fronteiras, o imigrante torna-se estrangeiro. O estrangeiro é o outro, o que vem de fora, o estranho, o desconhecido, que por vezes nos atrai e, por vezes, nos amedronta. O contato com o estrangeiro provoca diferentes reações: amor, ódio, temor, “amódio” (KOLTAL, 2000). Segundo a psicanalista, nos identificamos e contra-identificamos com ele, já que “diante do estrangeiro o sujeito nunca permanece indiferente, até porque é como se tivesse de fazer existir fora de si algo que lhe é interior” (KOLTAL, 2000, p. 17). O estrangeiro é o eu, dividido, discordante, diferente, familiar e estranho ao mesmo tempo, e, conforme a autora, o modo como lidamos com nossa própria estrangeiridade, com nossa estranheza diante de nós mesmos, pesa no momento de definir o outro como estrangeiro.

Essa relação com o outro que vem de fora, como vimos, provoca diferentes reações, seja nos imigrantes, seja nos habitantes do país que os acolhe. A entrada dos imigrantes haitianos no Brasil foi um processo migratório repentino e volumoso. Motivados por diversas questões, os haitianos viram em nosso país uma possibilidade de recomeço, e vieram em massa, dezenas e dezenas por dia, entrando por diversas fronteiras, acolhidos por órgãos do Governo e com o sonho de estudar, conquistar um trabalho e mudar de vida. Nesse contato com o outro, há espaço para os mais diversos sentimentos, seja de acolhimento, seja de rejeição. A respeito dessa relação/convivência, trazemos Kristeva (1994, p. 21), que nos diz:

Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não *de ser um outro*. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar* – o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo (grifos da autora).

Dessa forma, conviver com o imigrante não é apenas aceitá-lo ou recusá-lo, mas, sim, colocar-se em seu lugar, ser o outro; um exercício de empatia, tanto do lado do imigrante como daquele que o recebe. Em nossa pesquisa, o foco é o

imigrante e por isso, nos interessa sua percepção sobre os brasileiros, e não o contrário. Através de suas narrativas é possível identificarmos, por meio do dito e do não dito, como se sentem diante de nós, de que maneira nos veem como estrangeiros. Apresentamos, assim, algumas sequências discursivas que retratam a visão do haitiano sobre os brasileiros, principalmente na questão de “*não querer*” ou “*não ter interesse*” em aprender línguas estrangeiras:

SD 21: (E2) *Não eu não vejo esse interesse no brasileiro de aprender a falar outra língua [Não? Por que será?] O problema é porque ele se sente confortável com a língua portuguesa / que eu digo sempre que não é certo / porque o Brasil a gente podia dizer que é um país / mundial / quando a gente diz mundial é porque ele recebe bastante estrangeiros tem que aprender a fala / a se comunicá / porque até que eu ofereci o francês várias vezes com as pessoas / mas ele não quer*

SD 22: (E5) [...] *os brasileiros só sabem falar português / eu acho ruim [Você acha que tem que aprender mais línguas?] Sim / me desculpa mas eu acho que é ruim porque tu não vai ficar só no Brasil / tu vai viajar conhecer outro lugar / você tem que falar uma outra língua tipo / inglês / o inglês é comercial / tu tem que / tu tem que aprender uma coisa assim*

Nessas duas sequências, por meio de um discurso injuntivo, característica da enunciação vacilante por mostrar a tentativa do sujeito em controlar sua hesitação, os enunciadores apresentam sua visão sobre o brasileiro, que para eles, só sabe falar português e resiste a aprender línguas. Esse imaginário de monolingüismo foi sustentado por políticas linguísticas, ao longo da história, e permanece como uma característica do brasileiro, considerada aqui pelos nossos entrevistados. No entanto, esse suposto desinteresse poderia ser interpretado como um sinal de soberania do país, do povo hospedeiro; quem deve aprender a falar nossa língua são os estrangeiros, os imigrantes, é responsabilidade deles estabelecer a comunicação. Abordando a questão da hospitalidade, no que diz respeito à língua do país hospedeiro, Derrida (2003) destaca que o imigrante:

[...] desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever da hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o

poder, a nação, o estado, o pai, etc. estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse a nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com uma língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele em asilo e em hospitalidade? (DERRIDA, 2003, p.15)

O autor nos questiona a exigência do imigrante em falar a língua do país que o abriga, e podemos relacionar isso à passagem citada pelos nossos entrevistados, relatando sua visão sobre o comportamento dos brasileiros, sua recusa em aprender outras línguas, pois o português já basta para a comunicação. Uma hospitalidade que pode ser interpretada como hostilidade, sentimento de superioridade, de soberania sobre o estrangeiro. Parece haver uma obrigação, um dever imposto ao imigrante, que precisa falar a língua da maioria, e não o contrário. Derrida (2003) ainda nos questiona: se os estrangeiros compartilhassem a mesma língua, continuariam a ser estrangeiros? Uma pergunta que pode ser feita para os dois lados: o imigrante haitiano e o brasileiro.

Nas SDs 21 e 22, encontramos a marca linguístico-discursiva “*tem que*”, característica do discurso injuntivo, uma regularidade no fio intradiscursivo, utilizada pelos enunciadores para reforçar a necessidade do brasileiro em aprender línguas. É um modalizador que “indicia uma relação de uma pretensa necessidade de dever e de uma pretensa obrigatoriedade” (ECKERT-HOFF, 2002, p. 73); uma maneira do enunciador evitar uma contestação, já que ele se posiciona dizendo que é preciso, é necessário aprender outras línguas. Por meio de um discurso de globalização, de língua universal (no caso, o inglês), os entrevistados evidenciam sua vontade de ser compreendidos em sua própria língua, ou numa outra língua que já conhecem, sem o esforço da aprendizagem da língua portuguesa.

Ainda nessas sequências, observamos a alternância nos pronomes pessoais *ele*, *eu*, *tu* e *você*, incluindo o interlocutor, a pesquisadora, nessa obrigação. Esse deslizamento nos mostra a vacilação na enunciação. Ao falar do outro, do brasileiro, inconscientemente, ela está falando de si mesmo, pois, conforme Coracini (2003, p. 3), o sujeito se vê sempre a partir do olhar do outro: “o tempo todo falamos ou escrevemos sobre nós mesmos, mesmo quando falamos do(s) outro(s) que, em

última instância, nos constituem”. Está justificando a necessidade da aprendizagem de línguas estrangeiras, por parte do brasileiro, para conseguir comunicar-se com os imigrantes, pois, sente-se desconfortável com essa situação, o que também sugere sua fala hesitante e frases incompletas. Esse desconforto, ainda, pode ser interpretado como sua vontade de ser entendido, de ser compreendido em sua própria língua, e não na língua do outro. O fato de o brasileiro “*não querer*” aprender francês, como enunciado na SD 21, também pode ser interpretado como sua recusa em aceitar o imigrante, em aproximar-se. Ao falar do outro, o enunciador está falando de si mesmo, do sentimento de não pertencer ao lugar em que está.

Além disso, com relação ao fato de serem imigrantes, percebemos que para alguns enunciadores, a legalidade, a documentação e o visto de permanência são de grande importância. Pareceu-nos que, no seu entendimento, predomina a imagem de haitiano como ilegal, refugiado, o que causa mal-estar, conforme podemos ver abaixo:

*SD 23: (E2) Por que as vezes as pessoas dizem que a gente entra no Brasil de maneira ilegal porque tem bastante pessoa que pensa isso mas isso não é uma verdade/ porque quando a gente chega lá no Acre tem que ir na Polícia Federal pra pedir / fazer os documentos antes de entrar aqui / porque / depois que a gente chega lá no Acre depois de fazer todos os documentos ainda a gente tá livre pra ir no qualquer cidade*

Aqui, a enunciação vacilante é sinalizada pela denegação, “*isso não é uma verdade*”, marca linguística que, assim como “*ilegal*”, “*polícia*”, “*livre*”, remetem a uma visão de imigrante como fora da lei, perigoso, um estereótipo que, segundo nosso participante, circula no imaginário brasileiro. Observamos, ainda, que a legalidade, para o imigrante, representa uma forma de construir-se e firmar-se em terra estrangeira, por isso, a importância do aval ou reconhecimento dos brasileiros, pois, somente assim poderia sentir-se livre para aqui viver.

Desse modo, considerando o que discutimos até aqui, finalizamos essa sessão com o entendimento de que imigrar não é apenas deslocar-se no espaço geográfico, há implicações subjetivas, há deslocamentos e múltiplas possibilidades de identificações, que puderam ser percebidas, nas sequências discursivas apresentadas, através da enunciação vacilante e suas marcas linguísticas.

Podemos destacar a identificação/desidentificação do enunciatador com sua própria língua materna, o crioulo, sendo esta até considerada como uma deformação do francês, mas, ao mesmo tempo, concebida como constitutiva do sujeito. Também a respeito da percepção dos nossos entrevistados sobre os brasileiros e seu suposto desinteresse em aprender línguas, é por meio do discurso injuntivo, do “*tem que*”, que os enunciadores reforçam a obrigação, a importância de aprender línguas, para atender à sua própria necessidade de comunicação, ao desejo de ser entendidos na sua própria língua e, além disso, ao desejo de serem aceitos.

Como nos diz Kristeva (1994),

Estranhamente, o estrangeiro habita em nós; ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamos-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o “nós” precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades (KRISTEVA, 1994, p. 9).

Se o estrangeiro nos habita, podemos concluir que somos todos estrangeiros, seja diante da língua, seja diante do outro, seja diante de nós mesmos. Verificamos, ainda, que nesse processo de constituição identitária do sujeito imigrante, a cultura tem papel importante e, por isso, na próxima sessão, dedicamos um trecho de nossa caminhada para problematizá-la.

#### 4.4 CULTURA: UMA QUESTÃO DE IDENTIFICAÇÃO

A palavra cultura nos remete a diversos significados: o ato de cultivar a terra ou criar animais; ou o conjunto de conhecimentos de uma pessoa ou de um grupo social; ou ainda o conjunto de padrões, comportamentos, tradições, costumes e valores de um povo ou civilização. Seja qual for a noção considerada, a cultura tem relação direta com a língua; podemos dizer que não há língua sem cultura, nem cultura sem língua.

Segundo De Nardi (2011), tratar da questão da cultura

[...] é sempre olhar para o Outro, para o que esse Outro, como *espelho*, significa enquanto lugar de constituição do sujeito: tentativa de afirmação do que é, do lugar de onde é, do seu eterno vir a ser; movimentos de inserção

do sujeito no simbólico que se produzem, sempre, de alguma forma, pelos olhos do Outro. (DE NARDI, 2011)

Por meio da cultura o sujeito se identifica com o outro e, dessa forma, sente-se parte de um grupo, de uma comunidade, de um país. O sentimento de pertença, de compartilhar os mesmos gostos, os mesmos costumes, as mesmas tradições e, inclusive, a mesma língua, atribui um lugar ao sujeito, possibilitando, dessa forma, que ele se identifique (Coracini, 2007). A cultura, considerada como um produto da ideologia, interpela e constitui o sujeito, pois, cria espaços de filiação, de identificação; naturaliza os sentidos e produz efeitos de evidência.

Compreender a cultura pelo viés da AD, segundo De Nardi (2011), é pensá-la em sua relação com o inconsciente e a ideologia, já que

[...] a cultura funciona para o sujeito como um espaço de identificação e define-se justamente pelo seu modo de funcionamento, ou seja, menos pelos conteúdos e mais pelos efeitos que produz: de naturalização, de pertencimento, de exclusão. (DE NARDI, 2011)

A autora compara os sistemas culturais às formações discursivas, capazes de regular, modalizar os discursos e os sujeitos. Sendo assim, não haveria unidade cultural, os sujeitos não partilham “da totalidade do que compreende uma cultura; sua participação é regulada por espaços de interdição que se criam no interior do próprio sistema” (DE NARDI, 2011). Isso acontece na própria cultura que o sujeito partilha, em sua comunidade, em seu país, como também, ocorre diante da cultura do outro, do estrangeiro, o que observamos nas narrativas de nossos entrevistados e que discorreremos mais adiante.

Desse modo, a ideologia determina sentidos de uma cultura, fornecendo aos sujeitos, que fazem parte daquele grupo ou nação, ilusão de unidade e de pertencimento, por meio das práticas de atos, de rituais, de tradições. Ao compartilhar da mesma cultura, dos mesmos costumes, o sujeito se diferencia dos demais, de outros grupos, de outras nações, além das fronteiras. É a cultura, também, que explica, ou justifica, certos atos, pensamentos e práticas que, por alguns, podem ser condenadas e questionadas.

Para Ramos (2015), esse entendimento de cultura pode causar a impressão de que, ao conhecer a(s) língua(s) e cultura de um povo, o sujeito já será



pertencente a ela. Todavia, o fato de conhecer não significa fazer parte, pois “as convenções não são recebidas da mesma maneira por sujeitos de culturas diferentes” (RAMOS, 2015, p. 4). Podemos trazer aqui o caso dos imigrantes, que partilham de uma (ou mais) língua(s), culturas e costumes em seu país de origem e, de uma hora para outra, por diversos motivos e circunstâncias, cruzam as fronteiras para viver num lugar estranho, com uma língua diferente e com uma cultura desconhecida. A cultura, assim como a língua, possibilita que identifiquemos os nacionais e diferenciemos os estrangeiros.

Nesse sentido, o sujeito acredita que para fazer parte de outra cultura, de seus costumes e tradições, “é importante dominar a língua em todos seus aspectos, como se o que é dito em uma língua pudesse ser dito em outra. Associado a esse aprendizado da língua, inclui-se também o aprendizado da cultura” (RAMOS, 2015, p.5). No entanto, sabemos que não temos controle sobre a língua, que o sentido do que dizemos sempre pode ser outro, dependendo das condições e do momento em que se produz o discurso. Quando nos deparamos com o outro, com a língua e a cultura do outro, somos afetados por um certo estranhamento, que pode gerar receio ou curiosidade, pois

Inscrever-se em outra cultura, em outra língua, implica ressignificar e ressignificar-se, encarar novos confrontos, novos questionamentos e ser falado por essa nova língua, além de nela se dizer. (RAMOS, 2015, p. 5)

A cultura contribui para criar um sentimento de unidade, de homogeneidade, ligada por meio do controle dos comportamentos sociais e que evidencia sentidos, criando efeitos de verdade. Ao vivenciar e compartilhar a cultura, é possível ser aceito por determinado grupo ou nação, o que caracteriza o sentimento de pertença.

Segundo as autoras, não há sujeito sem cultura, pois é através da relação língua-cultura que se dá sua inserção nas redes de sentido. Assim como a língua falha, a cultura também falha, pois é marcada por espaços de pertencimento e de interdição, de exclusão, já que participamos de uma cultura parcialmente, há lugares que nos são interditados, mesmo nos identificando com aquele sistema, com suas regras, com seus ritos. Por mais que o imigrante conheça a língua do outro, do país hospedeiro, conheça seus costumes, sua cultura, ainda assim, ele será um estrangeiro; haverá espaços onde ele não será aceito, como também, haverá

espaços que ele próprio não aceitará participar.

Para Coracini (2011), língua é sempre cultura, ambas estão atreladas e possibilitam ao sujeito diferentes maneiras de se ver e de ver o mundo que o cerca. Segundo a autora, os imigrantes estão “mergulhados na língua-cultura do outro”, atravessados e, dessa forma, também constituídos por ela.

Assim, considerando o exposto e a fim de discutirmos como se dá a relação/identificação do sujeito imigrante com a cultura do outro, trazemos a sequência discursiva abaixo:

*SD 24: (E4) Até a gente achou o Brasil como um país acolhedor maravilhoso / tem muitas pessoas bonitas também / com a etnia a gente vai misturando e vai / quando apresenta um brasileiro pra você sempre apresenta uma pessoa de etnia mestiça não apresenta nenhum branco nem um negro assim / é que a gente sabia pouco do Brasil [...] pra dizer a verdade é que fui passar as férias no Rio / é que no Rio eu me sentia mais em casa do que aqui em Chapecó [ah é, por quê?] por causa da cultura a gente não me achou diferente como aqui [aqui tu se acha diferente?] não é que acha mais diferente / lá tipo alguém perguntou se se eu não / se eu não era brasileiro só por causa do sotaque que achou diferente assim / mas aqui tu aparece num lugar / todo mundo já percebe que eu sou haitiano porque tu não é brasileiro e / a cultura deles é mais semelhante também à cultura do / à cultura do Haiti à cultura do Haiti [...] mas aqui no Sul / é que o Sul pra dizer a verdade / pra imigrante economicamente seria melhor / aqui no Sul / economicamente / mas tipo culturalmente / o Norte seria melhor / mas aqui eu gosto do Sul / eu não sei / eu gosto do clima*

Nessa SD, a enunciação vacilante pode ser identificada pelas frequentes pausas, frases incompletas, oscilação entre os pronomes “eu”, “tu”, “você” e “a gente”, denegação e uso da adversativa “mas”. Essas marcas linguísticas, analisadas individualmente, nos apontam para um enunciador que vacila, que se contradiz, em conflito. Está falando sobre cultura, mas, diz cultura para não dizer o quê? Há um desconforto, um estranhamento, um não pertencimento, que faz com que o participante trate como cultura algo que para ele, nos parece, seja preconceito ou racismo.

Ao utilizar o marcador linguístico “até” em “Até a gente achou o Brasil como um país acolhedor maravilhoso”, que funciona aqui como um advérbio de inclusão, o enunciador tenta passar sua visão positiva do Brasil, mas, acaba negando isso logo

depois, ao reconhecer “*é que a gente sabia pouco do Brasil*”. Essa contradição também se marca na repetição da expressão “*pra dizer a verdade*”, como se tudo que foi dito até ali não procedesse, estava mascarando sua impressão do Brasil.

Ao enunciar que se sentia mais em casa no Rio de Janeiro “*por causa da cultura a gente não me achou diferente como aqui*”, entendemos que isso se dá porque lá ele era reconhecido e identificado como igual aos outros, sentindo-se, assim, acolhido, ao contrário do acontecia em Chapecó. Vimos no capítulo anterior que o sujeito se sente em casa quando se identifica com o local e, principalmente, com a língua, seja ela materna ou estrangeira. Nessa SD, o participante diz que uma das razões que o fizeram sentir-se “*mais em casa*” no Rio de Janeiro foi que “*lá tipo alguém perguntou se se eu não / se eu não era brasileiro só por causa do sotaque que achou diferente assim*”. Conforme Coracini (2011, p. 149), “o sotaque é uma marca audível, física de uma língua-cultura, de um modo de ser e de viver, cujas diferenças causam estranhamento, incomodam, separam, segregam”. O sotaque identifica a origem do sujeito, mas, ao mesmo tempo, o desloca do espaço físico, o deixa no meio do caminho, nem brasileiro, nem haitiano, ou haitiano e brasileiro ao mesmo tempo. Isso nos direciona para um sujeito dividido, incompleto, entre-lugares e entre-línguas o que, no nosso entendimento, é característica do sujeito imigrante.

Ainda sobre essa identificação com o Rio de Janeiro, acreditamos que ela ocorra, em especial, com as pessoas que vivem lá, principalmente porque nessa região há presença numerosa da raça negra, o que não ocorre na cidade onde vive o imigrante haitiano. A questão do preconceito racial fica destacada quando o participante enuncia “*quando apresenta um brasileiro pra você sempre apresenta uma pessoa de etnia mestiça não apresenta nenhum branco nem um negro assim*” e “*mas aqui tu aparece num lugar / todo mundo já percebe que eu sou haitiano porque tu não é brasileiro*”. Essa repetição nos indica uma cicatriz, uma marca em sua constituição identitária e que, por isso, insiste em emergir, em ficar evidente, mesmo que o enunciador tente negar esse sentimento, buscando amenizar sua percepção negativa utilizando por três vezes a adversativa “*mas*”, justificando que apesar de sentir-se melhor, em casa, no Sudeste do país, é no Sul que estão as melhores oportunidades para os imigrantes. Outrossim, a oscilação dos pronomes “*eu*”, “*tu*”, “*você*” e “*a gente*”, incluem o outro no discurso; ao falar de si, fala pelo(do) outro

também. O “*a gente*”, especialmente, por vezes remete ao povo haitiano (incluindo o próprio enunciador), a todas as pessoas (incluindo a pesquisadora) e também, aos habitantes do Rio de Janeiro, indicando uma marca linguística característica do português brasileiro e que foi incorporada pelo enunciador.

Consideramos essa SD fortemente marcada pelo vacilo, pela contradição do enunciador, que em alguns momentos diz sentir-se melhor no Sudeste (ou Norte, como ele enuncia), e em outros, diz que para o imigrante é melhor o Sul, mas, por um lapso “*eu não sei*”, acaba por negar o que está afirmando. É um sujeito que se identifica e desidentifica ao mesmo tempo, seja com o lugar, seja com as pessoas. Entendemos que a cultura a que ele se refere não se trata tanto dos costumes e tradições desta ou daquela região do país, mas, sim, pela língua e pelo modo como é recebido pelo hospedeiro, como é visto pelo outro. Conforme Derrida (2003), tanto a acolhida como o asilo passam pela língua e, conseqüentemente, pela cultura e, mesmo não falando a mesma língua, “qualquer um pode me parecer menos 'estrangeiro' se ele partilha comigo uma cultura” (DERRIDA, 2003, p. 115).

Essa mesma comparação e identificação com o Sudeste do Brasil pode ser observada na seqüência abaixo:

SD 25: (E5) *Ahhh / o Chapecó não / não é o mesmo do que o São Paulo (risos) isso é certo! / é uma cidade bem pequena e todo mundo / e quando tava andando lá na rua todo mundo fica assim (faz expressão de surpresa) / todo mundo me olhando e / eu fiquei estranha (risos) [é?] eu fiquei estranha [em São Paulo não foi assim?] não! / ninguém olha ninguém (risos) no São Paulo / ninguém olha ninguém*

Aqui, é possível identificarmos um discurso injuntivo, de afirmação, de certeza, que nos aponta para a enunciação vacilante e que indicia o sentimento de estranhamento do enunciador, quando compara as cidades de Chapecó e São Paulo, além de seu incômodo em relatar que não se sente bem aqui. Embora não explicita, nessa SD, a questão do racismo ou preconceito, o participante relata que ficou “*estranha*” porque aqui, na rua, “*todo mundo*” fica lhe olhando e em São Paulo, ele passa despercebido, o que o faz sentir-se mais confortável.

Acreditamos que essa comparação entre as cidades ocorra em função da construção de um estereótipo, do imaginário sobre o Brasil, uma imagem idealizada

de que em São Paulo, por ser a cidade mais populosa do país, não há preconceito, “ninguém olha ninguém”, todos são iguais, mas, também, são ignorados, não são vistos. Já Chapecó, por ser uma cidade pequena, do interior, com população predominantemente branca<sup>28</sup>, o participante considera que há preconceito e discriminação com os imigrantes, não tanto por serem estrangeiros, mas principalmente, por serem negros. Sobre essa questão, é importante considerar que no Sul do Brasil, a imigração (principalmente a europeia), sempre foi elogiada e motivo de orgulho, e agora, com a chegada dos haitianos, também imigrantes, mas negros, parece existir, conforme nossos participantes, recusa em aceitá-los, um sentimento de preconceito e discriminação.

Ainda segundo Handerson (2015), um dos principais motivos que justificaram a vinda dos haitianos ao Brasil foi a propagação de um discurso de país de todas as raças, sem discriminações, um “paraíso racial”, principalmente no imaginário daqueles que já sofriam esse tipo de discriminação em outros países, como República Dominicana e Equador. Não sabemos se esse é o caso do enunciador, mas, antes de vir ao Brasil, ele passou uma temporada na República Dominicana e isso pode ter relação com esse discurso.

Além disso, a necessidade de ser injuntivo, de mostrar uma segurança, como em “*isso é certo!*” (ao enunciar que São Paulo não é igual a Chapecó), pode estar ocultando sua insegurança. É uma tentativa do participante apagar uma tensão existente entre ele e o outro, que passa também pela língua. Outrossim, há uma generalização, com os marcadores linguísticos “*todo mundo*” e “*ninguém*”, que pode fazer referência tanto aos brasileiros quanto a ele próprio, ou ainda, incluindo outros imigrantes que aqui vivem.

Desse modo, segundo DE NARDI (2009, p. 129), “o sujeito está na cultura assim como está na linguagem, e essa relação implica, necessariamente, olhar para o Outro como um lugar de identificação”. Na psicanálise lacaniana, o sujeito se constitui por meio do discurso do outro, estabelecendo-se assim, uma ligação, uma união entre língua, cultura e sujeito. Essa relação ficou marcada nas sequências discursivas que apresentamos neste tópico, nas quais pudemos verificar que os

---

28 Informação referente ao Censo 2010 do IBGE, disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420420&search=santa-catarina>. (Acesso em 12 de novembro de 2016.)

enunciadores se identificaram com a cultura que, para eles, não apresentava sinais de preconceito e discriminação, na qual todos eram (ou pareciam ser) iguais e o que os diferenciava era apenas um sotaque na língua.

Levando em consideração o que discutimos até aqui, por meio da articulação de pressupostos teóricos com a análise das entrevistas, finalizamos esse capítulo entendendo a constituição identitária como incompleta, em construção, que se dá através da relação do sujeito com a língua, com a cultura, com o outro e com a língua e a cultura do outro também.

Constatamos nas narrativas de nossos participantes, por meio da enunciação vacilante, manifestada principalmente pelo discurso injuntivo e pela hesitação, marcas que nos apontam para um sujeito cindido, heterogêneo, que se encontra no espaço entre - entre-línguas, entre-culturas. Um sujeito que se identifica e desidentifica e, devido a isso, por vezes, sente-se interditado, vacila, exita, se contradiz. Isso provoca, ao mesmo tempo, sentimentos de exclusão e de pertencimento, que se deixam mostrar, (re)velar como cicatrizes, no discurso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomamos a escrita desta dissertação como uma caminhada. Nosso percurso foi longo, não havia um trajeto definido, não havia apenas um caminho a ser seguido. Fomos guiados pelo nosso grande objetivo: compreender como a relação entre línguas e culturas interfere na constituição identitária do sujeito migrante. Para alcançá-lo, foi preciso planejar, traçar e estruturar nossas metas, fazer escolhas.

Consideramos como pressuposto que o sujeito se constitui na e pela linguagem e, a partir daí, buscamos analisar traços discursivos presentes em narrativas de migrantes haitianos, no intuito de tentar identificar marcas ou cicatrizes discursivas produzidas pela relação entre-línguas e culturas, entre as línguas materna(s) e estrangeira(s), e como essas marcas produziam efeitos na constituição identitária do sujeito, sempre incompleta, em construção. Para tanto, formulamos a hipótese de que esses migrantes vivem o conflito e a tensão entre as línguas materna e estrangeira, o que acaba provocando efeitos de resistência, interdição e silenciamento frente a língua do outro. E essa hipótese foi sendo confirmada a cada entrevista, a cada sequência discursiva selecionada, a cada análise produzida.

Vimos no **Capítulo I – Iniciando o percurso**, a apresentação de nossa metodologia de pesquisa; a organização da análise e a descrição do *corpus*. Anunciamos as condições de produção, o contexto da migração haitiana ao Brasil e a entrada na Universidade, local onde realizamos nossas entrevistas. Nesse capítulo, também apresentamos uma noção importante, identificada nas narrativas e que se mostrou como a marca discursiva condutora do nosso trabalho: a enunciação vacilante. Segundo Paulillo (2004), trata-se de um dizer marcado por modalizações, constatadas pelo discurso injuntivo, por pausas frequentes na enunciação, gaguejo, frases incompletas, repetições de palavras ou expressões, além de outros marcadores linguísticos, que podem ser considerados como tentativas de completar as lacunas, os vazios do discurso e do sujeito. Por meio dessa marca discursiva, foi possível tecer interpretações, gestos de leitura das narrativas de nossos enunciantes.

Já no **Capítulo II – O encontro com a língua**, abordamos a concepção discursiva de língua, trazendo à baila noções de língua materna e estrangeira. Ao

articularmos pressupostos teóricos com o dispositivo analítico, pudemos identificar algumas representações de língua, presentes no discurso de nossos entrevistados. Predomina a concepção de língua materna como constitutiva do sujeito, língua que vem do berço, ensinada pela mãe, pelo pai; língua que estabelece um laço de união entre os haitianos, tida como o crioulo. Já o francês, língua oficial do Haiti, também considerada (ou imposta) como língua materna, não identifica o povo haitiano, é vista como uma língua que segrega, que diferencia; uma língua marcada pelo dever, pela obrigação, enfim, uma língua que “*os haitianos precisam*”.

A língua estrangeira, por sua vez, é considerada pelos nossos entrevistados como a língua que vem de fora, do outro, do estrangeiro e que precisa ser aprendida, seja por interesse ou por necessidade. É a língua portuguesa, apontada como estranha, difícil, mas, que “*tem que*” aprender, pois, estão no Brasil e necessitam comunicar-se por meio dela. Também é a língua do dever, da obrigação; é a língua que desperta curiosidade e, do mesmo modo, receio. É a língua que interdita, silencia; que questiona o sujeito.

Essa relação entre línguas nem sempre é tranquila, por vezes é problemática e produz marcas, cicatrizes no sujeito, que afetam sua constituição identitária. Destacamos que a principal cicatriz identificada no discurso de nossos participantes é proveniente da relação vivida entre crioulo e francês. O sujeito se vê entre a língua que o constitui, com qual se identifica, que considera materna (crioulo) e a língua imposta pelo Governo, a língua que ele precisa saber, a língua que separa e segrega (francês). Parece-nos que há um duplo dever que lhe é imposto: deve aprender crioulo para fazer parte da família, do grupo, da nação, para sentir-se haitiano; e, deve aprender francês, língua oficial do Haiti, por uma determinação do Estado. Essa cicatriz afeta o sujeito, que se sente dividido, incompleto, e que parece buscar o preenchimento da falta que o constitui por meio de outras línguas, de outras culturas. Isso poderia explicar seu desejo de migrar, de viajar para outros países, de estar em constante mobilidade e, como vimos no capítulo dois, essa é uma característica do povo haitiano.

Identificamos que essa cicatriz se manifesta por meio da resistência, da interdição e do silenciamento diante da sua própria língua, da língua do outro e, também, diante do outro. Através da enunciação vacilante, das modalizações no



dizer, das hesitações, observamos a resistência do imigrante diante da língua portuguesa e também, diante do brasileiro, do hospedeiro. Resistência a entrar na ordem da língua do outro, a assujeitar-se ao outro, à imposição de ter que aprender a língua portuguesa, considerando que deveria vir do brasileiro essa contrapartida, esse interesse em aprender outras línguas, para facilitar a comunicação com ele, para melhor recebê-lo, para acolhê-lo.

Percebemos, ainda, que essa cicatriz, proveniente da relação entre crioulo e francês, também afeta o contato e a aprendizagem de outras línguas. Pelas narrativas, foi possível identificarmos que nem sempre a maior dificuldade para o imigrante é aprender a nova língua, suas regras e normas, e sim, dar voz a essa língua, deixar as palavras “caírem”, poder dizer e ser entendido pelo outro. A língua estrangeira afeta o corpo e diante desse obstáculo, o silenciamento se instala e produz ecos, produz efeitos na identidade do sujeito imigrante.

Assim, no **Capítulo III – A incompletude do sujeito**, apresentamos a noção de sujeito como incompleto, heterogêneo, que não tem controle de si nem de seu dizer e, discutimos a questão da constituição identitária e da subjetividade, buscando compreender como se constitui o sujeito no espaço entre-línguas e culturas. Trabalhamos com a noção de identificação como algo em construção, que se molda a partir das relações do sujeito com a língua, com o outro e também, com a língua e a cultura do outro. No que diz respeito ao imigrante, ao estrangeiro, entendemos que nesse processo de deslocamento, para além das fronteiras, há múltiplas possibilidades de identificação, e isso afeta sua constituição identitária.

Encontramos um sujeito dividido entre o aqui e o lá, que vive a mistura e a clivagem das línguas. Um sujeito “*de muitas almas, que a cada momento muda*”<sup>29</sup>; que se identifica com o crioulo, para garantir a pertença ao grupo, para sentir-se haitiano e, também, se identifica com o francês, com a língua do dever, que é necessária para sentir-se parte do Haiti, como cidadão. São almas que mudam, mas, também, mudas, caladas, pois o sujeito continuamente se estranha, consigo mesmo e com o outro, com a sua língua e a língua do outro, o que pode acabar deixando-o mudo, em silêncio.

Nessa relação entre-línguas, por vezes conflituosa, se apresenta a língua

---

29 Aqui fazemos referência à epígrafe apresentada no início desta dissertação (poema “Não sei quantas almas tenho”, de Fernando Pessoa).

portuguesa, língua do país que vivem agora e que também é vista como uma obrigação, uma imposição do hospedeiro. Neste cenário, transita o sujeito, de uma língua para outra, de acordo com o momento e a circunstância, de acordo com a necessidade, buscando a completude, seja de si, seja da língua.

Ao retomarmos nossos objetivos específicos, acreditamos que conseguimos atingi-los, pois identificamos marcas produzidas pela relação entre-línguas, tais foram a resistência, a interdição e o silenciamento; discutimos como se dá o processo de constituição identitária desses sujeitos, considerando o plurilinguismo, e encontramos um sujeito dividido entre a língua que considera materna (crioulo) e a língua que ele precisa (francês); e por fim, descrevemos traços da memória discursiva, como o discurso historicamente repetido de que francês e crioulo são as línguas maternas dos haitianos; a noção de língua materna como algo que nasce com o sujeito, e que ressoam no discurso de nossos participantes.

Nessa tentativa de colocar um ponto final em nosso trabalho, destacamos que este é apenas o nosso gesto de leitura, de interpretação; outras possibilidades existem, a partir de novos olhares, de novos caminhos. Reconhecemos que no momento de efetuarmos as entrevistas, ainda no início do projeto de pesquisa, pressupomos que nossos entrevistados teriam dificuldades com as línguas e isso acabou conduzindo-nos ao gesto de interpretação presente neste trabalho. Só foi possível dar-nos conta desse “efeito de evidência” ao longo do desenvolvimento do trabalho de pesquisa, do estudo dos conceitos teóricos e das metodologias de análise. De certo modo, isso mostra nossa posição como analista, buscando no material de análise, encontrar as respostas para nossas perguntas e objetivos de pesquisa.

Assim, considerando o trabalho realizado, é possível afirmar que no espaço entre-línguas (Coracini, 2007), onde se encontram os imigrantes haitianos, situados entre línguas e culturas, entre o familiar e o estranho, entre o materno e o estrangeiro, emergem cicatrizes discursivas, marcas de resistência, interdição e silenciamento, que apontamos em nossa hipótese, e que, por sua vez, foram identificadas por meio da enunciação vacilante, do dizer atravessado por modalizações e hesitações. Essa marca discursiva, predominante em nosso *corpus*, nos direciona para sujeitos divididos, que vivem entre línguas e culturas e que

buscam, por meio da relação com o outro, da identificação com o outro, a sua completude.

Dessa forma, encerramos nossa caminhada retomando a epígrafe que abre esta dissertação, *“não sei quantas almas tenho / cada momento mudei / continuamente me estranho / nunca me vi nem achei”*, compreendendo o sujeito como incompleto, cindido, que muda, que se identifica a cada contato com o outro, com a língua do outro e com a sua própria língua. Esse é o sujeito imigrante, é o estrangeiro, enfim, somos todos nós...

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Cleonete M.; PIMENTEL, Marília L. C. A língua como fator de inserção de haitianos no mercado de trabalho em Porto Velho. **Rev. Igarapé**, Porto Velho (RO), v.1, n.5, p. 22 - 42, 2015.
- AGUSTINI, Carmen L.H. Dobras interdiscursivas e efeitos imaginários: a ilusão de subjetividade. **Língua e instrumentos linguísticos**. Campinas, n. 3, p. 47-75, janeiro/junho de 1999.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BAHBHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BALZAN, Fabíola P.; DE NARDI, Fabiele S. Relações entre cultura e ensino: um olhar discursivo sobre as políticas públicas para formação de professores. **Organon** (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28641>. Acesso em 4 de março de 2016.
- BAUMAN, Zygmunt (2001). **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BRANDÃO, Helena H.N. **Introdução à análise de discurso**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRESSAN, Mariele Z.; RAMOS, Thaís V. “A cultura merece que se lute por ela”- (re)pensando o sujeito do discurso. **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, 11, 2014. Chapecó/SC. Disponível em: [http://www.celsul.org.br/evento/anais\\_celsul\\_2014/23](http://www.celsul.org.br/evento/anais_celsul_2014/23)>. Acesso em 4 de março de 2016.
- BORDIGNON, Sandra de A. F; PIOVEZANA, Leonel. Inserção social e escolar dos haitianos em Santa Catarina. **VI Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade – Rio 2015**. Anais eletrônicos. Disponível em <http://www.rio2015.esocite.org/site/anaisarquivoresumo>. Acesso em 01 de dezembro de 2015.
- CAVALLARI, Juliana S.; UYENO, Elzira Y. **Bilinguismos**: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras. Vol. 9. Campinas: Pontes Editores, 2011.

CORACINI, Maria José (Org). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes Editores, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade & Discurso: (des)contruindo subjetividades**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidades Silenciadas e (In)visíveis: entre a ilusão e a exclusão**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

CORACINI, Maria José. Subjetividade e identidade do professor de Português (LM). **Trabalhos em Linguística Aplicada** (UNICAMP). Campinas, v. 36, jul/dez 2000. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2509>. Acesso em 15 de maio de 2016.

\_\_\_\_\_. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. A constituição identitária do tradutor: a questão da (auto-) censura. **Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores**. São Paulo, nº 17, 2008.

\_\_\_\_\_. Silêncio, interdito, real do discurso: a questão do estranhamento em migrantes no Estado de São Paulo. In: INDURSKY, Freda et al. **Memória e história da/na análise de discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. Entre adquirir e aprender uma língua: subjetividade e polifonia. **Bakhtiniana**. São Paulo, 9 (2): 4-24, Ago./Dez. 2014.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Travessia**. São Paulo, v. 70, p. 99-106, 2012.

\_\_\_\_\_. Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè1: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. **Revista Universitas: Relações Internacionais**. Brasília, v. 12, n. 1, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

DE NARDI, Fabiele S. Língua, cultura e competência: questões para o ensino e o discurso. In: INDURSKY, Freda et al. **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 125-132.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a cultura no território da AD: um lugar para o conceito e cultura no campo da ideologia, do inconsciente e da(s) política(s). **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 5, 2011. Porto Alegre. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/5SEAD/SIMPOSIOS>>.

Acesso em 4 de março de 2016.

DERRIDA, Jacques. **O monoliguismo do outro**. Ou a prótese de origem. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Objetiva, 2009.

ECKERT-HOFF, Beatriz M. **O dizer da prática na formação do professor**. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **Escritura de si e identidade**: o sujeito-professor em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

FERNANDES, Duval. **Projeto Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**. PUC Minas, Belo Horizonte, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina L. O caráter singular da língua no discurso. **Organon** (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 17, n. 35, 2003, p. 189-200.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon** (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 24, n. 48, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 13ª Edição. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política** (Ditos e Escritos V). Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro, Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund (1919). "O estranho" (*Das Unheimliche*). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

GHIRALDELO, Claudete. **As representações de língua materna**: entre o desejo de completude e a falta do sujeito. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaide La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MARQUES, Pâmela M. Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 99-112, jun. 2012. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/rebela/revista/volume-2-n%C3%BAmero-2-2012/rebela/revista/artigo/outras-est%C3%B3rias-haitianas-educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

MELMANN, Charles. **Imigrantes: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo: Escuta, 1992.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

OLIVEIRA, Gilvan M. Políticas Linguísticas: uma entrevista com Gilvan Müller de Oliveira. **ReVEL**, v. 14, n. 26, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/e92f933a3b0ca404b70a1698852e4ebd.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2016.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista - Discurso do confronto: velho e novo mundo**. Campinas: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Do sujeito na história e no simbólico. In: **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

PAULILLO, Rosana. **A enunciação vacilante: formas do heterogêneo no discurso de si**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PAULON, Clarice P., TFOUNI, Leda V. O silêncio na constituição subjetiva. **Silêncio e Interdito: discurso em movimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PAYER, Maria O. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et al], 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux**. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 – 105.

\_\_\_\_\_. A Análise do Discurso: três épocas. Trad. J. de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 311-320.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P.(org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi, 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

PEIXOTO, Mariana R. B. S. **Identidades em trânsito: ser-estar entre línguas-culturas e pobreza**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2013.

RAMOS, Thaís Valim. Para além de rituais e costumes: o que podemos dizer sobre a noção de cultura em Análise do Discurso? **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 7, 2015. Recife. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.discursosead.com.br/simposio7>

RESOLUÇÃO Nº 32/2013 – CONSUNI/UFFS. Disponível em [http://www.uffs.edu.br/images/sic/SECOC/032\\_-\\_Institui\\_o\\_PROHAITI.pdf](http://www.uffs.edu.br/images/sic/SECOC/032_-_Institui_o_PROHAITI.pdf). Acesso em 12 de maio de 2015.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin (et al). São Carlos: Claraluz, 2005.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. 4ª ed. Campinas, SP: Mercado das Letras. São Paulo, SP: FAPESP, 2006.



RODRIGUES, Luiz Carlos B. **Francês, Crioulo e Vodou: A relação entre língua e religião no Haiti**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

STÜBE NETTO, Angela Derlise. **Tramas da subjetividade no espaço Entre-Línguas: narrativas de professores de Língua Portuguesa em Contexto de Imigração**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

TFOUNI, Fabio Elias V. Interdito, silêncio e as modalidades da lógica aristotélica na linguagem. **Silêncio e Interdito: discurso em movimento**. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2016.

TIBOLLA, Flávia Rosane C. **'Me tocou virar tudo': cicatrizes discursivas em narrativas de descendentes de imigrantes italianos**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul, 2014.

ZAMBERLAM, Jurandir et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil**. Haitianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Solidus, 2014.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

Universidade Federal da Fronteira Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – PPGE  
Mestrado em Estudos Linguísticos

Pesquisa de Mestrado: “Constituição identitária no espaço entre-línguas: marcas discursivas nas narrativas de imigrantes haitianos”

Pesquisadora: Debora Cristina Costa

Orientadora: Profa. Dra. Angela Derlise Stübe

#### PERFIL SOCIOCULTURAL

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: ( ) masculino ( ) feminino

Curso de graduação: \_\_\_\_\_

Semestre/Fase: \_\_\_\_\_

1. Qual seu estado civil?

( ) Solteiro(a)

( ) Casado (a)

( ) Separado(a) / Desquitado(a) / Divorciado(a)

( ) União estável

( ) Viúvo(a)

2. Onde você nasceu?

3. Há quanto tempo vive no Brasil?

4. Há quanto tempo vive em Chapecó/SC?

5. Onde e com quem você mora?

6. Você trabalha atualmente? Onde e qual sua ocupação?

7. Qual é sua formação?

8. Você trabalhava antes de vir ao Brasil? Em quê?

9. Você vive com sua família?

10. Você auxilia sua família financeiramente?

11. Pensa em voltar ao seu país? Por quê?